



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Antonio Ferreira Leite (Mestrando)

Alecsandro J. P. Ratts (Orientador)

**Giros e pousos, moradores e foliões:
identidade territorial e mobilidade espacial
na folia de reis da “comunidade negra rural”
de Água Limpa, Faina, Goiás**

GOIÂNIA

2008



Termo de Ciência e de Autorização para Disponibilizar as Teses e Dissertações Eletrônicas (TEDE) na Biblioteca Digital da UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás-UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

11. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

12. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor(a):	Antonio Ferreira Leite				
CPF:		E-mail:	atonleite@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não					
Vínculo Empregatício do autor	Professor				
Agência de fomento:	-		Sigla:		
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:	
Título:	Giros e pousos, moradores e foliões: identidade territorial e mobilidade espacial na folia de reis da "comunidade negra rural" de Água Limpa, Faina, Goiás				
Palavras-chave:	Comunidade Negra Rural, identidade, cultura, deslocamento, mobilidade espacial				
Título em outra língua:	Turns and lays, residents and "foliões": territorial identity and space mobility in Folia de Reis of "rural black community" of Água Limpa, Faina, Goiás.				
Palavras-chave em outra língua:	Black Community, identity, culture, movement, spatial mobility.				
Área de concentração:	Geografia Cultural				
Data defesa: (dd/mm/aa)	17/10/2008				
Programa de Pós-Graduação:	Geografia - IESA/UFG				
Orientador(a):	Prof. Dr. Alecsandro JP Ratts				
CPF:		E-mail:	ratts@iesa.ufg.br		
Co-orientador(a):					
CPF:		E-mail:			

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização?¹ total parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

Capítulos. Especifique: _____

Outras restrições: _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: **23/ 04/2009**

Antonio Ferreira Leite

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Antonio Ferreira Leite (Mestrando)

Alecsandro J. P. Ratts (Orientador)

**Giros e pousos, moradores e foliões:
identidade territorial e mobilidade espacial
na folia de reis da “comunidade negra rural”
de Água Limpa, Faina, Goiás**

Dissertação de Mestrado em Geografia Cultural, apresentada ao Instituto de Estudos Sócio-Ambientais Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia da UFG, como requisito para obtenção do título de mestre, orientada pelo professor Dr. Alecsandro J. P. Ratts.

GOIÂNIA

2008

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(GPT/BC/UFG)**

Leite, Antonio Ferreira.
S L533g **Giros e pousos, moradores e foliões [manuscrito]: identidade territorial e mobilidade espacial na folia de reis da “comunidade negra rural” de Água Limpa, Faina, Goiás / Antonio Ferreira Leite. – 2008.**
x,125 f.: il., color., fotos, mapas.

Orientador: Prof. Dr. Alecsandro J.P. Ratts

**Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Instituto
de Estudos Sócio-Ambientais, 2008.**

Bibliografia: 118-122.

**Inclui lista de mapas e fotografias.
Anexo.**

1. Comunidade negra rural – água Limpa (GO) 2. Identidade cultural 3. Mobilidade espacial I. Ratts, Alecsandro J.P. II. Universidade Federal de Goiás, **Instituto de Estudos Sócio-Ambientais.** III. Título.

CDU: 316.334.55(=414/=45)(817.3)

Antonio Ferreira Leite (Mestrando)

Alecsandro J. P. Ratts (Orientador)

**Giros e pousos, moradores e foliões:
identidade territorial e mobilidade espacial
na folia de reis da “comunidade negra rural”
de Água Limpa, Faina, Goiás**

Dissertação defendida e aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Alecsandro JP Ratts – UFG
Universidade Federal de Goiás
Orientador

Prof. Dr. Manoel Calaça
Universidade Federal de Goiás
Membro titular

Profa. Dra. Maria de Fátima Rodrigues
Professora da Universidade Federal da Paraíba
Membro titular

Profa. Dra. Beatriz Soares
Universidade Federal de Uberlândia
Membro suplente

A todos meus familiares que me alicerçaram durante os meus estudos amparando-me em suas casas sem ter hora certa para chegar ou sair, sempre me incentivando para esta conquista, saibam que sou muito grato a cada um(a) de vocês.

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que tiveram participação para a realização deste trabalho. Ao apontá-las para agradecer, podemos correr o risco da omissão de alguém. Mas, dentre as que mais próximas estiveram, devemos destacar o professor Dr. Alex Ratts, pela orientação segura e amiga e pelas tantas vezes que nos acompanhou na pesquisa de campo. Pelo acolhimento em sua residência, ficando até altas horas da madrugada fazendo leituras e correções dos textos sem medir esforços. Ao Welberg Vinícius pelo árduo trabalho de mapeamento da comunidade e da Folia. A você Professora Kênia que tem nos ajudado desde a formatação do meu Currículo Lattes em 2005, sempre que solicitamos sua ajuda sua disposição sempre foi inegável. Douglas Silva e Diogo Marçal pela dureza dos campos que fizemos juntos, apontamentos importantes, indicação de bibliografia, boas fotografias tiradas na comunidade e cedidas para uso no trabalho. Igor e Ana Paula saibam que a grandiosidade interior que vocês têm, nos ensina e faz com que nos tornamos admiradores de vocês.

Portanto, podemos dizer que fazer parte desse grupo é aprender a ser solidário, discutir e problematizar idéias sempre em prol do crescimento individual e coletivo. Assim, somos gratos por ter vocês como amigos(as) e contem conosco sempre.

À professora Eldirene Vieira de Oliveira Leite, minha esposa, pela participação na questão teórica e pelas leituras, críticas e sugestões que foram necessárias para a realização do trabalho. Pelo suporte emocional, pelo paciente trabalho de nos acompanhar em várias viagens para pesquisa de campo e pela ajuda na datilografia dos manuscritos. Ao meu filho Gabriel que por várias vezes riscou meus livros, apertou as teclas desordenadamente ajudando-me conforme a sua maneira e a minha filha Natália pela alegria de tê-la.

Agradecemos à comissão dos bolsistas do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás. Agradecemos também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES Brasil, pela concessão da bolsa de estudos que muito nos ajudou durante a realização do curso.

Por fim, às pessoas de boa vontade que concordaram em falar da comunidade, de suas histórias de vida e das tradições culturais das famílias que ali residem ou as que se deslocaram para espaços urbanos. Sem as quais este trabalho não seria possível. Não vamos citar nomes para não correr o risco de ser injusto com alguém, a todos(as) vocês minha gratidão.

Sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens. Somando tudo isso, nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura.

Clifford Geertz

RESUMO

Na história da formação identitária e cultural da população brasileira os diversos tipos de grupos étnicos, em especial os quilombolas, sempre tiveram participação na construção social do Brasil. Por outro lado, os mesmos sempre foram relegados a um plano secundário face às políticas vigentes. Em relação ao objeto de estudo onde foi desenvolvido a pesquisa, pode-se dizer que os(as) integrantes da comunidade negra rural Água Limpa constrói um território alternativo ligado a uma identidade territorial articulada em torno das matrizes culturais deixadas pelos seus ancestrais. O território agualimpense e a identidade do grupo é o resultado de compromissos de homens e mulheres que possibilita a afirmação individual e coletiva daqueles(as) que a compõem. Faz-se necessário dizer que a mobilidade espacial que têm provocado a saída de vários(as) moradores(as) que migram em direção às cidades nos últimos anos, não têm sido fator determinante para caracterizar um desapego às suas tradições e identidade cultural construídos na comunidade. Foi observado no decorrer da pesquisa que os hábitos desses indivíduos apesar de urbanos, não perdeu o vínculo com seu lugar de origem. Isso quer dizer que se mantêm uma identidade cultural que mesmo com as diversidades de usos e funções que as cidades apresentam seu modo de relacionamento humano e cultural consegue ter uma continuidade. Esta pesquisa objetiva-se contribuir para o atual debate a cerca da Geografia Cultural e principalmente das comunidades quilombolas, em especial Água Limpa, discutindo sua identidade cultural e territorial, verificando as novas necessidades de repensar o conceito de território quilombola e suas possibilidades de desenvolvimento para o bem estar de seus habitantes. As diferenças étnicas como riqueza da raça humana apresenta características que são reproduzidas pelo próprio grupo, ou seja, representam verdadeiros dispositivos identitários e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade Negra Rural, identidade, cultura, deslocamento, mobilidade espacial

ABSTRACT

In the identity and cultural history of the formation of Brazilian population the several kinds of ethnic group, in special the *quilombolas*, always had participation in the social construction of Brazil. On the other hand, the same ones always were put in a secondary plan up against current policies. In relation to the object of study where it was developed this research, it is all right that the members of the Rural Black community Água Limpa builds an alternative territory linked to an identity territory around cultural nuances left their ancestries. The Água Limpa territory and the identity of the group is the result of responsibility of men and women that make possible the individual and collective statement composed by those ones. It is necessary also to say that space motion that has caused by the exit of several residents that migrate toward cities last years, hasn't been a determinate factor to characterize a motion away their traditions and cultural identity built in the community. It was noticed along of this research that habits of these people despite to be in cities, they didn't lose the link with their birth place. It means they keep a cultural identity that even with the several uses and functions that the cities present their way of human and cultural relationship get to have a continuation. This research has the objective to contribute for the current debate about the Cultural Geography mainly of *quilombolas* communities specially the Água Limpa one, discussing its cultural and territory identity, checking the new needs to think again the meaning of *quilombola* territory and its possibilities of development for the well-being of its residents. The ethnic differences as richness of human race present characteristics that are reproduced by the own group, that is, depict true identity and cultural devices.

Keywords: Rural Black Community, identity, culture, movement, spatial mobility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPAS

Mapa de localização da área do trajeto da Folia de Reis de Água Limpa 200816

Mapa de localização das casas visitadas pela Folia de Reis de Água Limpa 200817

FOTOGRAFIAS

Fotografias do Capítulo I46-8

Fotografias do Capítulo II84-8

Fotografias do Capítulo III115

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
ÁGUA LIMPA: UMA COMUNIDADE MARCADA PELA MOBILIDADE ESPACIAL	18
1.1 - Água Limpa: a localidade e a mobilidade	20
1.2 - As Atividades Produtivas das Famílias de Água Limpa	26
1.3 - Uma Relação de Identificação com o Território.....	35
CAPÍTULO II	
FOLIA DE REIS: UMA TRADIÇÃO QUE MOBILIZA A COMUNIDADE	49
2.1 - Narrativas na Transmissão da Cultura	51
2.2 - Os Ritos e Práticas Espaciais na Folia	64
2.3 - Devoção aos Santos Reis e Relações de Proximidade	75
CAPÍTULO III	
DESLOCAMENTO ESPACIAL NA ÉPOCA DA FOLIA	89
3.1 - O Deslocamento das Famílias	89
3.2 - Cumprimento de Promessas a Santos Reis	98
3.3 - Um Momento para Reunir as Famílias	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
BIBLIOGRAFIA	118
ANEXOS	123
ANEXO A - Lista de Entrevistados	123
ANEXO B - Roteiro das Entrevistas para os(as) Moradores(as) da Comunidade	124
ANEXO C - Roteiro das Entrevistas para os(as) Moradores(as) que Mudaram da Comunidade para Cidades	125

INTRODUÇÃO

Neste trabalho estão sendo discutidos alguns conceitos relevantes para a Geografia Cultural, no que diz respeito à identidade, cultura e mobilidade espacial da “Comunidade Negra Rural” de Água Limpa, no município de Faina em Goiás, e a sua relação com o território. A temática ora apresentada vem conseguindo um interesse cada vez maior de pesquisadores(as) e professores(as), comprometidos com essa discussão, além é claro de um número significativo de estudantes.

Tínhamos como objetivo, que consideramos alcançados, discutir a importância da comunidade negra remanescente de quilombo Água Limpa, destacando as formas de acesso à terra e suas manifestações culturais das famílias que ali residem. Refletir sobre suas histórias de vida ligadas à resistência e permanência enquanto grupo que produz sua própria identidade cultural individual e coletiva.

Foi trabalhada a importância das narrativas para o grupo de famílias em questão, como uma das formas de transmitir a cultura e garantir a continuidade dessas práticas à referida comunidade negra rural. Entre outras, destacamos o alto índice de deslocamento de famílias para o espaço urbano.

A concretização da escolha do tema se configurou a partir de vários diálogos com o orientador acerca de proposições de estudo ligadas a questões negras e indígenas. No entanto, a partir do momento em que as idéias iam ficando mais nítidas para nós e o objeto ainda não estava definido, foi publicada uma pesquisa pela Secretaria de Governo e Assuntos Institucionais e Superintendência Estadual de Promoção da Igualdade Racial (SUPPIR), em que a Comunidade “Negra Rural” de Água Limpa foi identificada como quilombola.

Posteriormente a essa publicação, o orientador que tinha mais informações acerca desse grupo, nos disse que não muito próximo de Guaraíta (município onde residimos) tinha sido reconhecida uma comunidade quilombola, mas não sabia ao certo a sua localização e que nenhuma pesquisa relevante sobre a comunidade tinha sido feita². Ele nos passou a relação das comunidades que tinham sido identificadas como quilombolas e apontou o nome de Água Limpa, como sendo de interesse. Havia a dúvida se a comunidade ficava mesmo localizada no município de Faina, mas não tinha certeza.

² O único trabalho científico que se tem notícia feito sobre a comunidade, foi uma pesquisa de conclusão de curso (monografia) realizado por três acadêmicos(as) do curso de História Licenciatura Plena Parcelada da Unidade Universitária Cora Coralina da Cidade de Goiás, no ano de 2001. Segundo S. Neto, Arrais e Camargo (2001) a formação da Comunidade Água Limpa tem seu início no século XIX.

Numa manhã de segunda-feira, preparamos um lanche e fomos à procura da comunidade. Quando chegamos ao Município de Faina buscamos informações com algumas pessoas. Pelo nome – “Água Limpa” – elas não conheciam, mas nos davam notícias a respeito de várias famílias negras que habitavam uma área rural próxima.

Como era um processo de descoberta fomos segundo as informações. Ao chegar nos identificamos e começamos a conversar com as famílias e eles(as) nos disseram que o nome da Comunidade era Água Limpa e nos informaram onde era a residência do líder. Passamos todo o dia com eles(as) comentamos sobre o interesse de realizar um trabalho sobre a comunidade a reação foi positiva, se dispondo a contribuir naquilo que fosse necessário.

Para a construção da pesquisa no que se refere às fontes orais, num primeiro momento tivemos algumas dificuldades, entre elas dúvidas por parte dos moradores por não ter clareza do que estava sendo feito mesmo com todas as tentativas de esclarecimentos da nossa parte.

As informações das quais precisávamos fluíam parcialmente, ou seja, sobre as histórias de vida das famílias em relação a ser “nascido e criado” na comunidade afloravam a todo momento principalmente entre os mais velhos. Sobre o processo de ocupação das terras e suas descendências eles(as) resistiam em comentar.

Todavia, para conseguir realizar o trabalho foi necessário construir um relacionamento de proximidade fazendo em média uma ou duas visitas em residências por mês nas casas dos moradores e ex-moradores isso durante quase quatro anos. No período de realização da Folia nós passávamos dez dias com eles(as) fazendo o giro da mesma, assim fomos conseguindo conquistar a confiança dos(as) moradores(as) de Água Limpa e daqueles(as) que mudaram.

Acompanhamos a realização de três Folias de Reis na comunidade, nos anos de 2005/2006, 2006/2007 e 2007/2008. Em todas fotografamos. Posteriormente as fotos foram gravadas em cd's e entregue para os moradores e ex-moradores da comunidade.

Os depoimentos foram coletados através de oito entrevistas gravadas ou apenas anotações dos relatos contados. A maior parte das informações aflorava nos diálogos espontâneos durante os pousos da Folia e em outros momentos de descontração, não possibilitando gravação, até mesmo para não inibir e causar constrangimento na pessoa que estava relatando.

Portanto, para as entrevistas que foram gravadas foi feito um roteiro seguindo um questionário para os(as) moradores(as) da comunidade e outro para os(as) que mudaram para as cidades (ver anexo). Podemos dizer que nos últimos dois anos e meio tudo foi acontecendo

de forma mais espontânea devido à convivência construída com as famílias e a relação de confiança e respeito.

A coleta das coordenadas foi possível com a colaboração de um cartógrafo da Universidade Federal de Goiás. Durante dois dias nós fizemos todo o percurso da Folia na comunidade e fora dela. A partir dos pontos coletados pudemos fazer o mapa de localização da área do trajeto da Folia de Reis de Água Limpa e o mapa de localização das casas visitadas pela mesma. Após a coleta dos pontos, na fase final da confecção dos mapas no Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-raciais e Espacialidades (LaGENTE/IESA/UFG).

Nessa pesquisa procuramos compreender a dinâmica dos componentes humanos em Água Limpa que são os responsáveis pela continuidade e descontinuidade de identidades culturais e territoriais por tantas décadas fazendo com que os mais jovens “não percam de vista ou deixem cair no esquecimento” os saberes e práticas construídas por gerações bem anteriores às que habitam a comunidade atualmente.

A Dissertação em questão está estruturada em três capítulos. Sendo que cada um é composto por três subtítulos, como uma forma de melhor estruturá-la para a produção textual pertinente em relação aquilo que foi planejado para a realização da mesma.

Na construção do primeiro capítulo - *Água Limpa: uma comunidade marcada pela mobilidade espacial* - trabalhamos um pouco sobre a formação da Comunidade, o processo de mobilidade espacial que tem atingido a comunidade nos últimos anos. Uma relação entre a localidade e a mobilidade referente às pessoas de Água Limpa. Abordamos também as atividades produtivas das famílias que lá residem e a relação de identificação das famílias com o território.

No segundo capítulo - *Folia de Reis: uma tradição que mobiliza a comunidade* - o enfoque foi direcionado para a realização da Folia de Reis como uma tradição que mobiliza a comunidade. Sendo abordado três pontos considerados relevantes para a pesquisa. O primeiro, são as narrativas como um processo necessário na transmissão da cultura. O segundo, retrata os ritos e as práticas espaciais durante a realização da Folia e por fim, a devoção dos fiéis aos Santos Reis e as relações de proximidade dos(as) mesmos(as) com os santos.

No último capítulo - *Deslocamento Espacial na Época da Folia* -, trabalhamos a mobilidade espacial na época da realização da Folia de Reis e o deslocamento das famílias para a festa, tanto das que mudaram ou das que permanecem na comunidade. No entanto, não deixando de apontar outros dois fatores que a nosso ver são de importância simbólica e afetiva.

A importância simbólica refere-se ao cumprimento de promessas dos(as) devotos(as) aos Santos Reis que comparecem todos os anos e além de pagar suas promessas são fundamentais para garantir a continuidade da Folia. O de importância afetiva é porque a realização da Folia acaba sendo um momento para reunir as famílias, tanto da comunidade ou as que mudaram. Além de saciar as saudades se reúnem para festejar.

Este estudo pretende contribuir para a Geografia apresentando identidade, cultura, ritos e práticas de um grupo negro rural que em grande parte migrou para áreas urbanas como elemento de caracterização e diferenciação dos locais no espaço, atribuindo um significado diversificado para cada lugar em uma mesma manifestação cultural a Folia de Reis. Podemos dizer que em volta do altar, da mesa do almoço ou do jantar, no local onde dança o catira cada um desses espaços têm seu ritual específico. Uma maneira particular de caráter comunitário sua forma de organização e realização funcional e espacial principalmente na época da Folia de Reis.

A articulação entre os conceitos e a realidade está sendo estudada com base nos processos que conduziram e conduzem à formação identitária, social e cultural das famílias. Pois, é através do “estudo das representações, dos valores e das ideologias pelas quais e segundo as quais um território se desenvolve e adquire forma”, (BONNEMAISON, 2002, p. 88).

Água Limpa é habitada por um grupo de famílias que dispõe de uma particularidade étnico-cultural que dá visibilidade e reconhecimento a essas pessoas que podem ser consideradas verdadeiras matrizes culturais, pela sua forma perseverante de manter e expressar o conhecimento que foi adquirido e construído durante a sua história de vida.

Entretanto, a relação entre o aprender e o ensinar baseando-se no espaço-tempo faz parte da construção cultural e social dos agualimpenses. Nas suas histórias de vida, quando são narradas, sempre há como referência alguém mais idoso que esteja vivo ou não, mas que se faz presente na sua vivência diária.

Para desenvolver um estudo incorporando essas importâncias das narrativas para a construção de saberes para as atuais e as futuras gerações da comunidade, foi necessário dialogar com moradores(as) de Água Limpa e com vários(as) membros de famílias que deslocaram para áreas urbanas. Portanto, houve a necessidade de visitar algumas residências nas cidades e através das conversas e entrevistas as histórias foram sendo contadas referindo-se a um modo de transmitir saberes culturais.

A cultura, que por nós será discutida, mesmo que tenha outros enfoques como embasamento teórico, estará sempre relacionada à “Comunidade Negra Rural” de Água Limpa e principalmente à Folia de Reis que ocorre entre a passagem de ano e o dia de reis.

A cultura é dinâmica e nós tendemos a cristalizá-la no sentido de que temos por hábito ao referir sobre a cultura de alguém, uma comunidade ou nação, como se fosse uma coisa única sem alterações, representada por gerações e gerações sem que nada fosse alterado, ou seja, uma mesmidade continuada. Podemos aqui afirmar que para haver a dinamicidade da cultura precisa-se das que são as externas, assim como das internas, familiar e comunitária.

Então, por mais que a cultura tenha seu valor e reconhecimento nos lugares, pode também ter uma dimensão estadual ou até mesmo nacional. Porém, com caráter e criatividade específica das pessoas que habitam cada lugar e têm sua própria maneira de criar e se manifestar culturalmente e identitariamente conforme o saber construído que têm dentro de si.

CAPÍTULO I

ÁGUA LIMPA: UMA COMUNIDADE MARCADA PELA MOBILIDADE ESPACIAL

O município de Faina está situado a 199 km de Goiânia, na Mesorregião do Noroeste Goiano e na Microrregião do Rio Vermelho. Faina limita-se com os seguintes municípios: Goiás, Guaraíta, Itapuranga, Morro Agudo de Goiás, Crixás, Araguapaz e Matrinchã.

A principal via de acesso ao município se dá pela GO 164, antiga Estrada do Boi, que vai da Cidade de Goiás até São Miguel do Araguaia, passando por algumas cidades municipais no Estado de Goiás inclusive Faina. Existem outras rodovias de acesso a Faina como a GO 230 e a 456, porém, são rodovias secundárias com pouco tráfego.

Água Limpa, uma comunidade que se identifica e é reconhecida como quilombola em 2005, pela Secretaria de Governos e Assuntos Institucionais e Superintendência Estadual de Promoção da Igualdade Racial (SUPPIR). Situa-se no Sudeste do município de Faina Próximo à fronteira municipal da Cidade de Goiás e entre a GO 164 com a 230 nas margens do Ribeirão Água Limpa.

De acordo com as informações adquiridas sobre a comunidade, seu processo de povoamento foi diferenciado da idéia construída sobre formação dos quilombos que se constituíram em algumas partes do território brasileiro. Os quilombos caracterizam-se por rebeliões, protestos, enfrentamentos e fugas de diferentes maneiras, constituindo seus agrupamentos em lugares estrategicamente planejados e definidos por suas lideranças em consenso com os outros interessados e componentes do movimento como uma saída para conquistar a liberdade.

Uma parte importante da história de Goiás caracteriza-se no período da mineração. Pois, com a descoberta do ouro houve um grande fluxo migratório de pessoas concentrando principalmente nas regiões onde encontravam se as minas. Foi um momento marcado pela vinda de paulistas, mineiros, baianos, maranhenses, escravizados e outros em menor quantidade.

Entre essas diversidades humanas que aqui chegavam estavam os bandeirantes, comerciantes, os mineiros responsáveis pelos trabalhos nas minas e os africanos escravizados,

onde se concentrava a grande mão-de-obra para exercer o trabalho na mineração. Por várias décadas o ouro foi o produto base da economia goiana, desde meados do século XVIII até o XIX.

Com o relativo esgotamento do ouro nas minas de Goiás, época em que a colônia passava por um processo de emancipação política, como indica Luiz Palacin (1994, p. 43), o Estado foi dividido em duas comarcas, a do Norte e a do Sul, sendo que em cada comarca era nomeado o julgador sede ou responsável pelos demais. Nessa divisão política o Julgado de Crixás ficou pertencendo à comarca do Sul tendo como sede o de Goiás. As divisões em comarca representavam uma nova medida administrativa.

Como foi mencionado anteriormente sobre o esgotamento das minas de ouro em Goiás e especificamente a de Crixás, mina de relevante importância no período e local de grande concentração de mão de obra escravizada sendo que essa é a que mais nos interessa para o momento. Porque foi de “lá que saíram os primeiros moradores de Água Limpa³” para apossar das terras como uma nova espacialidade territorial.

Vale ressaltar que a mineração em Crixás não pode ser mencionada como importante apenas no passado. Atualmente o município é um dos maiores produtores de ouro do Brasil. Diferente da extração aurífera do passado a exploração do presente concentra-se a maior parte dos trabalhos através das máquinas em garimpos particulares. “Sua fundação está ligada às descobertas dos garimpos de ouro no Brasil. A descoberta se deu entre os anos de 1726 e 1734”. Disponível em <http://www.ferias.tur.br/informacoes/>⁴.

Quando o trabalho na extração de ouro entrou em um processo considerado insuficiente para os donos das minas naquele período, de forma “pacífica”, os proprietários concederam alforria a uma parte de seus escravos em diferentes minas, “libertando-os” para procurar trabalho em outras localidades, pois, os mesmos não tinham mais interesses em mantê-los.

Como grande parte das terras em Goiás na época eram “devolutas⁵”, eles teriam saído “errantes” até se estabelecerem nas terras onde um grupo de famílias vive até hoje e outras se deslocaram, assunto que será abordado mais adiante.

O nome Água Limpa que a comunidade recebeu se deu devido a um ribeirão de água extremamente límpida que passa pela área de habitação das famílias.

³ Segundo as narrativas que obtivemos os primeiros habitantes de Água Limpa eram pessoas que moravam e trabalhavam como escravizados nas minas de ouro na cidade de Crixás, até o momento que se deslocaram para habitar o território agualimpense onde atualmente residem seus descendentes.

⁴ Disponível em <http://www.ferias.tur.br/informacoes/>. Acessado em cinco de maio de 2008.

⁵ Devolutas, trata-se de posse sobre terras de propriedade da União, Estados ou Municípios.

Essa porção territorial ocupada pelas famílias agualimpenses no período em que elas chegaram e ali se estabeleceram pertencia ao município da atual Cidade de Goiás. No período em questão, Faina não tinha a sua independência política, que veio acontecer apenas em 1988, muitos anos após todo esse processo que foi marcado na história do estado de Goiás.

Para se ter uma noção da distância que percorreram baseado em dados atuais, a Cidade de Crixás está a 121 km de onde se encontra a atual Comunidade de Água Limpa. Conforme descreve Barreira (1997 p. 15) a “Estrada do Boi”, carrega consigo a transformação como causa e efeito de um processo de incorporação de novos espaços à economia regional e nacional.

O fato de que esse trecho onde hoje se localiza a GO 164, no passado era chamado de “a Estrada do Boi”, deve-se ao fato de ser por onde os boiadeiros passavam tocando as boiadas que eram levadas para engorda na Depressão do Araguaia e depois as levava de volta para os estados de Minas Gerais e Bahia. Segundo a mesma autora (p. 14):

Para se estabelecer os limites regionais, levou-se em conta a área de influência da Estrada do Boi (GO-164), a área de dominância da pecuária de corte praticada num sistema semi-extensivo e as semelhanças constatadas no processo de reconstituição histórica. Finalmente, considerou-se o meio ambiente natural, ou seja, o domínio de parte do compartimento geomorfológico denominado Depressão do Araguaia e um trecho da Planície do Bananal.

Portanto, a função da mesma não era apenas os fluxos das boiadas e dos boiadeiros em circulação, ou seja, também ligava uma cidade de mineração à outra, neste caso Goiás e Crixás duas cidades mineradoras. A nova territorialidade habitada pelos ex-escravos encontra-se a 42 km da Cidade de Goiás, então, imagina-se que há essa possibilidade de eles terem viajado até o momento em que se estabeleceram naquela localidade pela “Estrada do Boi⁶”.

1.1 - Água Limpa: A Localidade e a Mobilidade

A Comunidade de Água Limpa tem vivido nos últimos anos um processo de mobilidade espacial que de certa forma tem contribuído para algumas mudanças no ritmo de

⁶ Estrada do boi refere-se aos percursos por onde passavam os boiadeiros tocando boiadas de uma região para outra cruzando o território goiano em diferentes localidades. Ver BARREIRA, 1997.

vida das famílias que deslocaram para o meio urbano. Dessa forma, a mobilidade espacial não deixa de interferir em algumas práticas culturais que eram freqüentes na comunidade.

Podemos dizer que a comunidade se encontra bem “dividida” entre os que deslocaram para as cidades e os atuais moradores do território agualimpense. Essa divisão não é no sentido radical da palavra como interromper as relações, mas nos contatos diários, semanais ou mensais que aconteciam entre os moradores, as trocas de experiências nos trabalhos diários entre as famílias como os mutirões e outros.

Não que essas práticas acabaram, mas ficaram de certa forma alteradas, devido à diminuição na quantidade de moradores. Com muita freqüência houve em depoimentos a dimensão das práticas culturais que eram realizadas em tempos passados sendo que, algumas deixaram de acontecer e outras diminuíram significativamente a quantidade de participantes.

Isso se deve ao processo de urbanização acelerado nas últimas décadas que têm assolado a população brasileira, em todas as regiões e estados. Atingindo os mais diferentes tipos de segmentos sociais que vêem nas cidades um lugar de possibilidade para buscar melhores condições de vida.

O alto índice de deslocamento do rural em direção ao urbano, tem sido uma resposta aos esforços de desenvolvimento e modernização empreendidos pelos sucessivos governos, que, por meio de estímulos diretos e indiretos e de políticas implícitas ou explícitas, foram atraindo para as cidades fluxos cada vez maiores de pessoas provenientes do meio rural (ALMEIDA, 2002, p. 138). O reflexo desse processo “estimulador” por parte das cidades como o lugar da prosperidade e da oportunidade sem dúvida refletiu em Água Limpa.

Vale ressaltar que entre aqueles(as) que mudaram não foram todos que venderam suas terras. Muitos sim, negociaram a venda da terra como forma de ter sua casa própria na cidade ou para outras finalidades. Aqueles que permanecem nas terras atualmente precisam de mais incentivos por parte das autoridades políticas governamentais municipal, estadual e federal que têm pouca atenção para com essas pequenas comunidades.

Cabe aqui dizer que tem casos de famílias com casas na cidade e na zona rural, alugando a urbana e continuando a viver na propriedade rural. Outros(as) ficam alguns dias na cidade e voltam para sua casa no campo, então, vive-se em constante mudança habitacional porque não conseguem abrir mão por completo daquilo que representa algo importante para suas vidas, ou seja, seu lugar de nascimento e onde foi criado(a) passando a maior parte da vida ou melhor, faz parte da sua construção de vida enquanto homens e mulheres que relacionaram e se relacionam com este espaço, construindo suas identidades culturais.

Nos dias atuais as famílias que vivem em suas pequenas terras ou nas terras de seus familiares em Água Limpa, têm passado por algumas dificuldades que têm levado à evasão de mais famílias para o meio urbano. No contato que tivemos com algumas pessoas, eles(as) se queixaram entre outros, principalmente do descaso com a educação e a preocupação com o futuro dos jovens devido aos problemas com transporte escolar.

Uma senhora que tem três filhas jovens, conversava conosco no dia 5 de janeiro de 2007, no pouso da Folia de Reis na casa do senhor João José dos Santos e demonstrava sua insatisfação não por morar em seu pequeno pedaço de terra ou muito menos por morar na zona rural. Segundo ela, o transporte escolar responsável pela busca dos(as) alunos(as) para estudar na cidade de Faina (sede municipal) busca-os(as) uma ou duas vezes por semana a semana que eles não fazem nenhuma viagem.

O problema não se resume apenas no não comparecimento do transporte escolar, pois, todas as manhãs os alunos e alunas se deslocam de suas casas até a “estrada de rodagem” onde o transporte escolar deveria passar, pior é que eles(as) levantam de madrugada para enfrentar muitas vezes chuva, frio e perdem a viagem.

Estamos citando a situação dessas jovens como exemplo, mas queremos dizer que todos os estudantes da comunidade que dependem desse transporte escolar ficam prejudicados. Em parte, a senhora tem razão quando diz que desse jeito o futuro das filhas vai ficar comprometido, porque nos sonhos dos pais e das mães está a vontade de ver os(as) filhos(as) conseguindo um bom desempenho nos estudos.

Continuando a conversa, esta senhora nos disse: “eu e meu marido estamos nos sentindo obrigados a ter que alugar a terra e mudar para a cidade de Itaberaí, a terra já está praticamente alugada. Nós vamos ficar mais três meses para fazer as colheitas e depois mudar”. No contato seguinte que tivemos com a comunidade, em março do mesmo ano, procuramos saber notícias da família e a informação foi que eles haviam mudado realmente para a cidade de Itaberaí, localizada a 89 km, de Goiânia nas margens da BR 070.

Pedro Martins (2001) discute a perda das terras da “comunidade cafuzo” para a construção de uma barragem de hidrelétrica que ia inundar toda a área onde se situavam as propriedades. Portanto, a perda das terras e o seu remanejamento para outra área em um terreno indígena, influenciou diretamente na forma de produção das famílias, que sobrevivem da agricultura familiar, e nos seus hábitos alimentares que para o autor implica em uma perda da identidade cultural das famílias do agrupamento cafuzo. São alguns dos resultados causados pelos remanejamentos forçados do grupo.

Podemos observar no que foi visto na comunidade cafuza e relacionar ao número significativo de famílias da “Comunidade Negra” Rural de Água Limpa que têm se deslocado em direção às cidades. Pode acontecer através das mudanças e nas novas convivências das pessoas nas cidades, no trabalho e outros, influências em incorporações e em ensinamentos de algumas produções culturais que são típicas das famílias da Comunidade de Água Limpa e ao mesmo tempo tendo a oportunidade de fazer um intercâmbio entre culturas diferentes.

Além do que foi comentado existem outros fatores importantes a discutir, como as dificuldades encontradas para inserção no mercado de trabalho urbano pelas pessoas da comunidade agualimpense, porque, acima de tudo, há um aspecto cultural que ainda resiste a um novo ritmo de trabalho que o mercado impõe, principalmente com os homens acima de trinta anos.

Em muitos casos o trabalho tradicional dos indivíduos ou sua mão de obra que sempre foi usada para o sustento das famílias na comunidade, não dispõe de uma mão de obra “qualificada”, portanto, não são toleradas pelos valores da economia capitalista de mercado (SCHMITT, 2001, p. 42). André Gorz afirma (2003, p. 52-3):

O que importa aqui é que essa monetarização é um poderoso fator de desintegração social, cujos efeitos vêm juntar-se àqueles da pré-determinação funcional das tarefas subdivididas. A incitação monetária ao trabalho funcional supõe, com efeito, a convicção, acentuada pela publicidade comercial, que tudo aquilo que pode um indivíduo, o dinheiro pode mais que ele e que os bens e serviços fornecidos pelos profissionais remunerados são por essência superiores ao que pode fazer por si mesmo: tais bens incorporam a parte de magia, de sonho, de inutilidade que lhes confere um valor de compensatório (e, portanto, um valor de troca) muito superior a seu valor de uso. Graças ao fogo contínuo da publicidade comercial, as necessidades de dinheiro aumentarão à medida que aumenta a riqueza social, incitarão camadas até então não assalariadas a buscar um trabalho assalariado que, por sua vez, fará crescer ainda mais as necessidades de consumo compensatórios.

Ao visitar as casas de alguns(mas) desses(as) ex-moradores(as) de Água Limpa na Cidade de Goiás percebemos que um número elevado de homens em relação às famílias que atualmente residem na Cidade de Goiás têm suas residências na cidade, mas saem para trabalhar no meio rural, alguns em trabalhos sazonais e outros fixos em fazendas como “vaqueiros”.

As casas que foram visitadas por nós na cidade, todas situam em bairros populares, pois, na parte mais ao centro da cidade os custos para adquirir um imóvel é muito

elevado. Mesmo algumas dificuldades encontradas não são suficientes para tirar o ânimo e a disposição.

Entre as famílias que vivem em Água Limpa, podemos dizer que todas as casas em que visitamos são construções bem simples com diferentes tipos de materiais, construídas com adobe, tijolo “furado”, pau-a-pique amarrado com varas ou taboca e rebocado com barro sem uso de cimento, o telhado varia entre telha plan, comum ou francesa. Quanto ao piso dentro dos cômodos das casas, um ou outro é concretado (contra piso), cimento queimado, mas a grande maioria é de terra batida (foto 1, 2 e 3).

Houve várias queixas quanto à deficiência por parte de quem governa a União, o Estado e o Município, que a falta de eletrificação representa um descaso. Muitos moradores usam lampião ou lamparina como iluminação durante a noite. São problemas que parecem fáceis de serem resolvidos, mas não acontecem de forma eficiente e deixam muito a desejar. Segundo moradores as promessas de eletrificação aconteceram diversas vezes principalmente por deputados estaduais e federais. Até com data marcada, mas nada se concretizou e as casas continuam sem eletrificação.

Queremos ressaltar algumas observações relacionadas às famílias das pessoas dentro dos lares é definida conforme a posição que ocupa nele, se adulto ou criança, se homem ou mulher. Alguns comportamentos estão na base das relações entre as pessoas e na estrutura da própria comunidade enquanto tal (WALTER, 2001, p. 79) como, por exemplo, o respeito e a obrigatoriedade da obediência aos mais velhos, enquanto parte da educação familiar.

A história grupal em seu processo de realização e transformação é um fato coletivo, as mudanças acontecem simultaneamente nos sujeitos singulares pela dinâmica de suas inter-relações situadas no cotidiano (Ibid. p. 49). A valorização da cultura local é um compromisso de todos os cidadãos e cidadãs da Comunidade de Água Limpa.

Para Tânia Walter (2001, p. 82-3), as crianças aprendem os valores da comunidade e constroem, a partir daí sua identidade social. Porém, sua análise enfatiza a imutabilidade dos padrões culturais quando afirma que cada sexo é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído. Então, percebemos que o lugar onde a mulher e o homem ocupam na família, na comunidade ou sociedade não é produto direto do que eles fazem, mas do significado que suas atividades adquirem através da interação social concreta.

É importante frisar que a interação realizada dentro do grupo faz com que a comunidade tenha visibilidade e reconhecimento por ser um grupo étnico que produz sua

própria identidade cultural. A Folia de Reis realizada todos os anos na comunidade representa parte desse reconhecimento cultural produzido pelos moradores.

Podemos perceber que, para cultivar e manter tradições tão antigas por tanto tempo há inúmeras dificuldades, o que exige de cada morador e ex-morador de Água Limpa um comprometimento em manter e ensinar para as novas gerações. Sabemos que mesmo a cultura sendo transmitida cada indivíduo tem a sua maneira particular de assimilar, renovar e expressar porque a cultura pode ser característica típica de um ou outro, mas a sua forma de expressão é completamente grupal e individual.

Diante dos vários trabalhos de campo feitos juntamente com nosso orientador na comunidade no período de 28 de dezembro a 6 de janeiro durante a realização da Folia de Reis e em outros momentos não especificamente no período acima citado, tivemos um período mais intenso de convivência com a tradição, práticas culturais e devoção que caracterizam alguns dos valores coletivos e individuais para as famílias da “comunidade negra rural”. Assim, não nos deixa dúvida que a formação da identidade, a especificidade étnica territorial e cultural e as práticas representadas diferenciam-no de outros grupos sociais.

Para Ratts (2000, p. 309), a expressão “comunidades negras rurais” é referida como termo advindo da mobilização regional e nacional dessas coletividades ou como denominação inclusa em estudos principalmente da década de 1980. Esses grupos foram formando essas comunidades rurais como uma forma de resistência e reação à escravidão que se praticava no território brasileiro.

O autor acima citado em um outro texto discute as relações sociais entre os grupos étnico-raciais que são a base da sociedade brasileira, Ratts (2003, p. 31), veja:

Nessa terra de índios, negros e brancos as relações sociais constituem relações interétnicas e se processam de maneira diferenciada e desigual. A cultura, que por vezes adjetivamos de popular, também o é negra e indígena. O grupo étnico branco, quase nunca assim denominado, tem “sua” cultura referida através de regionalismos e nacionalismos. A espacialização desses segmentos é da mesma forma diversa e desigual.

Água Limpa teve recentemente, no ano de 2005, a sua identificação enquanto uma comunidade remanescente de quilombo pela Superintendência Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SUPPIR). Segundo Rafael Sanzio (2001, p. 140-1) a história brasileira tem-se referido aos quilombos sempre no passado, como se estes não fizessem mais parte da vida do país. Não podemos perder de vista que esse aparente desaparecimento das populações negras, principalmente dos livros didáticos, faz parte da estratégia do

branqueamento da população brasileira: “Houve uma diluição desse passado do negro escravo e do negro quilombola”. Mais adiante o autor continua (p. 141):

No Brasil, os remanescentes de antigos quilombos, “mocambos”, “comunidades negras rurais”, “quilombos contemporâneos”, “comunidades quilombolas” ou “terras de preto” referem-se a um mesmo patrimônio territorial e cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo Estado, pelas autoridades e pelos órgãos oficiais. Muitas dessas comunidades mantêm ainda tradições que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura, a medicina, a religião, a mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, os dialetos, a culinária, a relação comunitária de uso da terra, entre outras formas de expressão cultural e tecnológica.

Esses saberes internalizados pelas pessoas dessas “comunidades negras” são uma “bagagem” necessária para o fortalecimento de sua história e sua vida cotidiana e grupal. Portanto, o respeito à cultura e a identidade social no que diz respeito à cor, gênero, condição econômica, grupo étnico a que pertence ou classe social, é uma forma peculiar e necessária de cada grupo fazer sua história cultural.

Ao se negar a tradição, ao impedir aos pais de transmitirem seus ensinamentos, suas visões de mundo, identidade cultural e seus valores culturais, impede-se saberes na cultura brasileira e, ao mesmo tempo, contribui para que uma inteira geração perca o contato com aquilo que há de mais rico que possui um povo, a sua cultura (OLIVEIRA, 2006 p. 52-3).

Por exemplo, as pessoas que se deslocaram do meio rural agualimpense para as cidades em busca de melhores condições de vida, jamais vão conseguir encontrar algo que preencha na sua totalidade aquilo que foi construído durante o seu convívio familiar e comunitário em Água Limpa.

1.2 - As Produções das Famílias em Contato com a Terra

Falar e escrever sobre a Comunidade Água Limpa é algo que nos desperta interesse. Pois, de certa forma estaremos buscando para uma discussão valores que para muitos são esquecidos ou que os mais jovens possivelmente nem conheceram. Também trazer para o debate a importância da preservação dessas culturas que muito contribui para a diversificação étnica cultural que dá diferentes formas de visibilidade ao país, são práticas que podem se diferenciar conforme aquilo que se produz em cada grupo ou em cada território.

Em relação aos valores étnicos individuais ou de grupo Haesbaert (1999) lembra-nos que há casos em que o papel de uma identidade individual, aparentemente isolada, pode se tornar fundamental na formação de uma identidade social muito mais ampla. Por isso, percebe-se o significado ou a dimensão em que pode alcançar uma identidade seja ela territorial ou cultural em sua relação com outros indivíduos.

A relação que os agualimpenses têm com a natureza na vida cotidiana vem ao encontro das afirmações de Cosgrove (2000, p. 34), quando diz que a geografia cultural, ou melhor, os geógrafos culturais compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural. As transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza e, sobretudo, os significados que a cultura atribui à sua existência e às suas relações com o mundo natural e territorial de cada grupo ou sociedade.

Ao refletir sobre as ações dos homens e mulheres de Água Limpa em contato com a natureza e com a terra, estamos falando de saberes que envolvem conhecimento, produção, cultura e um meio de sobrevivência. Haesbaert afirma que (Ibid. p. 35):

Reconhecemos que os seres humanos são parte da natureza, constituem-se das mesmas matérias, reagem aos mesmos ritmos e processos, estão em comunicação direta com ela através da existência corpórea, sentidos e paixões. Reconhecemos também que o intelecto e a razão permitem separação e distinção conceituais entre o mundo humano e o mundo da natureza. Ao satisfazer esses dois aspectos, o ser humano interfere no mundo natural, altera-o, e, nesse processo, transforma a si próprio. Para nós, humanos, não há um mundo natural que exista para si mesmo, ou pelo menos, se a idéia é pensada, nosso entendimento desse mundo é mediado pela consciência de que, desta forma, o transformamos em resultado da cultura. Do mesmo modo, não existem o homem e a mulher naturais, pois somos todos portadores de cultura.

Quando os moradores da comunidade vão preparar a terra para o plantio de suas lavouras encontram duas dificuldades que a nosso ver são fundamentais: a primeira, falta de equipamento adequado para fazer a preparação da terra para o plantio. Em segundo lugar, o alto custo para alugar um trator e fazer o preparo da terra.

A renda que eles tiram das pequenas propriedades em muitos casos são “insuficientes” para cobrir os gastos, então, os donos dos serviços conseguem encontrar outras saídas “driblando” as dificuldades e conseguindo cumprir com os prazos negociados para o pagamento em dia.

Em Água Limpa é notório que as matas ciliares são preservadas. O Cerrado que compõe a área permanece em parte preservado. Nas áreas de solo mais férteis a vegetação foi

retirada para o plantio de lavouras e pastagens restando apenas algumas pequenas reservas. O plantio repetido por vários anos consecutivos fez com que o solo entrasse em processo de desgaste necessitando além da aração, adubos e sementes industrializadas porque as que produzem quando fazem replantio não dão colheita de forma satisfatória podendo causar prejuízos ao agricultor agualimpense (fotos 4 e 5).

Culturas como o milho e o arroz fazem parte da base da economia alimentar das famílias, vale lembrar, que não são todos que plantam lavouras, pois, algumas propriedades são bem pequenas então, existem ainda aqueles que plantam roças à meia ou no arrendo nas terras de fazendeiros da região que por sinal se localizam bem distantes de suas residências. Quando é feita a colheita do arroz, por exemplo, após fazer a partilha, retiram e guardam o necessário para o consumo durante o ano e o excedente é vendido para suprir outras necessidades ou até mesmo gasto com a própria colheita da lavoura (foto 6)⁷.

Na verdade, quando classificamos o milho como base não é porque eles consomem milho freqüentemente, mas pela importância do produto para a criação dos animais como: porcos, galinhas, produção de fubá que fazem diversos tipos de comida, portanto o cereal é usado de forma diversificada pelos animais e seres humanos.

As lavouras recebem os cuidados de forma bastante simples no tocante ao modo de limpar as plantações ou fazer as colheitas. A primeira acontece de modo bem tradicional através de enxada onde os próprios homens fazem a limpeza ou com carpideira onde o trabalho de arrastar fica por conta dos animais. O plantio da semente pode variar entre usar ferramentas como enxadão, enxada, plantadeira de mão ou de trator.

O tipo de produção e os meios com que o grupo exerce a mão de obra para a concretização da mesma sem dúvida caracterizam um modo cultural de produção. Assim, a cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.

Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a sua grande variação segundo L. Santos (2006, p. 8). Queremos salientar o quanto é fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem ou viveram por algum tempo ou a vida toda. Temos neste trabalho a preocupação em entender as diferenças culturais que são expostas pela comunidade durante os dias de Folia e nas produções materiais.

Para que a realizemos a contento, essa pesquisa exige de nós, pesquisador e orientador (mas também pesquisador), o máximo de sensibilidade da nossa parte porque é um

⁷⁵ Planta e colheita feita de forma tradicional, ou seja, manual.

trabalho que requer atenção. Pois, nos mínimos detalhes pode estar a riqueza da diversidade cultural. O autor acima citado (Ibid. p. 8-9) afirma:

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas.

O autor faz uma alerta em se tratando de cultura particular por mais individualizada que ela seja não pode ser dissociada da necessidade de se considerar as relações com as outras culturas. Pois bem, as práticas culturais realizadas pelas pessoas de uma comunidade, um grupo ou família, têm seu caráter comunitário grupal, familiar, mas também individual. Claval (1997, p. 101) faz uma reflexão a respeito da cultura e o domínio da natureza pelo homem veja:

Os homens tiram de seu ambiente aquilo que eles têm necessidade. Eles procedem pela coleta (o que supõem que eles reconheçam, entre as dezenas ou centenas de espécies, aquelas que são nutritivas, aquelas que são venenosas, aquelas que fornecem fibras etc.), pela pesca ou pela caça (o que implica um inventário detalhado da fauna terrestre ou aquática), pelo pastoreio (que se baseia na domesticação de uma ou várias espécies animais, no conhecimento de suas necessidades alimentares, seus deslocamentos necessários para aproveitar as áreas de pastagens nos momentos mais favoráveis e no recurso ao fogo para aumentar ou regenerar as zonas de percurso) e pela agricultura. Neste último caso, os grupos aprenderam a cultivar, a conservar e a consumir certas espécies. Antes de semear ou de plantar, eles prepararam as terras utilizando recursos freqüentemente complexos. Cada uma dessas operações implica o uso de instrumentais variáveis.

Através da cultura é possível que aconteça o aprendizado em cada um de nós, que nos faz participante e ator ao mesmo tempo, em outros momentos espectadores. Essa relação constante entre os indivíduos, sejam do mesmo grupo de pertença ou não, é que possibilita a diversidade da identidade cultural de maneira individual ou coletiva.

Não podemos negar que o local é um lugar simbólico, onde culturas são construídas, mas também pode ser um ambiente em que elas se encontram e talvez possam

entrar em conflito. Cosgrove (2004, p. 101) enfatiza que “a cultura não é algo que ‘funciona’ através dos seres humanos; pelo contrário, em que ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas rotineiras da vida cotidiana”. Uma folia, por exemplo, ou os diferentes tipos de cultivo da terra, só podem sobreviver se as pessoas os praticarem.

Sabemos que a cultura sempre está em transformação seja de forma mais rápida ou lenta, em sua prática no momento em que é produzido. Por exemplo, as novas técnicas criadas por eles para lidar com as plantações são fatores que representam mudanças culturais por maior ou menor que elas sejam.

Contudo, a cultura foi, é e sempre será um potencial capaz de ser trazida ao nível da reflexão consciente e da comunicação. Portanto, isto é de fato o que fazemos quando examinamos a expressão cultural ao estudar os grupos, as comunidades, a nação ou a humanidade. Assim sendo, a cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas (Ibid, 2004, p. 102). Mas adiante o mesmo autor volta a refletir (p. 102-03):

Qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de essa transformação poder não estar sempre visível, especialmente para um estrangeiro. As diferentes técnicas e materiais de construção de casas de fazendas podem ser indicadores óbvios da paisagem. Tais coisas foram muito estudadas pelos geógrafos. Mas muitas vezes os eventos culturais mais significativos são menos óbvios. O tomate, um objeto natural, é tirado do pé, é cortado e apresentado como alimento humano. O objeto natural tornou-se objeto cultural, foi-lhe atribuído um significado. O significado cultural é introduzido no objeto e também pode ligá-lo a outros objetos aparentemente não relacionados a ele na natureza. Dizer que o tomate é um produto cultural não significa que suas propriedades naturais estejam perdidas. Sua cor e peso estão inalterados, uma análise clínica produziria os mesmos resultados antes ou depois do evento cultural. Mas foram acrescentados a estas propriedades atributos culturais que podemos identificar e discutir.

Quando cada senhora, senhor ou jovem de ambos os sexos cercam um pedaço de terra para cultivar hortaliças, um pomar composto de várias espécies de frutas como laranja, limão, mamão, banana, abacate, manga, mandioca e muitas outras diversidades frutíferas. Essas, dentre muitas outras práticas de cultivo, vão configurar o território em cultura com características próprias de cada pessoa ou grupo de pessoas que praticam a ação (fotos 7, 8, 9 e 10).

O interesse aqui não é fazer juízo de valor entre produção cultural A ou B, mas, de maneira auto-consciente entrar no mundo dos outros e representar essas mudanças territoriais nos quais seus significados possam ser expostos e refletidos.

A maioria dos moradores de Água Limpa, como já foi dito anteriormente, são detentores de pequenas propriedades de terras. Em todas as que tivemos a oportunidade de conhecer, eles criam gado sendo uma fonte alternativa para o aumento da renda familiar. Na produção do leite são usados meios diferenciados, alguns fazem queijos para serem vendidos a um comprador que passa semanalmente na comunidade fazendo o recolhimento dos produtos e efetuando o pagamento. Outros fazem entrega da mercadoria para laticínios, além é claro, do que é retirado para o consumo familiar diário.

Aqui podemos comentar que os valores pagos pelos queijos vendidos pelos moradores de Água Limpa estão bem abaixo do preço de mercado. Ou seja, se o comprador vende por R\$ 5,00 (cinco reais) ou mais, ele paga para o produtor apenas R\$ 2,00 ou 2,50 (dois reais ou dois reais e cinquenta centavos).

Em contrapartida, os proprietários não precisam se deslocar para alguma das cidades mais próximas como Faina, Cidade de Goiás ou Itapuranga para vender a produção de queijo. Além de encontrar dificuldades para o deslocamento, pois, em sua grande maioria eles dependem de ônibus de linha para irem até uma das cidades mais próximas, viagem que mesmo não sendo tão distante leva todo o dia para fazer o percurso de ida, ajeitar os negócios⁸ e a volta para casa.

Para Laraia (2006, p. 24), as diferenças entre os homens, não podem ser explicadas por intermédio das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. Antes de mais nada, a grande qualidade da espécie humana é a de romper com suas próprias limitações e construir através das relações com o seu meio de sobrevivência, usos e costumes que diferenciam e caracterizam suas culturas.

Em Água Limpa destaca-se, a nosso ver, uma relação que vem de longas datas entre os moradores da comunidade com a natureza, depois das outras atividades mencionadas anteriormente: A Feira do Pequi, denominação que os próprios moradores deram à atividade de coleta e venda da fruta. É costumeiro na região do Cerrado na época em que a fruta do pequi está boa para o consumo ver pessoas com vasilhas cheias dessa fruta para vender nas margens das rodovias a quem passa e interessar a comprar o produto.

⁸ Termo utilizado pelos moradores da Comunidade para referir-se aos compromissos que normalmente tem para realizar quando vão à cidade.

Porém, em Água Limpa o modo com que eles(as) trabalham em grupo, para nós, foi surpreendente, nunca tínhamos visto nada igual, os homens e mulheres vão para a coleta das frutas individualmente ou em duplas. Após a coleta chegam a se reunir de dez a vinte pessoas em um local na margem da GO 164, onde se realizam as vendas. Onde acontece a “feira do pequi”⁹ (foto 11).

Interessante é a forma com que eles(as) se organizam entre si. A mercadoria fica exposta em seqüência na margem da rodovia em várias latas, baldes ou sacos plásticos. Quando o interessado se aproxima apenas um, dois ou no máximo quatro fazem o atendimento ao consumidor. Porém, nenhum faz propaganda de seu próprio produto. Às vezes surgem perguntas como: qual desses é o mais gostoso? Alguém responde “todos são bons”, sem influência de quem está vendendo. Portanto, aquela vasilha de pequi que o comprador levar, o dinheiro é repassado para o dono.

No dia em que lá estivemos, algumas senhoras que faziam a coleta do pequi não estavam no ponto de vendas. Elas ficavam um pouco distante do local à sombra de outras árvores e o que era recolhido por elas tinha sua venda efetivada por um filho ou sobrinho, porque tudo está entre família. Durante todo o dia que estivemos com eles(as), não presenciamos nenhuma participação de uma ou outra jovem na coleta ou venda do pequi.

Portanto, entre eles(as) aparentemente “não existe competição” quando o comprador se aproxima. Não vimos, por exemplo, nenhum dono da fruta (em exposição) fazer sua propaganda individual como se o seu produto fosse melhor do que os dos demais concorrentes. Vale lembrar que no posto de vendas chamado por eles de “feira” quase sempre fica um número reduzido de pessoas, pois, enquanto alguns permanecem no local para fazer as vendas os outros vão para o Cerrado¹⁰ fazer novas coletas.

Segundo palavras dos próprios feirantes os pequizeiros da região de Água Limpa são os primeiros a amadurecer a fruta, nos outros lugares são mais atrasados. Esse adiantamento do amadurecimento do pequi faz com que a procura aumente, então, eles(as) conseguem faturar de cinquenta a duzentos e cinquenta reais por dia individualmente. Atividade que se torna mais lucrativa do que trabalhar como diaristas nas fazendas próximas. Quando o amadurecimento do pequi está acontecendo em todo o Cerrado esse lucro sofre uma baixa significativa.

⁹ Neste momento alguns estão para o almoço e outros saíram para a coleta apenas os dois ficaram no posto de vendas.

¹⁰ O sentido da expressão “vão para o Cerrado”, não é porque eles moram fora do bioma mas um jeito de falar que usam quando saem de suas casas para fazer a coleta do pequi. Portanto, é apenas um modo de falar dessas pessoas que moram e vivem do Cerrado.

Vemos assim que o processo de interação entre homens, mulheres e natureza tem dado resultado para ambas as partes sendo que o Cerrado no território agualimpense em parte está em bom estado de preservação. Ou seja, a grande quantidade de pequizeiros fornece os frutos e recebe em troca o direito de preservação e continuar existindo. Este é um exemplo que demonstra que há possibilidade de viver e usufruir da natureza de maneira sustentável, sem causar danos tão prejudiciais à mesma.

A cultura também é feita de informações que circulam entre os indivíduos e lhes permitem agir (CLAVAL, 1997, p. 94), elas tratam da sociedade, da natureza, dos laços que unem seus membros e das regras que devem ser respeitadas nas relações estabelecidas entre os indivíduos de uma família, grupo, comunidade e outros segmentos sociais.

É necessário relacionar, ainda que brevemente, a situação dos moradores de Água Limpa à discussão do campesinato. Segundo José de Souza Martins (1986), palavras como caipira, caiçara e caboclo, entre outras, designavam o camponês em diferentes lugares sempre com duplo sentido. Ele argumenta que para os grupos políticos urbanos esses camponeses estão fora das mudanças pelas quais o país estava passando. Portanto, esses grupos políticos vão interpretá-los como se fossem retardatários chegando ao debate político. Pois, os fatos históricos que marcaram o país em sua maioria e para a grande massa populacional são urbanos, consolidando duas versões os que mandam e os que participam.

Magalhães (2004, p. 201) coloca que a interpretação da linguagem é uma forma de criar e se relacionar com o mundo. Em outros momentos importantes em relação à vivência camponesa, podemos dizer que “a imagem fotográfica, a oral, a literária entre outras instituem significados que podem ser reconstruídos em seus excessos de significação, a qualquer momento como um legado em aberto” (MAGALHÃES, 2004, p. 201).

No campesinato existem dois fatores indissociáveis, sendo, a terra e a vida campesina. A primeira é fundamental para a geração e o sustento da vida das famílias, sendo também a própria vida. A segunda, representa as diferentes maneiras de intervenção humana na terra para produzir conforme suas necessidades de consumo mantendo assim, o sustento das famílias.

A maioria dos agualimpenses que permanecem na localidade reside em suas próprias propriedades, com exceção de alguns que habitam na terra do sogro, pai, mãe ou tio(a). Entre eles não são considerados como agregados, ou esta palavra em nenhum momento foi ouvida por nós, dita por algum agualimpense. São dessas pequenas propriedades que os habitantes retiram parte dos alimentos para a sustentação das famílias.

Conforme relata Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973), o meio rural brasileiro tornou-se objeto de estudo, devido a curiosidade e interesses que naquele momento despertava entre os habitantes do meio urbano. Admirados de que se conservassem no interior, estilos de vida que não existia mais nas cidades grandes.

Atualmente, vemos a possibilidade de algumas práticas de cultivo deixarem de existir em Água Limpa. Não por falta de interesse dos moradores, mas por força maior, ou seja, desgaste do solo causando a improdutividade de alguns cereais como feijão, arroz entre outros que fazem parte da base alimentar dos agualimpenses.

Nas pequenas propriedades de Água Limpa, com as condições que eles têm para executar o plantio, a colheita do feijão, segundo os moradores, não é mais possível dar continuidade a essa atividade. Sendo que para o consumo diário o produto é comprado em supermercados nas cidades. Podemos dizer que esses e outros são problemas que estão deixando os habitantes de Água Limpa com preocupação.

É importante ressaltarmos que a situação econômica das famílias que moram em Água Limpa torna-se insuficiente para preparar a terra adequadamente, comprar sementes e produtos de combate a insetos que danificam os cultivos. Pois, nos moldes tradicionais as terras são “improdutivas”, sendo que a mão-de-obra é composta pelas famílias e por animais como força de trabalho.

Mais adiante Queiroz (1973, p. 23) descreve que “o camponês traz à cidade os produtos que consomem”. A afirmação são características das famílias camponesas. Portanto, em Água Limpa não é diferente, pois produtos como queijo, leite, frangos entre outras produções e espécies animais são vendidos para cobrir outros gastos no complemento das despesas familiares. Queiroz continua (p. 24):

(...) o campesinato, essencialmente votado às lides agrárias, constitui uma camada social inferior, submissa à camada urbana. Este campesinato é formado de unidades domésticas de produção, orientadas primeiramente para a subsistência da família. Os instrumentos de trabalho são rudimentares; o excedente da produção é vendido ou trocado em mercados locais. Sendo a produção destas unidades familiares reduzidas.

Quase sempre a tecnologia usada “é pré-industrial, cultivam pequenas áreas consagrando uma porção significativa da colheita para sua subsistência” (QUEIROZ, 1973, p. 25). A mão-de-obra utilizada para fazer as plantações é familiar, porém, existem as trocas de

diárias de serviços¹¹ entre trabalhadores de famílias circunvizinhas habitantes da mesma comunidade.

Há casos em Água Limpa que o trabalho dos membros das famílias na sua própria terra não é suficiente para garantir o sustento integral das mesmas. Portanto, diante dessa situação, vários integrantes das famílias são forçados a procurarem outras atividades econômicas nas fazendas circunvizinhas para complementar a renda familiar. Por essas circunstâncias os trabalhadores exercem suas atividades itinerantemente. Veja o depoimento de um morador de Água Limpa, Manoel Pinto Barroso:

Já toquei roça pra todo lado. Aqui no Noé Mota, ali pra Serra beirando as terras do Jeová. Eu toquei roça três anos aqui no Luiz Fernando. Aí, nós saiu de lá, veio aqui pro Ricardo, beirando o Ricardo Ferreira, aí nós saiu de lá foi lá pra perto de Itapuranga retirado 12 km, tocando roça lá. No “Pega com Deus”¹².

Para Queiroz o destino dado aos produtos tem um caráter essencial para a definição de camponês, porque irão todos os outros elementos com eles correlatos. Portanto, podemos dizer que “o camponês é um trabalhador rural cujo produto se destina primordialmente ao sustento da própria família” (QUEIROZ, 1973, p. 29).

Além do modo de produção material e cultural como uma das características marcantes para a definição de campesinato, a literatura, seja ela oral ou escrita, é uma maneira de especificidade que pode diferenciar uma família, um grupo ou uma comunidade em sua relação com o território. A pluralidade material e cultural é que vai ser fundamental para identificar a população campesina onde quer que esteja situada no meio rural.

1.3 - Uma Relação de Identificação com o Território

Segundo Raffestin (1980, p. 144) “o território se apóia no espaço, mas não é o espaço”, ou seja, é uma produção a partir dele, sendo uma construção que se realiza com base em relações de poder. Para o mesmo autor (p. 143-4):

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em

¹¹ Trocas de diárias de serviços representam momentos onde os trabalhadores se reúnem para fazer o serviço de um camponês. Depois em outro momento vão retribuir o dia de serviço recebido.

¹² Entrevista concedida no dia 21 de julho de 2007, por M. P. B. 52 anos morador de Água Limpa. Quando o entrevistado fala em “Pega com Deus” refere-se a uma região que faz parte do município de Itapuranga-Go. Próximo da fronteira do município de Faina-Go.

qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço... “A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e rotas aéreas etc”. O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si.

Assim sendo, Água Limpa caracteriza-se como um território por ser uma porção do espaço, mas que se define como uma comunidade territorial, definida pelas relações de poder das famílias que ali habitam. Esse território agualimpense se torna mais específico com a relação entre as famílias, onde cada uma através de delimitações territoriais define sua posse fazendo de Água Limpa um território dividido em pequenas propriedades comandados por um(a) chefe familiar.

Sabemos que o território pode ter várias dimensões e formas de uso diferenciadas e com significados completamente particulares. Por exemplo, quando se fala em território goiano deixa-se em aberto à possibilidade dos leitores entenderem que todos os goianos fazem parte de um mesmo território. Porém, a realidade é outra. O território também pode ter dimensões mesorregionais, microrregionais ou mais específicos para determinar lugares onde vivem sociedades indígenas, comunidades quilombolas, das favelas e muitos outros grupos específicos.

Quando Milton Santos (1991, p. 71) afirma que “o espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço”, sendo intermediada pelos objetos, naturais e artificiais, significa dizer que cada tipo de ação praticada vai configurar em uma nova paisagem cultural, ou seja, a forma como cada indivíduo, família ou comunidade se identifica e se relaciona com a natureza vai criar uma paisagem cultural com características específicas.

A Geografia, ou melhor, os geógrafos são intelectuais que têm uma sensibilidade ao abordar questões que retratam as relações dos homens e mulheres com o espaço. São diferentes formas de abordagens retratando os mais variados segmentos sociais. Em outro momento o mesmo autor volta a dizer (2000, p. 61) aborda questões referentes à territorialidade e cultura veja:

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as praticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento. É por isso que as migrações agridem o indivíduo, roubando-lhe parte do ser, obrigando-o a uma nova e dura adaptação em seu novo lugar.

Desterritorialização é freqüentemente uma outra palavra para significar alienação, estranhamento, que são, também, desculturização.

O autor afirma que o território é mais que um simples conjunto de objetos, dos quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico. Esses dados simbólicos podem ser representados através da linguagem, dos hábitos, das representações, dos tipos de relações e produções entre outros.

Outra observação a respeito do território baseada na abordagem feita por Raffestin é a de Ratts (2000 p. 25) quando trata de comunidades negras no Ceará:

O território, assim formulado, não se reduz à terra ocupada, mas abrange também o espaço apropriado pelo grupo. Inclui um repertório de lugares de importância simbólica, envolvendo agrupamentos negros não mais existentes onde residiram antepassados, porções de terra perdidas, localidades para onde migraram vários parentes e que se deseja conhecer: lugares que são acessados através de viagens, notícias, lembranças, saudades.

Quando Ratts pontua os lugares de importância simbólica ele está falando do espaço que foi construído na memória e no inconsciente, ou seja, por onde quer que o indivíduo esteja, estará consigo lembranças e saudades construídas na relação com o espaço ou com seus familiares que lá residem ou residiram.

Corrêa (2005) indica a existência de territórios móveis, o território que é construído na memória de cada indivíduo, fazendo parte do seu saber e do seu imaginário durante toda sua vida. Quando Ratts destaca a importância e o envolvimento de agrupamentos negros não mais existentes, esse quadro pode ser comparado com a situação atual de Água Limpa. Portanto, mesmo quando acontece toda essa mobilidade entre os moradores de Água Limpa do meio rural para as pequenas, médias e grandes cidades a relação de identificação construída no território jamais vai ser substituída por completo.

Diante do que foi observado nos diálogos com os moradores da comunidade e alguns dos que migraram, eles apontam a dificuldade de produzir nos pequenos pedaços de terra. Os filhos vão crescendo e querem condições melhores para estudar e trabalhar.

Mesmo com a transferência das famílias, os laços não são interrompidos por completo. Mas às vezes os contatos diários, semanais ou mensais de certa forma deixam de existir com freqüência, pois, aqueles que não conseguem ir à comunidade nos feriados ou finais de semana que não é um número alto, aproveitam a época da folia para comparecer porque encontram os parentes e participam da festa ao mesmo tempo.

Podemos afirmar que a afinidade entre as famílias não é por acaso, mas faz parte de uma construção identitária, social e cultural. Como diz Haesbaert (1999, p. 172), essa identidade pode ser territorial por ser definida fundamentalmente através do território. O mesmo autor (p. 175-76) continua a dizer:

A identidade social legitima um existir social onde a percepção das diferenças é fundamental para a afirmação do grupo cultural. Uma das principais questões ligadas à identidade, contudo, é a dificuldade em reconhecer o “simplesmente Outro”, tendendo-se sempre, por meio de um processo classificatório, a padronizar, criar um parâmetro único de comparação, hierarquizando ou “desigualizando” aquilo que deveria ser visto apenas como diferente. A diferença identitária, cultural, portanto, tende a diluir-se na desigualdade, e o extremo desta transformação é dado pelo racismo – nele, a diferença do Outro se transforma na sua estigmatização, no seu “rebaixamento”, na sua depreciação.

Ele continua a dizer que a identidade é a (re)construção que envolve uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, capazes de fazer sentido na atualidade. Assim, a memória de forma continuada reestrutura as idéias sem cessar. Esse processo é que mantém sempre vivas as lembranças e a saudade entre os que foram e os que ficaram.

Independente das dimensões que os indivíduos conseguem interagir com o espaço, eles constroem uma identidade. Rogério Haesbaert (1999, p. 172) pontua que “toda identidade territorial” também é uma identidade social, porque ela é definida fundamentalmente através do território, caracterizadas tanto pelo campo das idéias quanto da realidade concreta. O autor destaca a importância e o poder que pode conquistar a identidade social (1999, p. 177-78):

O poder da identidade social é tanto mais forte quanto maior for sua eficácia em “naturalizar” esta identidade, tornando puramente “objeto” o que é permeado de subjetividade, transformando a complexidade da construção simbólica no simplismo de uma “construção natural”, a-história e aparentemente imóvel. Seu poder, assim, é muitas vezes mais forte e eficaz do que o poder “objetivo”, mais concreto, porque o poder simbólico é mais sutil em suas formas de manifestação e, portanto, mais dificilmente reconhecido.

Conforme a observação acima, tanto o sentido simbólico quanto o concreto é fundamental na construção identitária dos homens e mulheres que fazem o território agualimpense se estender para além dos limites de Água Limpa. Quando alguém deixa o local leva consigo saberes que indicam diferenciações culturais ali construídas.

Ao discutir questões da identidade cultural agualimpense, também está em foco a sua relação com o espaço, território, paisagem, lugar e outros mais intermediados pelas relações dos homens e mulheres. Colocamos em debate algumas idéias propostas por Bauman (2005, p. 91), onde o autor afirma que “você pode conseguir uma identidade da sua escolha” podendo usá-la de forma alternativa até o momento de selecionar outra que o agrade. Em relação ao mesmo assunto ele continua (p. 91-2):

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação.

Na verdade, hoje em dia a realidade demonstra que realmente você pode e tem várias possibilidades de escolher a identidade que se quer usar. Mas, às vezes as assimilações não são tão fáceis quanto parece, alguns fatores podem ser decisivos como, tipo de educação recebida, idade, ambiente de criação do indivíduo seja urbano ou rural, visão de mundo, pertencimento étnico-racial e de gênero, etc.

Tomemos como exemplo o caso de uma cidadã agualimpense, uma senhora que aproxima dos 60 anos de idade que comprou uma casa na Cidade de Goiás para morar, mas não vendeu sua propriedade rural, pois, segundo ela, é herança que seu pai deixou. Isso aconteceu após o falecimento do seu pai. Até então a família nunca tinha morado em cidade alguma.

Essa senhora fica alguns dias na cidade e volta para sua casa na zona rural, pois segundo ela, não suporta o barulho durante muitos dias. A dificuldade de adaptação para morar na cidade encontrada por ela justifica-se devido todo seu processo de formação ter acontecido na propriedade de seu pai em Água Limpa, ambiente de “sossego”, livre de certas perturbações encontradas nas cidades que dificultam determinadas adaptações, como foi o caso.

A nosso ver, acima de toda essa poluição sonora existente na cidade alegada por ela, está a sua construção familiar, identitária, social, cultural e simbólica vivida durante anos, décadas, na comunidade de Água Limpa. No entanto, há uma grande dificuldade para incorporar um novo estilo de vida bem diferente do que era levado até então, assim, aparece a resistência em habitar o espaço urbano.

Para Dalmir Francisco (2000, p. 123-24) “a identidade é o conhecido ou o determinado, ou seja, um jogo que leva os homens e mulheres a existirem no sentido de ser o mesmo consigo mesmo uma relação unitária pela linguagem”. Ele segue dizendo que (p. 124):

A identidade é continuidade no tempo, como invariância, mas relativo ao tempo ou o que se repete como disposição durável do ente em relação a si - mesmo, o que advém do comportamento / hábito, da fidelidade às normas, às regras, às instituições. Esse jogo (mesmidade / semelhança e diferenciação) depende da narração, da narratividade histórica que repõe a ética para o indivíduo e para a coletividade.

Quando o autor comenta “ser o mesmo consigo mesmo”, significa que a identidade por mais que seja construída na família ou em uma comunidade ao mesmo tempo ela é individual, pois, cada indivíduo tem sua própria criatividade e uma forma de expressão pessoal. Então, cultivar a identidade é uma forma de reproduzir ou alimentar algo que já foi construído dando possibilidade para novas criatividadees.

Assim, o estranhamento encontrado por aqueles e aquelas que mudaram de Água Limpa para as cidades mostra a importância enquanto valor simbólico do fato de que as pessoas constroem sua relação com o espaço anteriormente habitado.

Francisco (2000, p. 125) volta a refletir que a identidade é jogo de semelhança e diferenciação e esse jogo é composto pela linguagem. Sendo um jogo discursivo ou narrativo, que vai desde certo modo de contar a história, a produção literária e artística, à valorização de certa produção musical-popular, a produção simbólica midiática e, também, as anedotas, piadas e ditados “folclóricos” ou populares.

No Brasil quando se refere à questão étnico-racial, torna-se um assunto bastante complexo, porque em um país em que as ideologias predominantes são impostas principalmente através dos meios de comunicação é a identidade e a cultura dos homens e das mulheres brancas que dispõem de um alto poder aquisitivo, de alguma forma devido à influência que se tem, que, em grande parte, sobrepõe-se às identidades construídas por grupos “minoritários” como: quilombolas indígenas, negros, homossexuais e outros. Francisco (2000, p. 145) faz a seguinte proposição:

Essa identidade criada pelo negro, para si, comunitária e individualmente, significa um vigoroso (porquanto vigora) contraponto à identidade criada para e contra o negro traduzida pela ideologia da mestiçagem, pela qual o negro não é mais (foi escravo), não permanece (está se diluindo pela mestiçagem) e que não será, pois que estará diluído (di/s/luere = lavado) na futura metarraça. Entretanto, a identidade nacional e popular (isto é, relativa aos ameríndios, negros e brancos que integram a população brasileira)

continua sendo desenhada pela ideologia da mestiçagem e, em conseqüência, há um esforço continuado de construir a invisibilidade social, histórica e cultural-comunitária do negro.

Podemos afirmar que não há uma única cultura, mas culturas e nem uma única identidade, mas identidades, por isso, a relação entre o particular, regional, nacional e universal se altera. Mas todos fazem parte das experiências e dos conhecimentos dos homens e das mulheres que são os precursores de cada saber nos mais diferentes níveis de classes sociais.

Queremos ressaltar a questão do estranhamento inevitável principalmente em relação a aqueles(as) que mudaram de Água Limpa para o meio urbano, situação que os(as) coloca diante da necessidade de reconhecer e enfrentar as diferenças, ou seja, de incorporar novos saberes para lidar no urbano entrando em conflito consigo mesmo em relação à construção da sua vida anterior. Em determinados momentos colocando em dúvida se o que foi aprendido enquanto morava no campo vai lhe beneficiar nesta nova etapa de suas vidas.

Percebemos uma aproximação do objeto de estudo (Água Limpa) com a abordagem feita por Martins de que, atualmente vivem-se uma situação de ensinamentos e aprendizados, sendo incorporados “mitos da sociedade branca” na lógica de sua identidade étnica e das suas tradições (2003, p.39).

Em outro momento, no mesmo texto, Martins coloca em questão a linguagem do silêncio, do gesto, destacando que a língua dele foi capturada, dominada e silenciada. Os que sofrem essas mutilações são os pobres, as tribos indígenas, as comunidades quilombolas, camponeses entre outros agrupamentos sociais “minoritários”. Assim ele define (Ibid. p. 13), quem são os estranhos:

O estranho não é, entre nós, apenas o agente imediato do capital, como o empresário, o gerente e o capataz, mas é também o jagunço, o policial, o militar. E, ainda, o funcionário governamental, o agrônomo, o missionário, o cientista social. Embora cada um trabalhe para um projeto distinto, raros são os que trabalham pela vítima dos processos de que são agentes. São, portanto, protagonistas da tragédia que aniquila os frágeis e que, por isso, nos fragiliza a todos, nos empobrece e nos mutila, porque preenche com a figura da vítima o lugar do cidadão. E nos priva, sobretudo, das possibilidades históricas de renovação e transformação da vida, criadas justamente pela exclusão e pelos padecimentos desnecessários da imensa maioria.

Pois bem, ao conversar com moradores(as) de Água Limpa torna-se “transparente” em cada pessoa ao referir que é nascido e criado no lugar, esse orgulho ainda

acontece de forma mais explícita entre os mais idosos. Porque a sua relação de vida familiar, grupal e territorial se deu na sua maior parte no território agualimpense.

É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Portanto, o que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida, seu entendimento é fundamental para não perder o sentido da vida individual e coletiva, eliminando o risco de renúncia ao futuro (SANTOS, 1994, p. 15).

Os laços que são e vão sendo construídos nas relações diárias dos indivíduos com o território fazem dele a base de sustentação de cada cultura ou identidade. Uma vez consolidada, pode ser um reduto de resistência às racionalidades “quando são ameaçadas” para o rompimento de identidades e culturas que são construídas e preservadas ao longo dos anos. Para Santos (1994, p. 16):

O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos uma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas.

O território pode ser entendido e definido ao mesmo tempo em diversas dimensões e escalas, neste caso restringe-se à Água Limpa em sua escala territorial local. Ele, com toda sua carga simbólica, desempenha um papel fundamental na disputa em sua relação pelo poder. Pois, quando é feito uma cerca de arame é uma forma de delimitação que deve ser respeitado pelos demais.

Por mais que uma identidade cultural seja definida fundamentalmente através do território como é o caso dos moradores de Água Limpa, a propriedade da terra é um bem individual ou familiar que “não interfere” nas relações coletivas da comunidade causando conflitos, porque as divisões territoriais das propriedades são compreendidas por todos.

Para Ianni (1994, p. 83) o processo acelerado imposto pela globalização interferindo no modo de vida de todos os tipos de segmentos sociais no universo. Toda essa expansão do mercado mundial, divisão internacional do trabalho, as fábricas global criam e recriam novos espaços físicos, sociais, econômicos, políticos e culturais.

As mudanças provocadas pelo sistema de globalização fazem com que o “local esteja inserido no global e as ações globais interferindo nos lugares”. Pois, a lógica do capital é conseguir o maior mercado possível incitando as pessoas a se tornarem cidadãos(ãs)

consumidores(as), mas não podemos deixar de refletir sobre a complexidade desse mercado globalizado.

Sabemos que as influências mercadológicas fazem com que exista incorporações de novos valores culturais de uns e outros, na mesma proporção em que se diversificam experiência e existência, intercâmbios culturais e formas de organização social da vida, modos de trabalhar, agir, pensar e imaginar (Ibid. p. 83).

Um reflexo da globalização pode ser observado nas palavras do senhor Joaquim Corrêa da Silva que foi morador em Água Limpa por muitos anos, atualmente mora na Cidade de Goiás. No período de realização da Folia de Reis, nos últimos dias de dezembro e princípio de janeiro de 2006 e 2007, nós conversávamos e ele nos contava que a 50 ou 60 anos atrás tudo que precisava fazer que não fosse em Água Limpa, principalmente se fosse na cidade, teria que ir caminhando ou a cavalo. Pois, ninguém na comunidade possuía carro ou moto e não tinha linha de ônibus igual tem hoje em dia, tudo era feito a pé ou a cavalo.

Atualmente o acesso tanto para quem chega quanto para quem sai de Água Limpa é menos difícil do que algumas décadas atrás. Por exemplo, há residências que se situam em torno de 1 a 2 km da GO 164, com grande fluxo de automóveis, e outros que moram em uma distância de 4 a 6 km. As estradas de rodagens vicinais, não todas, mas, estão em bom estado de conservação¹³.

Nas últimas cinco décadas, houve muitas mudanças na comunidade se comparando com períodos anteriores: o modo de como plantar, o preparo da terra para o plantio, a relativa facilidade para deslocarem de Água Limpa para uma cidade qualquer, inclusive a capital Goiânia.

Os meios de comunicação e informação antes aconteciam através do rádio, carta ou recado verbal. Atualmente, não em todas as casas, há um número razoável de famílias que fazem uso, além dos meios de comunicação mencionados anteriormente, de televisão, aparelho de celular, som, um ou outro aparelho de DVD, etc.

Em comparação a essa linha do tempo de 50 anos atrás para o atual período, houve uma mudança significativa no giro para a realização da Folia de Reis, desde o início e até a pouco tempo, todo o percurso era feito a pé. Atualmente eles contratam um caminhão F-4000, para fazer o transporte durante todo o período de realização da festa da Folia (9, 10 e 11).

¹³ Em todas as casas de moradores de Água Limpa em que visitamos, nenhum possui carro. Portanto, dependem dos ônibus de linha que passam nas rodovias “próximas” da comunidade, a maioria é dependente desse tipo de transporte.

São mudanças significativas, porém, necessárias para manter a participação em maior número dos agualimpenses, tanto para os que moram na comunidade ou os que se mudaram. Pois, vários(as) já se encontram com uma idade um pouco avançada e a saúde não é mais a mesma, a força física torna-se insuficiente para resistir às longas caminhadas durante os dias de Folia.

Torna-se inevitável algumas mudanças no giro da Folia para conciliar com as outras atividades obrigatórias, como: zelar dos animais, tirarem leite para a produção de queijo ou entregar para laticínio e aqueles que têm vínculo empregatício que gira durante a noite na Folia e trabalha durante o dia conforme palavras dos participantes, que segundo eles(as) qualquer sacrifício vale a pena. Ianni nas suas argumentações (Ibid. p. 83), continua dizendo que:

A sociedade global continua e continuará a ser um todo povoado de províncias e nações, povos e etnias, línguas e dialetos, seitas e religiões, comunidade e sociedade, culturas e civilizações. As diversidades que floresceram no âmbito da sociedade nacional, quando esta absorveu feudos, burgos, tribos, etnias, nacionalidades, línguas, culturas, tradições, sabedorias e imaginários podem tanto desaparecer como transformar-se e florescer, no âmbito da sociedade global. Os horizontes abertos pela globalização comportam a homogeneização e a diversificação, a integração e a contradição.

Tudo isto que foi colocado não significa abandono de uma cultura ou identidade das pessoas, mas, uma incorporação de elementos que do ponto de vista social, econômico e cultural faz com que eles consigam se manter enquanto indivíduos que possuem direitos, deveres e necessidades. Imagine se nos dias atuais eles fossem plantar uma lavoura nos moldes de cinquenta anos atrás, seria possível?

Pensamos que não. Primeiro porque nas áreas de terras férteis o mato foi retirado quase por completo restando apenas as matas ciliares e pequenas reservas, em segundo, o solo não possui a mesma fertilidade, portanto, algumas mudanças e adaptações são inevitáveis.

Pensar o passado das relações das pessoas com o espaço, não significa fazer geografia antiga ou ultrapassada. Significa buscar em tempos idos algumas chaves da interpretação do presente, sendo um passo importante para compreender as relações construídas no espaço territorial e fundamental para que possamos pensar com segurança o espaço do futuro que queremos ter ou construir (ABREU, 1997, p. 240).

O autor não se abstém em afirmar a importância de estudar o passado no espaço habitado, porque, a construção identitária e cultural não se caracteriza apenas com o

relacionar momentâneo das pessoas com o território onde vive uma seqüência de “inovações” atribuídas à base que lhe suporte para a existência dos indivíduos enquanto homens e mulheres que são portadores e construtores de culturas.

Em Água Limpa, por exemplo, são cultivadas práticas culturais de gerações antecedentes as que habitam atualmente a “comunidade negra”. Abreu (Ibid. p. 240), afirma:

Para se analisar o espaço geográfico não basta desvendar as suas múltiplas dimensões atuais. Há que se investigar também o processo histórico que lhe deu origem, pois aí estão, muitas vezes, os segredos da sua boa interpretação. Nessa busca do passado, entretanto, não devemos nos ater apenas aos vestígios concretos que ele deixou, isto é, às formas materiais que ainda subsistem na paisagem. As formas não materiais também precisam ser investigadas.

Em muitas situações o processo histórico cultural que se faz presente, está relacionado à Folia de Reis, catira, criação de animais, “os tipos de cultivo”, mutirões são algumas das atividades praticadas que não foram planejadas ou inventadas pelos atuais habitantes. Ou seja, uma prática antiga, mas que são incorporados novos elementos, pois, cada indivíduo tem a sua maneira particular de absorver e expressar aquilo que foi aprendido.

Capítulo I - Fotografias

Foto 1: Residência de um folião e casa de pouso da Folia de Reis da Comunidade.



Fonte: Antonio Ferreira Leite 2006.

Foto 2: Casa do ex-líder da comunidade atualmente falecido.



Fonte: Eldirene Vieira de Oliveira Leite 2007.

Foto 3: Residência de um dos moradores mais idosos da comunidade e a chegada do giro da Folia em sua casa.



Fonte: Douglas Silva 2007.

Foto 4: Mata Ciliar do Ribeirão Água Limpa.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2006

Foto 5: Cerrado preservado ao fundo



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 6: Monte de milho onde estava sendo feita a colheita na lavoura do líder da comunidade.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2006.

Foto 7: Plantação de mandioca, banana, guariroba e uma mangueira ao fundo.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2008.

Foto 8: Outra área plantada com variedades de espécies de plantas.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 9: Canteiros de horta de uma habitante da Comunidade Água Limpa.



Fonte: Eldirene Vieira de O. Leite, 2007.

Foto 10: A mesma horta vista de um outro ângulo.



Fonte: Eldirene Vieira de O. Leite, 2007.

Foto 11: Feira do pequi na margem da Go 164.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2006.

Foto 12: Caminhão que transporta os foliões durante o giro da Folia.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2006.

Foto 13: Os foliões entram no caminhão saindo de um poso da Folia para continuar o giro durante a noite.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007

Foto 14: Momento posterior a chegada em outro poso da Folia.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2006.

CAPÍTULO II

FOLIA DE REIS: UMA TRADIÇÃO QUE MOBILIZA A COMUNIDADE

Nas mais diversas áreas territoriais do Estado de Goiás onde as Folias de Reis acontecem, seja no meio rural ou urbano a Folia constitui-se como a festa preferencial de cada indivíduo ou devoto de Santos Reis (BRANDÃO, 1977, p. 4). Essa importância ganha sentido uma vez que para os devotos é um momento especial para agradecimentos e novos pedidos.

Brandão (1977) aborda a realização dessa festa religiosa e as suas práticas ritualísticas. O autor enfatiza que “a Folia de Reis é um grupo precatório de cantores” (p. 04) que tocam instrumentos e outros que muitas vezes apenas tocam se “abstendo” da cantoria.

A realização do ritual acontece com a presença de acompanhantes, e viajores¹⁴ rituais entre as casas de moradores rurais de Água Limpa, durante um período anual de festejos dos “Três Reis Santos”, entre 28 de dezembro e 6 de janeiro. Essa é a época em que as famílias, em sua maioria, se reúnem para a realização da festa da Folia de Reis, trata-se de momentos marcantes para os devotos dos Três Reis Santos e aqueles que acompanham todo o cortejo durante os dez dias de festa.

Para Erving Goffman (1985, p. 41), quando o indivíduo se apresenta diante dos outros que podem pertencer à sua comunidade ou não, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo.

O saber cultural não é propriedade comum de toda a humanidade (GEERTZ, 1997, p. 112), sendo que em muitos casos as apresentações e representações fazem parte de práticas herdadas, crenças aceitas, juízos habituais que é uma seqüência do aprendizado adquirido com seus existentes anteriores ou aqueles que ainda se fazem presente entre a família ou comunidade. O autor (p. 112-13) continua:

Desta relutância surgiu toda uma tradição de argumentos cujo objetivo é provocar que os povos “mais simples” realmente têm um sentido do divino, um interesse imparcial no conhecimento, uma noção da forma legal, ou uma apreciação da beleza por si mesma, ainda que essas qualidades não estejam engavetadas nos compartimentos culturais organizados e estanques que conhecemos tão bem.

¹⁴ Viajores é o nome dado por BRANDÃO, para os foliões que fazem os percursos de uma casa para outra durante o período de realização da Folia.

A cultura por mais que tenha seu valor e reconhecimento nos lugares, pode ter uma dimensão estadual ou até mesmo nacional. Porém, com caráter específico e a criatividade das pessoas que habitam cada lugar e têm sua própria maneira de criar e se manifestar.

A Folia de Reis é um exemplo do que está sendo comentado. Ela é uma referência de prática cultural que acontece nas mais diversas partes do Brasil como em Goiás, Minas Gerais, Bahia e em diversos outros estados. Cabe a nós dizer que em nenhum lugar a Folia de Reis acontece da mesma forma ou com os mesmos rituais, tanto as letras das canções quanto o ritmo da cantoria tem caráter específico de cada grupo de folião.

O fenômeno manifesto na Folia de Reis, seja qual for a forma em que se apresenta ou a habilidade das pessoas que o produz, representa as mais diversas formas de se manifestar culturalmente as tradições comunitárias. Esta incorporação feita por cada indivíduo ou grupo, este processo de atribuir um significado cultural, é sempre um processo local familiar e comunitário (Ibid. p. 146).

Os valores e sentidos simbólicos que são inseridos no cotidiano doméstico são resultados de somas importantes que foram construídas ao longo da vida. Na verdade, cada aprendizado adquirido com os pais, irmãos, avós, tios ou com quem quer que seja, vai consolidar na formação social e cultural que lhe dará *status* de homem ou mulher com cultura e identidade “própria” diferenciando-o(a), dos demais nos ambientes onde são freqüentados por pessoas de distintos segmentos e culturas.

Para Costa (2005, p. 81), a Geografia, em suas abordagens urbana, rural e cultural, torna-se importante entender a relação entre identidade, cultura e espaço. Podemos argumentar que todos os processos de produção e manutenção de identidades sociais necessitam do suporte espacial. Assim, como o espaço geográfico é indissociável das ações sociais.

A realização da festa da Folia de Reis em Água Limpa é um exemplo que demonstra a necessária relação com o espaço e a indissociabilidade que resulta na cultura e identidade dos homens e mulheres que habitam Água Limpa.

Alguns aspectos que podem ser considerados importantes para a afirmação de certos grupos é manter a existência e a permanência, o que significa a necessidade de consolidar por maior tempo possível as características relacionais dos grupos, ou seja, seus rituais, comportamentos, formas de comunicação, símbolos e estéticas, assim como o território onde isto é possível acontecer (Ibid. p. 84). São processos que garantem a diversidade e multiculturalidade da nação brasileira.

Novamente Costa (2005, p. 84) argumenta que no processo identitário, o território torna-se suporte para a criação, produção e a manutenção do campo relacional que constrói o conjunto de atributos vinculados à identidade que se produz. Nesse caso, o espaço se transforma em território, que é ao mesmo tempo produzido e produtor dos processos de identidade, gerando sua manutenção, garantindo sua existência.

2.1 – As Narrativas na Transmissão da Cultura

A cultura faz parte de tudo aquilo que construímos em nossa vida cotidiana, ou aquilo que aprendemos com o nosso próximo, sejam ele(s) ou ela(s) componente(s) da família ou não. Entre as comunidades rurais, principalmente quilombolas como é o caso de Água Limpa, o mecanismo mais usado para a transmissão da cultura entre os pais, mães e os filhos, avôs, avós, tios, tias, e os demais membros das famílias em suas trocas culturais sem dúvida é a narrativa. Ou seja, as conversas entre ambos vão reproduzindo novos saberes que garantem a continuidade da cultura grupal.

As conversas entre vizinhanças, o momento de contar suas histórias de vida aos mais jovens, os mutirões, as folias constituem em aspectos fundamentais na memória e na cultura grupal. Damatta afirma que “Do mesmo modo e pela mesma lógica, os rituais permitem a sensação de uma ‘volta’ do tempo, porque eles prescrevem com nitidez e obsessão um lugar para cada lugar” (1985, p. 47).

Assim se produzem as diferentes culturas e identidade nos mais diversos territórios, ou seja, os diferentes tipos de relacionamentos entre pessoas de diferentes idades na comunidade vão consolidando uma cultura geração após geração.

Para Gomes (1999, p. 112) cada cultura é uma forma devidamente particular das pessoas se expressarem para a sobrevivência em diferentes tipos de ambientes:

Cultura passa assim a ser concebida como um conjunto de elementos do mundo humano civilizado e, ambivalentemente, pode ser utilizada para falar de um conjunto de práticas, valores e hábitos de uma dada população ou para qualificar atributos relativos à instrução e aos conhecimentos detidos por alguém.

Vale ressaltarmos que a identidade, cultura e o território são indissociáveis porque cada pessoa ou grupo de pessoas se expressa em um determinado espaço. Terreiro de candomblé e umbanda, locais de folia, cavalladas, congadas, procissões e outros, apresentam culturalmente aquilo que se identificam em um tempo e em um espaço distinto.

A cultura não se caracteriza apenas pela herança, ela se compõe de todas as invenções e atividades praticadas por uma sociedade ou grupo em sua convivência diária. Claval (1997, p. 97) explica que:

A cultura incorpora, assim, valores. Estes têm uma tripla finalidade: primeiro, guiar a ação, inscrevendo-a em um quadro normativo; segundo, sublinhar a especificidade de tudo que é social, alçando a uma dignidade superior o que passa por procedimentos de institucionalização, e, terceiro, dar um sentido à vida individual e coletiva.

A cultura não pode ser usada apenas como forma de identificar um indivíduo ou outro pela sua forma diferente de se expressar. Como o Brasil é considerado uma sociedade plural, composta por uma grande diversidade de povos e culturas, que se diferenciam em jeitos, gostos, gestos, modos de falar e se relacionar com a natureza marcam diferenças entre homens e mulheres, entre grupos sociais, entre tipos físicos e entre povos. Se não cuidarmos, ou não entendermos as diferenças como riqueza, tendemos a achar que nossas formas de agir e pensar são as melhores, mais justas e mais belas.

O papel desempenhado pela narrativa tem um significado tão importante que quando estávamos fazendo as entrevistas com moradores da comunidade de Água Limpa, perguntamos para o senhor João José dos Santos, 67 anos, sobre o aprendizado que ele teve com seus pais ou outra pessoa da família que ele gostaria de destacar, como resposta ele disse: “O que eu gostei mais, por exemplo, assim, é a união né. O que a gente aprendeu com os mais veio daqui é muita coisa, aconselhar, contar um caso pra gente eu aprendi muita coisa. Eu acho bom ¹⁵”.

Esse depoimento mostra um pouco do que é o ambiente familiar, onde um senhor de 67 anos tem para si como algo mais marcante na sua construção enquanto pessoa e cidadão a união familiar e o aconchego vivido pelas famílias. Não só pelo depoimento de João José dos Santos, mas durante as mais de dez vezes que já estivemos lá foi algo que fazia parte da nossa observação o respeito que existe entre eles principalmente dos mais jovens em relação aos mais idosos e vice-versa.

Quando este senhor aponta dizendo que o aprendizado com os mais velhos é muita coisa, podemos afirmar que são esses e outros aprendizados que garantem a “permanência” por tantos anos de uma comunidade quilombola habitando um território rural.

O apego às tradições, a luta para manter vivo aquilo que foi aprendido através dos seus antepassados e que eles fazem questão de manter a continuidade, são pontos

¹⁵ Entrevista concedida no dia 21 de julho de 2007, por João José dos Santos morador de Água Limpa.

fundamentais para a “definição enquanto comunidade quilombola” e grupo étnico com saberes e fazeres diferenciados.

Para Zygmunt Bauman (2005, p. 84), “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação”. Isso quer dizer que ninguém nasce com uma identidade pronta e acabada, sendo uma construção ao longo da vida. Hoje em dia com os vários tipos de migrações intermunicipais, interestaduais, internacionais as pessoas são capazes de conviver com duas ou mais identidades diferentes agregando novos valores identitários e culturais.

O mesmo autor aborda também as identidades da subclasse ou das pessoas que estão à margem da sociedade, sendo julgadas por aqueles que se dizem exercer uma cidadania plena achando-se no direito de negar ou conceder a identidade aos marginalizados da “subclasse” Bauman (2005, p. 46), expressa:

Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori. O significado da “identidade da subclasse” é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do “rostro” – esse objeto do dever étnico e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas.

Sendo assim, a “subclasse” que é um grupo heterogêneo de pessoas que tiveram todas as ramificações reconhecidamente podadas ou anuladas, ou seja, a vida desses sujeitos neste ponto de vista passa a ser puramente sem sentido para aqueles que “dominam” os diferentes meios de produção. Como foi abordado anteriormente que a identidade é uma construção ao longo da vida, nenhum cidadão ou cidadã deverá achar-se no direito de julgar, determinando o que o outro deverá ser ou fazer.

Stuart Hall (2005) destaca a importância do fortalecimento de identidades locais e das comunidades tradicionais que representam uma reação defensiva contra os membros dos grupos étnicos dominantes, que cada vez mais pretendem consolidar sua hegemonia cultural sobre as demais culturas. Hall (p. 62) afirma que:

Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma “fundacional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não

tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais.

Ao discutir as questões culturais subjacentes de um povo ou as de grupos étnicos dominantes. Vale lembrar que não há cultura superior ou inferior elas são apenas diferentes e exigem respeito como tal e qual. Hall volta a dizer que a homogeneização cultural é o grito angustiado daqueles(as) que estão convencidos(as) de que a globalização ameaça destruir as identidades tradicionais e provocar uma “unidade” das culturas.

Trabalhar com a pluralidade cultural significa propiciar cooperação na formação e consolidação de uma cultura baseada na tolerância e no respeito aos direitos humanos, obtendo assim, uma cidadania compartilhada por todos os brasileiros.

Segundo Bauman (2003, p. 7), “as palavras têm significado, sendo que algumas delas guardam sensações, a palavra ‘comunidade’ é uma dessas”. Ainda segundo o autor, “ela sugere uma coisa boa, o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’ ‘estar numa comunidade’” ou fazer parte de uma “comunidade”. Este sentido que ela tem é construído pelos seus moradores que dão visibilidade conforme suas ações sociais, culturais, econômicas, políticas e sua função neste território.

O senhor João José dos Santos continua dizendo que recebia conselhos, ouvia casos e aprendeu muita coisa com seus parentes, principalmente com os mais velhos e acha bom, atualmente muitas coisas que ele aprendeu em tempos pretéritos é repassado para os filhos. Esses manifestos de união, respeito, conselhos, aprendizados através dos casos, aproximam-se do que Bauman (2005, p. 8), aborda sobre comunidade:

E ainda: numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepender-nos se necessários; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas. Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros e, assim, temos pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda de que precisamos.

O autor (p. 8-9) comenta que, em tempos de competição e desprezos pelos mais fracos, as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos. Na

maioria das vezes que pedimos ajuda, ouvimos como resposta advertências para que fiquemos por nossa própria conta. Enquanto a palavra “comunidade” soa como música aos nossos ouvidos, evocando tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes.

O espaço vivido é marcado por afetividades maiores que nas sociedades industriais. Sendo que a afetividade manifesta-se tanto no que diz respeito a gostar dos lugares como à movimentação espacial. Assim sendo, os lugares distantes tornam-se próximos em função da afetividade construída por cada morador ou ex-morador da comunidade, mesmo aqueles(as) que se encontram distante geograficamente têm consigo lembranças e saudades (CORRÊA, 1997, p. 33).

Fato bastante costumeiro em Água Limpa, pois, muitos dos que mudaram para as cidades, sempre que há algum feriado prolongado ou férias no trabalho, escola, vão passar os dias de folga em Água Limpa na casa dos parentes que lá residem, e por sinal, um número significativo de pessoas.

São gestos e atitudes que demonstram os laços de amor e afetividade construídos entre indivíduos e território durante a sua vivência no período em que lá viveu parte importante de suas vidas. Ou seja, por mais que eles se adaptem com outras culturas, territórios, trabalhos, estarão marcados na sua memória os aprendizados e ensinamentos construídos enquanto moradores em Água Limpa.

Segundo a dona Cecília, líder comunitária e rezadeira¹⁶ da folia que não mora mais na comunidade, hoje residente na Cidade de Goiás, em um dos momentos em que conversamos com ela, dissemos que admirávamos a liderança que ela representava diante da comunidade, tivemos a seguinte resposta: “Olha, tudo que eu sei em termos de rezar e cantar foi aprendido com o meu avô”.

Cecília continua dizendo que antes de seu avô morrer, muito doente, a escolheu para ser a responsável pelas rezas e os cânticos durante a folia enquanto tiver forças, porque, mesmo sendo muito jovem seu avô disse que ela tinha muito talento, por isso era a escolhida para assumir tal responsabilidade, pois, tinha certeza que a continuidade da folia não ficaria ameaçada¹⁷.

Outro depoimento interessante da Senhora Cecília foi quando ela disse que seu avô com a saúde bastante comprometida, já não conseguia mais escrever e como já havia escolhido-a para assumir a liderança da Folia entre as mulheres, escolheu seu filho Joaquim

¹⁶ Rezadeira, senhora encarregada de tomar frente ou liderar a reza do terço, cânticos e ladainhas durante os dias de Folia.

¹⁷ Os depoimentos desta senhora foram apenas transcritos.

Corrêa da Silva para ser o líder entre os homens com a missão de levar adiante essa expressão cultural que há muito tempo era liderada por ele.

Segundo Cecília, quando ele disse que era para ela assumir tamanha responsabilidade, a resposta no primeiro momento foi que “não dava conta”. Quando Ingrácio Corrêa da Silva disse que tudo estava escrito era só seguir, porque cantar e rezar ela sabia. Isso aconteceu quando (Ingrácio Corrêa da Silva) percebia que sua vida estava chegando ao fim. Nomeou um sucessor e uma sucessora para serem as novas lideranças na Folia.

Entre os ritos presentes na Folia de Reis de Água Limpa, está a Ladainha de Nossa Senhora cantado em latim. Até então, uma novidade, pois, nunca tínhamos presenciado em outras Folias de Reis esse tipo de cantoria. Veja a seguir a letra da qual estamos nos referindo:

Ladainha de Nossa Senhora

Kyrie, eléison.
 Christe, eléison.
 Kyrie, eléison.
 Christe, audi nos.
 Christen, exáudi nos.
 Pater de coelis Deus, miserére nobis.
 Fili, redemptor mundi, Deus,
 Spíritus Sancte, Deus,
 Sancta Trínitas, unus Deus,
 Sancta Maria, ora pro nobis.
 Sancta Dei Génitrix,
 Sancta Virgo Virgínum,
 Mater Christi,
 Mater divinae grátiae,
 Mater puríssima,
 Mater castíssima,
 Mater invioláta,
 Mater intemeráta,
 Mater amábilis,
 Mater admirábilis,
 Mater boni consílii,
 Mater Creatóris,
 Mater Salvatóris,
 Virgo prudentíssima,
 Virgo veneránda,
 Virgo predicánda,
 Virgo potens,
 Virgo elemens,
 Virgo fidélis,
 Spéculum iustítiae,
 Sedes sapiéntiae,
 Causa nostrae laetítiae,
 Vas spirituále,
 Vas honorábilis,
 Vas insigne devotiónis,
 Rosa mystica,
 Turris Davidica,
 Turris ebúrnea,
 Domus áurea,
 Foederis arca,
 Jánuca caeli,
 Stella matrutína,
 Salus infirmórum,
 Refúgium peccatórum,
 Consolátrix afflictórum,
 Auxílium christianórum,
 Regína angelórum,
 Regína patriarchárum,
 Regína prophetárum,
 Regína apostolórum,
 Regína mártiryrum,
 Regína confessórum,
 Regína vírginum,
 Regína sanctórum ómnium,
 Regína sine labe origináli concépta,
 Regína in coelum assúpta,
 Regína sacratíssimi Rosárii,
 Regína pacis.

Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi, parce nobis Dómine.
 Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi, exáudi nos, Dómine.
 Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi, miserére nobis.
 V. Ora pro nobis, Sancta Dei Genitrix.
 R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi

Com esses depoimentos queremos ressaltar a importância da memória para o grupo. O que fica evidente é que as narrativas e as histórias são fundamentais para a continuação de uma cultura baseada nas relações diárias das pessoas que “ali” residem.

Em outro momento Claval diz que os indivíduos não permanecem passivos diante da cultura. Eles retêm certas informações mais do que outras, porém, com o potencial de raciocínio das pessoas, dos quais estão envolvidos a cultura terá uma continuidade de forma inovadora. Pois, a cultura sendo representada de forma individual ou coletiva os conceitos são criados “pessoalmente”. Ele continua (1997 p. 111):

As técnicas de comunicação influem diretamente sobre a natureza e no conteúdo das culturas: uma sociedade que se baseia, para transmitir seu saber, apenas sobre a palavra e sobre a imitação direta dos gestos e comportamentos, apresenta deficiências nos suportes de sua memória. Ela mantém relações com o tempo e com a história diferentes daqueles que caracterizam os grupos que dispõem de escrita.

O autor observa que todas as culturas resultam de um trabalho de construção e dispõem de saberes relativos ao espaço, à natureza, à sociedade, aos meios e às maneiras de explorá-lo. Portanto, cada ação praticada pode ser considerada como um elemento de sua identidade cultural.

Existem outras observações que se fazem necessárias retratar, como as conversas durante o giro da folia que acontece à noite. Com muita frequência, surgem histórias diversificadas por diferentes pessoas sobre a folia na época dos avós, pais ou tios quando eram vivos, a forma que eles tinham para conduzir a folia e os ensinamentos que por eles foram transmitidos.

Podemos dizer que, a interação cultural construída e em construção entre o presente e o passado que está na memória das pessoas da comunidade, demonstra a importância dos precursores dessas práticas culturais para o grupo. Sendo que os mesmos procuram dar continuidade dentro das possibilidades atuais aproximando ao máximo das formas e costumes antes representado pelos mais velhos que hoje são falecidos.

Bönnemaison (2002, p. 92) diz que o papel central da cultura fica afirmado, o espaço é subjetivo, ligado à etnia, à cultura e à civilização. Mais adiante (Ibid, p. 93), ele expõe sua concepção de etnia:

Uma etnia existe, primeiramente, pela consciência que tem de si mesma e pela cultura que produz. É em seu seio que se elabora e se perpetua a soma de crenças, rituais e práticas que fundam a cultura e permitem que os grupos se reproduzam. Em outras palavras, a etnia é aquilo que em outros lugares é denominado de grupo cultural, mas cujos contornos nas civilizações tradicionais são fortes porque estão frequentemente ligados a uma expressão política – circunscrições de chefes tribais, reinos, eventualmente nações – e geográfica, isto é, um território, ou pelo menos uma certa área de ocorrência espacial.

Sem etnia bem delineada, não pode existir cultura nem visão cultural. Porque a etnia que elabora a cultura e conseqüentemente constrói a identidade étnica. Assim sendo, podemos considerar como etnia todo grupo humano cuja função social, ou a simples existência geográfica, conduz a uma especificidade cultural (Ibid. p. 94).

Água Limpa se configura como um grupo étnico não só por ter sua propriedade territorial completamente definida, mas, também, por ter de forma consolidada a sua identidade cultural no território agualimpense. Ou seja, um grupo que produz e reproduz a sua própria cultura.

Sabemos, inclusive como foi expresso pelo entrevistado, da importância das narrativas para o repasse dos ensinamentos e do conhecimento para os mais jovens e o quanto são valorizados por eles. Quando estávamos na casa do senhor João José dos Santos, onde a família é composta por cinco pessoas (ele, a esposa e três filhos sendo duas mulheres e um homem), no dia 21 de julho de 2007, para fazer a entrevista, em um certo momento perguntamos para o adolescente: você sabe alguma história que seu pai ou sua mãe te contou?

O adolescente respondeu com rapidez: sei e é muito. No mesmo instante ele começou a nos contar uma, logo depois outra e em seguida uma terceira. No mesmo instante o garoto disse, vou chamar meu pai para contar umas boas que ele sabe. Em pouco tempo depois o pai dele aproximou e ao mesmo tempo sua esposa e alguns primos que estavam passando as férias escolares com eles, se reuniram, sentamos em forma de círculo. Ele dizia: conta aquela. Quando terminar conta aquela outra assim ... e nós ficamos ouvindo histórias por um bom tempo (fotos 15 e 16)¹⁸.

¹⁸ Na foto 7, o senhor que está puxando o bagaço é o contador de histórias, a senhora que está colocando a cana, sua cunhada, a que roda a engenhoca, sua esposa, e ao lado sua filha mais nova, a casa ao fundo onde eles moram. Na foto 8 ele está apurando a garapa para fazer rapadura.

Vale lembrar que são essas trocas de saberes que acontecem entre os mais idosos e os mais jovens, que garantem a continuidade de uma identidade cultural familiar ou comunitária, podendo ser em um nível grupal, étnico/racial, regional, nacional ou de gênero.

Queremos chamar a atenção não só pela forma com que eles(as) apreciam e se orgulham em contar as histórias de vida. Inclusive a moça também contou. Mas, o quanto eles(as) ficam atentos no momento da narrativa, sempre antes de começar a contar ele dizia eram os mais velhos que contavam e os filhos sempre citavam que essa foi meu pai ou a minha mãe, avô, avó quem contou para nós.

Eles fazem questão de apontar quem ensinou. Essa valorização e interesse pela cultura local e familiar faz com que eles(as) se mantenham firmes culturalmente a tantos anos sem deixar de vista seus princípios étnicos e culturais. Os(as) filhos(as) ao assimilarem esses saberes é uma garantia da continuidade identitária e cultural.

Afirmamos que a cultura engloba o vivido ao mesmo tempo em que o ultrapassa. Assim, a representação cultural vai além do cotidiano, sua construção se dá na sensibilidade da busca de significações. Sabemos que muitas vezes os homens vivem, lutam e morrem para buscar uma verdade muito mais sonhada do que vivida (BONNEMAISON, 2002, p. 110).

Outra entrevista feita por nós no mesmo dia mostra que alguns hábitos não foram esquecidos, mas deixados de ser praticados. Quando perguntamos para a senhora Julieta Corrêa da Silva, 57 anos, qual aprendizado marcante que ela teve com alguém mais velho da família que ela gostaria de comentar, Julieta Corrêa da Silva (21 de julho de 2007), respondeu¹⁹:

Antigamente, pelo menos eu foi, quando eu fui tirar licença com a minha madrinha pra casar eu fui lá na Guaraíta. Ela morava lá né. Pra casar agora num tira licença mais né. Os pais obrigava a gente a tirar licença né. Só os mais véi porque os mais novo num incomoda com isso mais não.

Alguns pontos expressos na entrevista concedida pela senhora Julieta Corrêa da Silva merecem destaque, ela, quase sempre inicia com a palavra antigamente, para referir-se a um determinado costume e tradição da comunidade de Água Limpa.

Outro ponto é a obrigatoriedade exigida pelos mais velhos para ir até a madrinha e pedir licença para se casar, era um sinal de respeito que pleiteava as famílias desde a época dos seus ancestrais. Um hábito que foi praticado durante várias gerações e atualmente não se pratica mais. Continua apenas na memória daqueles(as) que viveram nesta época.

¹⁹ Entrevista concedida no dia 21 de julho de 2007, por Julieta Corrêa da Silva 57 anos que mora na comunidade de Água Limpa desde que nasceu.

Ao referir-se que foi lá na Guaraíta para pedir licença, isso quer dizer que ela e o acompanhante andaram a cavalo a uma distância que dependendo do percurso varia entre 50 e 70 km. Hoje em dia, essa tradição deixou de acontecer, não porque diminuiu o respeito, mas, devido a inserção de novos valores na cultura que por eles(as) são assimilados. Como a cultura é construída cotidianamente podem acontecer algumas alterações em relação às práticas culturais pretéritas ficando registrado apenas na lembrança.

Featherstone (1997, p. 15) enfatiza que “a cultura já não pode mais proporcionar uma explicação adequada do mundo que nos permita construir ou ordenar nossas vidas”. Sua contribuição continua (p. 21):

O processo de globalização sugere simultaneamente duas imagens da cultura. A primeira imagem pressupõe a extensão de uma determinada cultura até seu limite, o globo. As culturas heterogêneas tornam-se incorporadas e integradas a uma cultura dominante, que acaba por cobrir o mundo inteiro. A segunda imagem aponta para a compressão das culturas. Coisas que eram mantidas separadas são, agora, colocadas em contato e justaposição. As culturas se acumulam umas sobre as outras, se empilham, sem princípio óbvios de organização. Existe cultura demais com que se lidar e para organizar através de sistemas coerentes de crença, meios de orientação e conhecimento prático. A primeira imagem sugere um processo de conquista e unificação do espaço global. O mundo transforma-se num espaço singular, domesticado, um lugar onde todos tornam-se assimilados a uma cultura comum.

Pois bem, a reflexão feita pelo autor acima discute as modernidades globais da cultura e sua complexidade e reflexo nas culturas nacionais atingindo também as culturas internas de grupos e comunidades (quilombolas, indígenas e muitas outras) com objetivo único de transformar cidadãos homogêneos consumidores de uma cultura também homogênea.

Entretanto, as produções realizadas pela globalização possibilitam muitas facilidades para o consumo, sendo que, quando o indivíduo está consumindo, está consumindo também cultura que de alguma forma não deixa de influenciar nas diferentes culturas dos diferentes grupos étnicos. Água Limpa não fugiu desse processo.

Nessa perspectiva que a propaganda não apenas usou, transformou ou substituiu a cultura tradicional, vale lembrar que uma nova cultura “artificial” foi gerada a partir “de baixo”, através da lógica da produção da mercadoria, de modo a substituí-las (Ibid. p. 37). Não temos dúvidas em afirmar que estamos agora em um território cada vez mais familiar da suposta transformação da realidade, em imagens da cultura globalizada permeando os mais diferentes lugares do país e do mundo.

Featherstone em outro momento (p. 127) comenta que o processo de homogeneização da cultura, o projeto de criação de uma cultura comum para todas as pessoas, deve ser entendido como um processo na unificação da cultura, da necessidade de ignorar ou, na melhor das hipóteses, de refinar, sintetizar e misturar as diferenças locais. A história de cada indivíduo ou grupo de indivíduos não é apenas “temporal e cronológico, mas também, espacial e relacional”, construída em relação com outras temporalidades espacialmente distintas.

Queremos chamar a atenção em relação à forma em que os agualimpenses transmitem muitas informações que conseguimos constatar no trabalho de campo. Nas conversas com os moradores durante as várias viagens feitas à Água Limpa, com muita frequência eles(as) usam se situar para localizar no espaço-tempo e no espaço social em relação a aprendizados ou histórias de vida contada por aqueles(as) que fizeram tais pronunciamentos em tempos pretéritos, a seguinte forma, quando meu avô, minha avó, tio(a) era vivo... a partir de então conta o acontecido.

Por exemplo, estávamos conversando com o senhor Joaquim Corrêa da Silva e a senhora Cecília em relação à Folia de Reis, pois, estávamos na realização da festa. Para todos os participantes da Folia ele é considerado o chefe máximo. Ela, a rezadeira principal. Comentamos com eles que admirávamos a liderança que representavam para a comunidade. Vieram respostas muito parecidas. Ele disse: “eu tinha... anos e meu pai me passou essa responsabilidade”. Ela: “eu era muito nova tinha apenas... anos quando meu avô me escolheu para ser a rezadeira. Enquanto eu der conta eu vou seguir essa jornada, se Deus quiser”.

O que pode ser observado na comunidade de Água Limpa é o território com suas particularidades locais. Dessa forma, Featherstone (1997, p. 150), contribui apontando a sua definição de localidade:

Habitualmente, ao pensarmos em uma localidade, temos em mente um lugar relativamente pequeno, no qual todo mundo pode conhecer todo mundo, isto é, em que a vida social baseia-se em relações cara a cara. Presume-se que a intensidade dos contatos cotidianos gerará um fundo comum de conhecimentos, disponível a todos, o que torna os mal-entendidos menos frequentes. É à regularidade e à frequência de contatos como um grupo de outras pessoas significativas que se atribui a sustentação de uma cultura comum. Embora a existência de um conjunto tão integrado de “valores essenciais” ou pressupostos comuns, enraizados nas práticas cotidianas, possa ser exagerada quanto aos relatos que deles se faz, em níveis locais e nacionais..., existe mais uma dimensão da integração cultural que é necessário mencionar. Trata-se da geração de rituais, cerimônias e memórias coletivas, que é algo vigoroso e oferece grande apoio emocional.

Segundo o autor, o local é simbólico na medida em que pode ser um espaço geograficamente unido através da fé e por meio de sentimentos simbólicos, a configuração da paisagem, seja, das construções, manifestações, vida diária e das pessoas, além das memórias coletivas, que possuem suficiente poder emocional para gerar um senso comunal (Ibid. p. 151).

A relação entre o aprender e o ensinar baseando-se no espaço-tempo faz parte da construção cultural e social dos agualimpenses. Esse método caracteriza como um instrumento para armazenar datas e períodos que marcaram no seu aprendizado e na sua construção cultural local. Neste trabalho, esse termo é fundamentado na abordagem feita por Featherstone (Ibid. p. 153), que define cultura local:

Uma cultura local pode ter um conjunto comum de relacionamentos de trabalho e parentesco que reforça a cultura cotidiana, prática, sedimentada em conhecimentos e crenças que não são questionados. No entanto, a articulação dessas crenças e o senso de particularidade do lugar tendem a se aguçar e a se definir melhor quando a localidade se envolve em lutas de poder e em disputas pela eliminação com seus vizinhos. Em situações como essas podemos ver a formação de uma cultura local, em que é enfatizada a particularidade de sua própria identidade. Nesse caso, a localidade apresenta aos outros uma imagem por demais unificada de si mesma... na localidade, a diferenciação social tenha sido eliminada e que os relacionamentos sejam necessariamente mais igualitários, simples e homogêneo. Na verdade, suas diferenças e discursos internos podem muito bem ser complexos. Internamente podemos considerar a comunidade como incorporadora de todos os tipos de independências, rivalidades, lutas de poder e conflitos. Muitos estudos de comunidade documentam esses conflitos... Nessas situações a própria particularidade é subordinada a uma comunidade maior e realiza-se um trabalho cultural apropriado para que se desenvolva para ela uma face pública aceitável. Esse processo acarreta a mobilização do repertório de símbolos comunais, de sentimentos e de memória coletiva.

Alguns dos motivos, entre outros, que marcam a população de Água Limpa, não só os que moram no campo, mas também nas cidades, é um sentimento de pertença de símbolos comuns construídos e armazenados na memória coletiva das pessoas fazendo homens e mulheres comprometidos com a realização de práticas culturais que vêm de gerações muito anteriores às que existem atualmente.

Neste momento faz-se necessário a retomada da discussão pertinente que Bonnemaïson (2002, p. 112), faz em relação aos grupos, etnias e povos. Sua observação é que essas coletividades existem por sua referência a um território, real ou sonhado, habitado ou perdido. Essa busca do território, que está presente ao longo da história, não se explica, ou não apenas, por motivações de competição econômica.

Desse modo, o homem ou mulher que tem a sua construção social, cultural, identitária em um dado território por onde quer que este indivíduo esteja, independente de ser no seu ambiente de formação ou não eles(as), sempre vão ter um território como referência de sua existência enquanto pessoa portadora de saberes e deveres de cidadão ou cidadã.

2.2 - Os Ritos e as Práticas Espaciais na Folia

A Folia de Reis, durante a sua realização, organiza-se em vários momentos diferenciados para cantorias, orações, agradecimentos e danças. Esses vários ritos quando são concretizados é que dão um caráter diferenciado para cada Folia de Reis. Os acréscimos incorporados muitas vezes fazem parte da criatividade dos próprios foliões o que também diferencia uma da outra.

O núcleo ritual de uma Folia de Reis é composto pelo conjunto dos seus cantores e instrumentistas (BRANDÃO, 1977, p. 4). Em Água Limpa este conjunto de cantores e cantoras, porque lá as mulheres também participam da cantoria, é denominado: “Folia de Reis”, “Folia de Santos Reis”, “Folia dos Três Reis Santos” ou, como o senhor João José dos Santos disse durante a entrevista “Companhia dos Três Reis Santos”. Os seus integrantes são chamados de “foliões” ou de “Foliões de Santos Reis”.

Na Folia de Reis de Água Limpa, a maioria dos catireiros e acompanhantes são pessoas da própria comunidade. Existem também os convidados para ajudar na realização da Folia. Esses são foliões que não estão participando de outra Folia que esteja acontecendo simultaneamente. Durante os últimos dois anos em que realizamos trabalho de campo, com exceção de um folião, os outros convidados não se repetiram na participação.

Dentre outros aspectos tem-se como destaque a folia de reis que há mais de meio século vem sendo realizada pelos moradores, segundo eles. A festa acontece entre os dias vinte e oito de dezembro a seis de janeiro de todos os anos. Sendo uma das ou a principal manifestação cultural aguardada pelos moradores durante todo o ano.

Durante os dez dias de festa os foliões com a bandeira de Santos Reis visitam todas as casas, onde são realizadas cantorias em homenagem aos santos, rezas e cumprimento de penitências onde as pessoas pagam suas promessas (foto 17). A folia de Água Limpa faz o giro, ou seja, as visitas durante a noite e o pouso, conforme é chamado. Durante o dia, os moradores da casa escolhida para acomodar as pessoas servem café da manhã, almoço, lanche à tarde e o jantar ao anoitecer. Durante todo o dia os foliões cantam e dançam catira (foto 18).

A continuidade da realização da festa é possível porque existe um importante processo, tanto de renovação, quanto manutenção dos participantes, nas canções, na dança de catira e para tocar os instrumentos. São pessoas de diferentes idades que variam de quinze aos noventa anos.

Outro aspecto que deve ser destacado é a participação das mulheres, diferente das outras folias que conhecemos em que as mesmas exercem mais a função de cozinheiras, lavadeiras de louças e preparadeiras do altar, em Água Limpa, elas participam das cantorias, são as principais rezadeiras (fotos 19 e 20). Enquanto os homens tomam pinga, para elas há o vinho, porém, tudo acontece de forma organizada e respeitosa.

Podemos afirmar que a realização da Folia é possível uma vez que existe uma situação de compromisso e de participação dos foliões e quem acompanha. Todo esse empenho é viabilizado porque um número significativo de pessoas têm promessas a cumprir e os que não têm promessas são devotos de Santos Reis assumindo tal compromisso movidos pelo amor e a fé.

Em relação ao nome “folião”, Brandão (1977, p. 5-6), assim descreve: “É dado a qualquer um dos participantes rituais da Folia de Reis. Aplica-se também a todos os integrantes do grupo, de tal modo que, em sentido mais amplo, todos os cantores e todos os instrumentistas, mesmo os que não cantam, são igualmente tratados como foliões”.

Carlos Pedroso (2003, p. 27) comenta como nasce uma Folia de Reis. Segundo ele os Teólogos Católicos, dizem que toda Folia de Reis nasce de um “voto” ou de uma promessa. Não tivemos a oportunidade de presenciar a criação de uma Folia de Reis, mas, diante das que temos acompanhado a sua continuidade é movida pelos “votos”, fé e promessas dos fiéis.

Lembramos que cada Folia de Reis leva o nome da área ou localidade onde foi criada. Por exemplo, Folia de Reis de Água Limpa, Folia de Reis de Lages, Folia de Reis de Mossâmedes, Folia de Reis de Jaraguá e assim sucessivamente.

Na Folia agualimpense, diferente da maioria das outras, não há palhaço e nem muitos encargos. São apenas dois, o encarregado geral (posto ocupado por Joaquim Corrêa da Silva) e o de Capitão (por João José dos Santos) e alguns ajudantes para carregar instrumentos. Há alguns giros que de uma casa para outra a distância é longa e instrumento como a sanfona é pesada e se torna difícil para uma única pessoa conduzi-la.

Canesin & Silva (1983, p. 18) indicam que “a Folia de Reis comemora o nascimento de Cristo e a visita dos Três Reis Magos a Belém, para adorar o Menino Jesus”. Com o objetivo de buscar novos significados para a vida, as pessoas criam suas festas, danças,

músicas, rezas com práticas completamente diferenciadas como uma outra forma de ver o mundo e de viver com alegria e “fé”.

O empenho das pessoas para ajudar na realização da Folia na comunidade é algo que representa satisfação entre os moradores. Indagamos ao senhor Manoel Pinto Barroso, 52 anos, o que significa a Folia de Reis para quem mora em Água Limpa. Ele nos respondeu em poucas palavras, veja: “É bão demais! Bão pra danar. Todo mundo adora, né? Todo mundo gosta. É a coisa melhor que existe aqui²⁰”.

Já faz alguns anos que é na casa desse senhor que se realiza a festa de encerramento, para muitos, a “recolhida da Folia”. Em outras visitas que fizemos na residência deste senhor fora da época da Folia ele diz estar com vontade que a época da folia chegue porque é um momento muito bom.

As expressões deste senhor nos fazem perceber tamanha felicidade em receber e realizar a Folia de Reis, sem exagero e com exceção de alguns(as) pessoas que freqüentam as igrejas evangélicas esse é o reflexo e a concepção dos moradores de Água Limpa em relação à Folia de Reis realizada na comunidade. Eles se orgulham por essa realização, entre outras vamos destacar duas.

A primeira por conseguir manter a tanto tempo e levar adiante essa que é uma das tradições culturais mais marcantes para as famílias agualimpenses, em segundo lugar, realizar a festa da Folia com espírito festivo, mas sem esquecer dos compromissos religiosos e ao mesmo tempo dos reencontros familiares.

Algumas características dos foliões de Água Limpa: eles não tinham uniforme específico para uso durante a Folia²¹, saem com as suas roupas habituais de festa. Durante o cortejo fazem parte do percurso viajando de caminhão, carro, moto, cavalo e em outros momentos, distâncias longas caminhando e outras maneiras de transporte. Lembramos que a maioria das casas é muito simples como podemos perceber através das fotografias (fotos 21 e 22).

Como foi abordado por Conesin e Silva (1983, p. 32), em obediência à devoção, a folia tem quatro partes: a saída, o giro, o pouso e a recolhida que representam os vários momentos da viagem dos Três Reis Magos. A comunidade atualmente pesquisada não foge a essa regra, ou seja, todas as folias são caracterizadas por essas quatro partes. No caso específico de Água Limpa, a recolhida é por eles conhecida como “festa”.

²⁰ Entrevista concedida no dia 21 de julho de 2007, por Manoel Pinto Barroso, morador de Água Limpa.

²¹ Quando uso a expressão não tinham, é porque, a partir da folia de 2007-2008 um dos filhos do embaixador conseguiu uniforme para o grupo, ou seja, mais de cinquenta anos após a criação da Folia eles vão se manifestar na mesma uniformizados.

A casa onde é marcada a saída da Folia ano após ano é preparada para abrigar e despachar os foliões para o início da jornada que dura dez dias, de 28 de dezembro a 6 de janeiro.

Ao longo do texto muitos detalhes relacionados à Folia de Reis de Água Limpa foram e serão apontados. Por exemplo, um fato curioso: na casa do senhor José conhecido por Zezão, ao distribuir a cachaça entre os foliões e os demais presentes, ele recomenda para os que estão no terreiro da casa que para ser servido com a pinga deve se deslocar para dentro da casa, ou seja, uma forma de delimitação do espaço onde é respeitado por todos.

Hall (2005, p. 13), quando se refere à identidade cultural diz que ela torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.

A folia de reis de Água Limpa é uma festa religiosa e cultural. Para a realização, o encarregado da Folia João José dos Santos faz uma visita nas residências dos moradores para confirmação da passagem da bandeira dos Santos Reis e os locais de pouso (residência onde é preparado um altar e a bandeira dos “Três Reis Santos” permanece durante todo o dia), sendo que, os proprietários da casa servem café da manhã, almoço, lanche à tarde e um jantar antes da saída da bandeira.

Merece destaque o fato de que as mulheres têm participação constante em quase todas as atividades realizadas na Folia exceto uma, que foi percebido por nós, na dança do catira. Apenas os homens dançam durante toda a festa.

Durante a realização da Folia são feitas várias orações vinculadas tais como: Ladainha, Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e outras. As orações feitas constroem-se a

imagem em um imaginário de verdade provocando a imaginação dos fiéis até lhes tornar sensível uma presença e fazer dessa presença realidade viva ou verdadeira (ROSENDAHL, 2001 p. 31). Um exemplo são os que participam peregrinando durante toda a festa movidos pela fé como forma de pagar as bênçãos recebidas.

Também pode ser observada durante os dias da folia a interação cultural com pessoas de outras áreas ou localidades. Alguns vão como espectadores e outros são foliões convidados para ajudar na realização da festa. A interação cultural é abordada por Marcelo Lopes de Souza (2001, p. 150), quando diz o seguinte:

Há bastante tempo, as culturas se acham em contato permanente umas com as outras, de maneira infinitamente mais intensa do que se teria podido imaginar há quinhentos ou mesmo há apenas cem anos. Congelar tal ou qual universo cultural e pretender defender sua pureza é, por conseguinte, ou ingenuidade antropológica, ou manipulação ideológica, que tem por trás interesses vinculados à mistificação e ao encobrimento de dinâmicas sociais reais.

A participação feminina é muito importante em todos os fundamentos, tanto na parte de organização ou nas cantorias que são tradicionais na Folia como a rezadeira e outras. Vale ressaltar que a maior parte dos foliões e das foliãs não moram na comunidade, eles(as) estão inseridos naqueles que mudaram para a cidade. Portanto, é necessário fazer todo um deslocamento de suas residências até Água Limpa para concretizar a participação.

A cultura agualimpense se afirma cada vez mais com práticas ritualísticas que são próprias da comunidade sendo uma referência ou uma forma de identificação específica da comunidade. Claval (1997, p. 89) afirma que “a geografia cultural está associada à experiência que os homens têm da terra, da natureza e do ambiente com objetivos de estudar a maneira pelas quais eles os modelam conforme suas necessidades de sobrevivência alimentar, social e cultural”, ou seja, a maneira como eles(as) aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.

No momento em que é servido o almoço e o jantar todos os dias da festa da folia todos se reúnem em volta da mesa antes e depois de cada refeição para fazer pedidos e agradecimentos. São momentos marcantes e tradicionais na cultura dos moradores e ex-moradores que participam da folia. Mais adiante o autor acima citado (1997, p. 93) diz:

As representações que o indivíduo recebe através de sua educação, que ele aprende o contato com outros, que ele constrói e que reinterpreta, constituem um universo mental que se interpõe entre as sensações recebidas e a imagem construída em seu espírito. As representações fornecem malhas para apreender o real. Elas permitem superpor ao aqui e ao agora os algures,

que são sociais, geográficos ou metafísicos. Elas dão assim origem a valores e instituem uma ordem normativa.

São várias as práticas que caracterizam que a cultura que está sendo trabalhada é antes uma realidade de escala local. Um desses exemplos é quando a bandeira acompanhada dos foliões e outros participantes fizeram o rito de despedida no primeiro dia da folia ocorrido em 28 de dezembro de 2007 na casa de onde a bandeira saiu para iniciar o processo de visitas nos outros moradores (fotos 23, 24 e 25).

Conforme iam cantando o “chefe” da folia (palavra usa pelos seguidores da folia) passava a bandeira sobre a cabeça de todos os participantes que se encontravam na sala onde estava o altar, alguns inclinavam a cabeça em sinal de respeito, outros a beijavam, e muitos homens e mulheres choravam de emoção. É uma forma de manifestação tipicamente comunitária. Vejamos a reflexão de Claval (1997, p. 96):

A acumulação de informações estruturadas que resulta deste processo tem por objetivo dotar cada um da bagagem de conhecimentos indispensáveis para trabalhar e para se integrar à sociedade. A cultura, no entanto, não se resume a isto: ela serve para dar um sentido à existência dos indivíduos e dos grupos nos quais eles estão inseridos. As informações que circulam nas células do corpo social comportam narrativas que contam a origem do mundo, o primeiro homem e a constituição da sociedade; elas inserem a existência de cada um em um destino coletivo e lhe dão uma significação.

A festa, portanto, ano após ano e geração após geração, pode ser considerada uma incorporação de valores. Ao mesmo tempo, esses valores são interiorizados contribuindo com a formação dos indivíduos de forma pessoal e coletiva. A cultura, portanto, torna-se indispensável para compreender as relações predominantes entre as famílias de Água Limpa.

É importante ressaltar que alguns dias antes da realização da Folia que aconteceu no ano de 2006-2007 faleceram duas lideranças da comunidade, Eugênio e Zacarias Corrêa da Silva por isso, durante o giro e a visita dos foliões nessas casas, seus familiares pediram que não cantassem e nem tocassem instrumentos apenas que rezassem por alguns minutos e fizessem pedidos a Deus pela alma deles, e ao retirar-se todos saíram de forma muito silenciosa como sinal de respeito aos familiares dos falecidos.

Como a Folia “gira” à noite, no final do dia é preparada uma grande mesa onde é servido o jantar para os foliões e os outros participantes que acompanham. Após todos jantarem as vasilhas de comida continuam na mesa até o momento do agradecimento da mesa, e só depois elas são retiradas.

A partir desse momento recomeçam as cantorias, as rezas e os pedidos de bênção durante todo o cortejo anunciando que a folia foi iniciada. Neste momento os foliões estão reunidos na sala onde foi preparado o altar em uma pequena mesa coberta com toalhas e muitos outros enfeites além de algumas imagens de santos, flores e velas acesas.

A partir do momento em que todos os ritos são concluídos com a reza do terço e a emoção em lágrimas de muitos homens e mulheres presentes, fazem a despedida e agradecimentos ao dono da casa e sua família porque é hora de ir embora com destino à missão que cada um tem a cumprir. Pedindo Santos Reis para que abençoe que cada folião vá até o final da jornada com vida e saúde e que nada de mal possa acontecer.

Durante os dias de folia em todos os momentos que antecipam o almoço e o jantar todos os foliões e a maioria dos acompanhantes reúnem em volta da mesa para fazer orações agradecendo pelo pão de cada dia e encerra com oração do Pai Nosso, esses rituais são apenas falados sem o uso de instrumentos (fotos 26 e 27). Os ritos ou as experiências e o saber coletivo são transmitidos para os mais jovens.

Quando todos se alimentam, são convidados pelo encarregado ou capitão para “agradecer à mesa”, também chamado de “Bendito de Mesa”, alguns momentos eles cantam usando instrumentos agradecendo a Deus, o dono da casa e a sua família encerra com os vivas.

BENDITO DE MESA

Bendito e louvado seja, e a santíssima trindade.
Sendo ele três em pessoa e uma só, é na verdade. (bis)

Mas também seja louvado a Conceição de Maria.
Aonde Deus encarnou-se sendo mãe e sendo filho. (bis)

Como filho a vós pedimos, como mãe a vós rogamos.
Pra que vamos todos a glória, entoar a deus louvamos. (bis)

Bendito seja Maria, imaculada senhora nossa.
Como mãe da misericórdia, amparai os pecadores. (bis)

Bendito seja Deus, lá no céu anjos e santos.
Por todos séculos dos séculos, dos séculos sem fim amém. (bis)

Agradecemos o belo almoço, que vós destes nesta hora.
Quem vos é de dar o pago, filho de Nossa Senhora. (bis)

Deus vos pague o belo almoço, que nos foi servido já.
Os três reis do oriente é quem é de lhe ajudar. (bis)

Deus vos pague o belo almoço, que vós deu pros folião. (bis)
Os três reis do oriente é quem dai lhe a salvação. (bis)

Deus vos pague o bom almoço, que vos deu com alegria.
É quem é de dar o pago, são Jose e santa Maria. (bis)

Bendito e louvado seja, Jesus, José e Maria.
Toda essa santidade amparai sua família. (bis)

Amparai, amparai, amparai sua família.
Bendito louvado seja, são três palavras de Deus.
Pai, Filho e Espírito Santo, seja pelo amor de Deus. (bis)

Lá do céu desceu um anjo, no descer abriu as asas.
Vem trazendo vida e saúde, para o dono da casa.

Lá do céu desceu dois anjos, com a bandeira de grandeza.
Os três reis e Nossa Senhora, abençoa a vossa mesa.

Lá do céu desceu três anjos, com seu rozarinho na mão.
Vem rezando Ave Maria, abençoando essa união.

Oferecemos esse bendito, pra o senhor que está na cruz.
Em louvor das cinco chagas, pelo mistério da cruz.

Já demos graças a Deus, fazemos o sinal da cruz.
Abençoa os pecadores, para sempre, amém, Jesus.

Gloria ao Pai, é o Filho, é do Espírito Santo.
Desde o principio é de novo e sempre.
É de século secloro amém.

Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.
Para sempre seja louvado.

Viva os três reis do oriente! Viva!
Viva a sagrada mesa! viva!

Viva os donos da casa! Viva!
 Viva toda a família! Viva!
 Viva a luz que alumia! Viva!
 Agora neste dia! Viva!
 Viva o encarregado! Viva!
 Viva os folião! Viva!
 Viva a união! Viva!
 Viva Deus que ta no céu! Viva!
 Viva o nosso embaixador! Viva!
 Viva a nossa rezadeira! Viva!
 Viva o dono da casa e sua família inteira! Viva!
 Viva esse pão sagrado que nós ganhou! Viva!
 Viva Deus entre nós! Viva!

Podemos dizer que a maioria desses momentos ritualísticos anteriores e posteriores ao almoço e o jantar, acontecem em espaços preparados exclusivamente para a realização do pouso onde são servidos aos foliões e acompanhantes. Além do que já foi citado acima é servido café da manhã e lanche à tarde com diversas qualidades de bolos feitos em forno de barro (fotos 28 e 29).

Em 2006 e 2007, seis casas de famílias receberam o pouso da Folia de Reis com exceção da casa que abrigou a saída e a que acolheu para a festa de encerramento chegando a um total de oito casas. Quase todas são casas muito simples, porém com pessoas de boa vontade e fé em Santos Reis, eles não medem esforços para acolher o pouso da folia, alguns realizam vários anos seguidos (fotos 30 e 31).

Esse espaço cultural, percebido como uma trama de territórios vividos, carregados de cultura, símbolos e afetividades. Representa não apenas compreender o fato cultural nele mesmo, mas em definir territórios reveladores de etnias e culturas.

Ao mesmo tempo as práticas espaciais são ações que contribuem para garantir os diversos projetos propostos e realizados por diferentes grupos étnicos. São meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução (LOPES DE SOUZA, 2003, p. 35). Seja de identidade, cultural, social, material ou econômica. Marcelo José Lopes de Souza (2003, p. 84), reflete que:

O território surge, na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos), que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”). E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis – pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente pela força bruta -, mas cada

espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e, por tabela, com o poder controlador desse território.

Em outro momento da entrevista voltamos a fazer para Julieta Corrêa da Silva a mesma pergunta que tínhamos feito para os outros, o que significa a Folia de Reis para quem mora em Água Limpa? Ela respondeu com palavras diferentes, porém, significado muito parecido com a resposta anterior de Manoel Pinto Barroso, ou seja, “é importante né. Todo ano tem que ter a Folia porque é importante pra gente, né?”.

As palavras dos(as) entrevistados(as) replica um sentimento de amor, identificação e devoção. Portanto, o papel da identidade é definido por Mathias Le Bossé (2004, p. 164) como uma construção social e histórica do “próprio” e do “outro”, grupos que longe de serem congelados em uma permanência “essencial”, estão constantemente engajados em relações de poder e de troca.

São as relações de poder e as trocas que de certa forma vão configurando cada grupo étnico com sua particularidade, identidade social e cultural. Em outro momento Julieta Corrêa da Silva quando falava sobre a Folia, ela dizia: “a daqui é tudo num ritmo só. Agora as folia pra fora tem umas que é outro ritmo”. Porque a Folia de Água Limpa têm ritos e práticas específicos da comunidade, justificando que tais mudanças são necessárias por se tratar de um grupo étnico possuidor de identidade cultural grupal, as mudanças aconteceram como uma sintonia e agregação de símbolos entre o grupo e suas expressões culturais.

O núcleo ritual da Folia é a sua cantoria. Nela estão os principais símbolos rituais e todos os momentos anteriores ou posteriores à cantoria são preparatórios ou complementares (BRANDÃO, 1977, p. 18). Durante todos os dias de realização do evento em Água Limpa os foliões se alternam em cantar versos que conduzem as atividades rituais indicadas acima por Brandão.

Os versos narram momentos da chegada dos Três Reis a Belém, cantam pedindo licença para entrar na casa dos moradores e pedir esmolas, pouso e comida. Na cantoria fazem agradecimento e invocam a proteção dos Três Reis Santos para os moradores e todos os seus familiares.

Uma mesma música é repetida várias vezes durante os dias de jornada para realização da festa. A mesma aparecerá citada mais adiante no texto, que retrata esse momento ou instante da chegada da bandeira dos Três Reis em cada casa durante o giro.

Entre os mais idosos moradores e ex-moradores de Água Limpa, é costumeiro sempre que vai agradecer alguém por uma oferenda ou gesto de solidariedade que alguém tenha feito eles(as) usam quase sempre as frases: “que os Santos Reis te dê ou pague em dobro”, “que os Três Reis Santos te abençoe e te dê em dobro”. Os mais jovens parecem não usar essas palavras para fazer agradecimentos. ele(as) usam termos como “obrigado” ou “muito obrigado”.

Mudanças assim se relacionam com a reflexão que Bossé faz (2004, p, 166), a identidade assume então um alcance geográfico novo no espaço, pela mediação conceitual do “sentido de lugar”. Porque há participação inteiramente da vida dos indivíduos e dos grupos, sendo que, o lugar influencia, até mesmo constrói, tanto subjetivamente como objetivamente, identidades culturais e sociais. O lugar enquanto “fenômeno social presente no espaço” é definido pelo mesmo autor (p. 171-72), como:

Nessa medida, os lugares não mais se oferecem necessariamente ao exame como recipientes identitários fixos e voltados para eles mesmos, mas como “redes porosas, abertas às relações sociais”, que situam toda a efervescência identitária local em um contexto de fluxos relacionais mais amplos. A interação socioespacial com outros lugares – que nem sempre está limitada à oposição ou ao contraste – participa da construção da identidade local. Por ela são reconhecidas as identidades múltiplas do lugar, que não variam apenas em função das diversas consciências sociais presentes em seu interior, mas também segundo as diversas interpretações e orientações espaciais que essas consciências atribuem às relações voltadas para o exterior e ao seu impacto local. Reconhecer a abertura, a troca e o emaranhamento das identidades dos lugares em dinâmicas socioespaciais complexas que neles se cruzam, os envolvem e os ultrapassam não significa, no entanto, negar a especificidade ou a particularidade dos lugares. Cada lugar repousa sobre sua própria história e constitui o foco único, emissor e receptor de sua singularidade em um espaço de relações com outros lugares, próximos ou distantes, reais ou imaginários, assimilados ou rejeitados.

Observamos que alguns detalhes fazem parte do ritual que é programado antes de iniciar a jornada. Os foliões dos Santos Reis agualimpenses acreditam que para tudo dar certo durante o giro e nos próximos anos eles têm que evitar começar o giro pelo lado esquerdo e fazer com que a bandeira não cruze o percurso feito durante a jornada. São práticas que todos os foliões têm conhecimento e respeitam.

Diferente de outras folias, em Água Limpa não faz uso do arco nas casas onde acontecem os pousos. Nas folias que fazem uso desse símbolo, ele representa o local onde o morador recebe a bandeira para levar até o altar acompanhado de sua família e outros devotos que se faz presente. Em Água Limpa esse rito acontece de forma diferente. O dono da casa

com a família e mais alguém que estiver presente, fica dentro da casa com a porta fechada até que todo o ritual seja concretizado e pedir para abrir a porta e receber “Santos Reis” em sua casa (foto 32). Só então ele(a) abre a porta e recebe a bandeira de Santos Reis e a leva para o altar (foto 33)²².

As variedades de ritos e práticas que dinamizam as diversidades culturais que compõem a sociedade brasileira é que nos fazem acreditar na possibilidade de o índio, o quilombola e tantos outros segmentos sociais terem a visibilidade e o respeito que merecem, pois, cada um desses indivíduos são portadores de cultura e não apenas receptores como muitos consideram.

Ribeiro Júnior (1982, p. 16) afirma que: “A cultura constitui, portanto, um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações através de uma manipulação simbólica, que é atributo fundamental de toda prática humana”.

Para o autor (p. 27), a resistência é matriz ao mesmo tempo de reação e de identidade. Assim como resistência-identidade, nutre-se das raízes culturais, da memória coletiva, incluindo valores e vivências já inseridos na história e nas visões de mundo do grupo. Portanto, as diferenças comentadas anteriormente da Folia de Água Limpa em relação à Folia de Reis estudada por Brandão, e outras realizadas em diferentes partes do estado de Goiás, mostra que os foliões agualimpenses mantêm uma tradição que vêm de gerações “anteriores” às que residem e produzem a festa atualmente.

Quando Geertz (1989, p. 15) narra que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, isso quer dizer que os homens e mulheres não estão alheios ao processo. Pois, cada indivíduo ou grupo de indivíduos tece a sua teia cultural de modo que se identifica e sente-se bem na sua relação cotidiana. Portanto, cabe ao pesquisador compreender a cultura de um povo expondo a sua interpretação, mas, sem reduzir sua particularidade (Idem, p. 24).

2.3 - Devoção aos Santos Reis e Relações de Proximidade

Ser devoto de Santos Reis não é apenas pedir e ter confiança que vai receber. Vai além, essa fé faz parte de uma religiosidade que caracteriza a identidade e a cultura de cada devoto ou devota de Santos Reis.

Podemos dizer “que a cultura é o que torna as pessoas diferentes umas das outras, e em última instância é o que as torna humanas” (SILVA, 2003, p. 28). A fé dos devotos de

²² Na página 59 e 60 está a letra da música que canta na chegada em cada casa.

Santos Reis faz com que em seus momentos de dificuldades as pessoas roguem a eles e como diz um entrevistado, “por intercessão de Jesus e de Maria, nossa mãe, a gente recebe a bênção através dos Três Reis”.

No que se refere à comunicação com o sagrado por intermédio dos pedidos e da fé, comenta Rosendahl (1996, p. 27) o mesmo “manifesta-se sempre como uma realidade de ordem inteiramente diferente da realidade do cotidiano”.

A mesma autora continua sua reflexão dizendo que: “há uma aptidão do homem em reconhecer o sagrado como que uma disponibilidade ao divino. O homem religioso busca um poder transcendente que o sagrado contém” (p. 27).

Os agualimpenses em “geral”, ou melhor, os mais idosos, com muita frequência usam através de seus agradecimentos seja para alguém ou algum pedido sempre colocam em primeiro lugar os Três Reis Santos. Essa relação de proximidade dos indivíduos através da fé com os Três Reis torna-se muito presente entre homens e mulheres de Água Limpa.

Uma pequena abordagem referindo-se aos Três Reis faz-se necessário. Pois, quando o leitor tiver a oportunidade de fazer a leitura deste trabalho, encontrará informações que possa esclarecer algumas dúvidas em relação à Folia de Reis.

Segundo Pedroso (2003, p. 69) os Três Reis que são tão reverenciados em diferentes partes do mundo eram representantes da Europa, da Ásia e da África, sendo que Gaspar retrata o negro africano. O nome Gaspar significa “aquele que vai inspecionar” (Ibid., p.70). Nos rituais da cultura brasileira ou Folia de Reis ele é vestido com um manto amarelo porque é ele quem ofereceu ouro ao menino Jesus.

Melquior tem como significado o “meu Rei é Luz”, sendo que na nossa cultura é vestido de verde ou roxo, simbolizando a esperança, a fé e a simplicidade de vida, porque oferece a Jesus o incenso simbolizando que Jesus é verdadeiro Deus.

E por último Baltazar, cujo nome significa “Deus manifesta o Rei”, tem seu manto vermelho e oferece a mirra a Jesus, porque o corpo de Jesus vai se cobrir do perfume da mirra na preparação de seu sepultamento, em Jerusalém.

A bandeira, (fotos 34 e 35) como dizem os agualimpenses, representa o guia dos grupos de andarilhos conhecidos como foliões sejam no Brasil ou não. A bandeira dos Três Reis é composta por cinco cores que segundo o relato de Pedroso (p. 73) significam:

- 1ª O azul que ocupa a maior porção da bandeira, representa o manto que Nossa Senhora ofereceu aos Magos retribuindo os presentes.
- 2ª O vermelho representa o Divino Espírito Santo. As outras três cores são alusivas à cor dos três presentes.

3ª O amarelo do ouro.

4ª O branco da resina do incenso.

5ª O verde das folhas de que se faz a mirra.

Quando visualizamos uma bandeira de reis, devemos perceber que cada cor que lhe compõe tem o seu significado que é “sabido pelos seus seguidores”. A relação de proximidade se dá devido à fé que cada folião ou acompanhante têm em Santos Reis.

Independente do lugar onde residem, seja no meio urbano ou rural, os agualimpenses que são devotos dos Três Reis Magos mantêm sempre em seu dia-a-dia o contato através de pedidos. Como disse um entrevistado a gente recorre a eles sempre que está com alguma dificuldade ou para encaminhar o que iremos fazer e as coisas tudo vai dando certo.

Esta aproximação continuada entre devotos, devotas e os Três Reis demonstra que não é apenas no período de realização da festa da Folia. Pois, durante a Folia é um momento de fazer novos pedidos, mas também de agradecimentos, a tudo que foi recebido durante sua vida em especial ao ano que passou.

Em constantes momentos de oração eles(as) pedem aos Três Reis Santos para aguardar todos o foliões e acompanhantes. Desejam que, no próximo ano, todos estejam com saúde para comparecer novamente e ajudar na realização da Folia em homenagem aos Três Reis.

Observamos nas bandeiras das Falias de Reis, fotos diversas ou dinheiros ali fixados. Todos esses pertences representam uma forma simbólica de agradecimento a milagres recebidos em relação àquilo que foi pedido e contemplado.

Percebe-se, no entanto, que o azul que compõe quase toda a bandeira com a foto dos Três Reis ajoelhados representa um milagre. Pedroso (2003, p. 98) descreve que:

Dizem os devotos da Folia de Reis que toda Bandeira tem que ser azul porque Nossa Senhora, à despedida dos Reis Magos, lhes teria dado seu próprio manto azul com que ela se vestia à ocasião da adoração dos Magos ao Menino Jesus. Quando os Magos chegaram de volta a suas casas, naquele manto azul estava uma foto milagrosa daquela cena dos três Reis ajoelhados em adoração ao Menino Jesus. Essa deve ser, portanto, a figura que estará sempre impressa em toda Bandeira de Santos Reis, dizem os devotos da Folia de Reis. A Bandeira é sagrada mesmo porque também representa a santa Estrela Guia de Natal e por isso a Bandeira sempre entra na frente de todos, em qualquer apresentação.

Os seguidores acreditam e tem fé que os milagres acontecem. Veja o que diz um entrevistado e embaixador da Folia de Água Limpa quando perguntamos se a Folia é uma

realização através da fé, ele respondeu: “É da fé e confiança. Que se falar que têm fé, mas num têm confiança num adianta nada, né?. Que a fé é o seguinte, se você tem a fé e pediu, cê pode ter confiança que vai receber”.

Na Folia de Reis de Água Limpa, a nosso ver, não há como fazer uma avaliação sobre a fé ou devoção de um ou outro participante, porque é muito particular o modo com que cada pessoa manifesta sua fé devocional através de pedidos e agradecimentos. Quando se trata da preparação e realização da Folia o envolvimento de alguns é bem maior do que de outros.

Na Folia agualimpense, não há tantos encargos como é de costume em outras folias de reis. Por exemplo, rei, rainha, os palhaços que têm a função de alegrar o ambiente e principalmente as crianças. Entre outros, esses são alguns personagens que não são usados na Folia de Água Limpa. Porém, notamos que o não uso desses personagens, não compromete a organização e o bom desempenho da mesma.

Faz-se necessário dizer que os encargos existentes na Folia de Água Limpa são: o embaixador ou mestre-guia, o que inicia todas as cantorias durante os dias da Folia, menos o terço e as cantorias que o acompanham. Na maioria das vezes são repentistas.

O encarregado da Folia incumbe-se de organizar o percurso por onde a bandeira vai passar com “pousos” em lugares estratégicos, ou seja, que não comprometa a saída e a chegada de um “pouso” para o outro, visitando todas as casas de moradores. Decisões feitas em conjunto com o embaixador. Durante os dias de folia ele sempre chama os foliões para cumprir com as atividades obrigatórias.

Diferente de outras folias que conhecemos, em Água Limpa tem-se uma foliã rezadeira e não um folião rezador. Em todos os momentos que realizam celebrações como o terço ela é quem faz a parte inicial para os outros acompanharem tanto nas orações quanto nos cânticos. Existe o coro composto por todas as pessoas que executam as cantorias.

Há também outros que são encarregados de ajudar a recolher as esmolas recebidas durante a visita da bandeira ou em outros momentos que forem feitas as doações. Não podemos esquecer daqueles foliões que acompanham a bandeira do início ao fim para ajudar a transportar os instrumentos musicais de casa em casa.

Pensamos que de certa forma, a proximidade existente entre a bandeira dos Três Reis com o embaixador e o encarregado, acaba sendo um pouco mais intensa. Pois, durante todo o ano, eles dedicam grande parte do tempo para organizar todo o processo de realização da folia.

As folias de Reis que acontecem em diferentes lugares tanto no Brasil, como fora dele, são manifestações culturais que representam a peregrinação dos Reis Magos que durante

todo o percurso por onde andaram foram guiados pela estrela guia de Belém até o encontro do menino Jesus, sendo eles os precursores; Baltazar, Belchior e Gaspar.

Atualmente não só os foliões de Água Limpa, mas todos os foliões de Santos Reis são atores e em grande parte autores que representam a peregrinação dos Três Reis Magos para encontrar Jesus. Nessas representações (peregrinação), eles (foliões) realizam vários “pousos” em casas de moradores onde comem, dormem, cantam e pedem esmolas para continuar a caminhada.

Outro momento nítido que demonstra a relação de proximidade acontece durante o giro ao chegar às casas dos moradores com a bandeira. Ao aproximar, os foliões páram, afinam os instrumentos (foto 36) e cantam:

Ô de casa, ô de fora,
Boa noite, morador.
Os Três Reis do Oriente,
Na sua porta chegou.

Meia noite já é tarde,
O galo já está cantando.
Pra acordar sua excelência,
Que os três reis tá te chamando.

Os Três Reis em vossa porta,
Como filho e como pai.
Procurou o dono da casa,
De saúde como vai.

Os Três Reis tá viajando,
Junto com nossa senhora.
Eles veio te visitar,
E também pedir esmola.

Eles veio pedir esmola,
Não é ouro e nem dinheiro.
Ele pede é o alimento,
Que é o nosso pão verdadeiro.

A esmola que vós der,
Nós devemos receber.
Os Três Reis do Oriente,
Quem vos é de agradecer.

Deus vos pague a boa esmola,
Que vós destes nessa hora.
Quem vos é de dar o pago,
É São José e Nossa Senhora.

Os Três Reis do Oriente,
É que manda lhe convidar.
No dia 6 de janeiro,
Vocês vai pra nós rezar.

Os Três Reis do Oriente,

Tá correndo a freguesia.
Está pedindo uma esmola,
Para festejar seu dia.

Na mesma hora que chega,
Na mesma da de saída.
Os Três Reis do Oriente,
Está fazendo a despedida.

Os Três Reis do Oriente,
Vai visitar Jesus Menino.
Os Três Reis e os folião,
Está saudando e despedindo.

Os Três Reis está de viagem,
Tá indo pra Belém.
Tá saudando e despedindo,
Até pro ano que vem.

Senhor e dono da casa,
Acende a luz e abre a porta.
Os Três Reis já vai se embora,
E para o ano é que ele volta.

Ainda do lado de fora em frente à porta da casa que está sendo visitada ao término da cantoria o embaixador fala e o dono da casa responde:

- Ô de casa
- Ô de fora, quem chegou?
- Santos Reis, senhor.
- De onde vem e pra onde vai?
- Em vem de Roma e vai pra Belém, visitar Menino Jesus que Nossa Senhora tem. Vamos também?
- Vamos. Eu faço o sinal da cruz e vocês também.
- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, na hora de Deus. Amém.

Através da letra da cantoria percebemos que os foliões cantam sempre em nome dos Três Reis e não em nome do embaixador, do encarregado ou da companhia. Pois, eles são os representantes da peregrinação que os magos fizeram para chegar a Jesus. Para a maioria dos habitantes de Água Limpa, e muitos dos que mudaram, a realização da folia é o acontecimento mais esperado durante o ano. Entendemos que “a Folia de Reis é um espaço cultural de múltiplas situações de aprendizagem” (PESSOA, 2005, p. 85).

O mesmo autor (p. 83) comenta que para entender “os sentidos culturais e religiosos que se queiram localizar e interpretar no ritual têm que ser tomados de forma sistêmica”. Portanto, para se ter uma boa compreensão é preciso fazer um acompanhamento diário do realizar da Folia.

Jadir Pessoa reflete sobre a importância de acompanhar todo o grupo desde os preparativos, para conseguir entender as relações de proximidade. Ou seja, “o giro de casa em

casa, os trabalhos de preparação da comida nos pontos de almoço e jantar, os preparativos da festa e a realização da festa” (PESSOA, p. 83). Aprofundando o mesmo assunto, o autor (p. 83) continua:

Um exemplo de como a perspectiva do todo no ritual é imprescindível para a compreensão de qualquer aspecto que o integre são as tão faladas relações de gênero. Se uma pessoa chega a uma casa e vê uma folia de reis cantando e toma esta cena isoladamente, provavelmente vai dizer que se trata de um ritual machista, não se permite a participação das mulheres. Hoje já se torna muito mais comum a participação de mulheres na cantoria de folia. Mas, tradicionalmente, toda a instrumentação e vozes é desenvolvida por homens. Isso não é suficiente para se dizer que não há lugar para a mulher. No seu todo, há muitas funções desenvolvidas por mulheres, como confecção dos enfeites, preparação da comida, direção das rezas de terço e outras orações etc.

Nos espaços construídos e reconstruídos por homens e mulheres durante a realização da Folia de Reis. “As representações de mundo são construídas na produção desses objetos culturais que, reunidos no tempo e no espaço, transformam a paisagem em lugar” (LUCHIARI, 2001, p. 22).

Cada lugar passa a ter uma função diferenciada com sentido diferenciado. O altar onde é colocada a bandeira dos Três Reis, o ambiente de preparação da comida, servir a comida, dançar o catira, armar as redes para descansar e conversar diferentes tipos de assuntos acompanhado de criativas brincadeiras que arrancam o sorriso de todos (fotos 37 e 38).

Nesses lugares diferenciados configuram relações variadas e muitas narrativas que resgatam suas próprias histórias de vida ou daqueles que já são falecidos. Entre eles com maior destaque para aqueles e aquelas que exerciam um papel de liderança, sendo construtores e incentivadores de cidadãos e cidadãs que possuem uma identidade cultural específica.

Para a Companhia dos Três Reis de Água Limpa, que se incumbe de levar a diante essa tradição cultural que se realiza através da religiosidade e da fé de cada devoto e devota, há diferentes espacialidades que representam lugares sagrados entre eles destaca-se o altar. Na perspectiva de Rosendahl, (2002, p. 34) os lugares sagrados são definidos da seguinte forma:

O espaço sagrado possui uma relação íntima com o grupo religioso que o frequenta. As imagens espaciais desempenham um papel importante na memória coletiva, porque cada aspecto, cada detalhe desse lugar possui um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, pois todas as partes do espaço que ele ocupa correspondem a um certo número de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade.

Conforme a reflexão de Rosendahl (p. 50) “a fé significa liberdade, uma liberdade que permite ao homem participar ontologicamente da existência de Deus, uma liberdade que encontra sua validade e seu apoio em Deus”.

É através de ou em busca desse apoio que as famílias em Água Limpa se deslocam de suas casas, os que moram na comunidade todos os dias marcam presença na Folia para sentir a presença de Deus através de Santos Reis. Mesmo os que mudaram representam um número significativo de pessoas, o retorno da maioria deles e delas no período da festa é garantido. Então, durante as entrevistas feitas com pessoas que moram em Água Limpa e com os(as) que mudaram para o meio urbano tivemos variedades de respostas para as mesmas perguntas.

Queremos apontar uma pergunta que foi feita para todos os entrevistados e entrevistadas, a princípio as respostas foram quase unânimes dizendo que sim, com exceção de uma senhora. Para ela, foi feita a seguinte indagação: A Folia é um momento para reunir as famílias?

Não. É porque os mais velhos deixou, então os mais novos num quer²³ que pare. Sempre os mais novos falam: Não, num pode parar com essa folia não. Nós tem que continuar com essa folia. E eles gosta, né. Eles amam desde o tempo dos mais velhos, que os mais velhos arrumou essa folia. Os mais velhos acabou e ficou os mais novos e os mais novos num quer que para. Eles tudo acha bão né. Às vezes, eu falo pro Joaquim aqui: Eu acho muito difícil, nós faz só a reza no dia dos Santos Reis. Ele fala não num pode parar não. Num pode parar não. Uma que a gente acha bom e outra que tem a devoção.

A resposta dessa senhora se aproxima dos diálogos realizados com várias pessoas que se deslocaram de diferentes cidades, inclusive da capital federal, para acompanhar a realização da Folia. O principal motivo por eles apresentados é a devoção aos Santos Reis e conseqüentemente encontrar com os familiares.

Portanto, as palavras da entrevistada deixam entender que antes do reencontro com os familiares está a continuidade da tradição cultural e a devoção aos Santos Reis. Posteriormente sim, é um momento para reunir as famílias. Em primeiro lugar está a preocupação em dar continuidade à expressão cultural criada e deixada pelos mais velhos.

O termo “tradição inventada” da qual refere-se Hobsbawn (1997, p. 9) “é utilizado num sentido amplo, mas nunca identificado”. Contrário ao que diz o autor em relação às tradições inventadas citadas por ele há possibilidade de identificar nos rituais e cantorias realizadas pelos foliões, ritos criados por eles mesmos.

²³ Entrevista concedida no dia 26 de janeiro de 2008.

Por exemplo, quando um morador prepara o ambiente para receber a bandeira, os foliões não sabem o que se encontra na chegada da casa e no altar. Mas independente das imagens e símbolos que houver, eles conseguem inseri-los em seus repertórios musicais. Essa habilidade com o repertório faz parte das tradições culturais da maioria dos cantores ou foliões de Santos Reis. Mais adiante o autor (p. 9) continua:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

A realização de práticas ritualísticas tradicionais como é o caso da Folia de Reis de Água Limpa vão incorporando novos foliões. Significa dizer que as realizações atuais não são exatamente iguais às praticadas no passado. Pois, novos componentes são inseridos e algumas mudanças ocorrem. Mas os praticantes procuram manter dentro do possível os ritos que eram exercidos pelos seus antecedentes.

Cabe a nós dizer que, “as diferenças étnicas e culturais, como características da espécie humana” (SODRÉ, 2005, p. 26), contribui para a diversidade cultural e enriquecimento da mesma nos diferentes grupos étnicos ou nações. Porque a cultura sendo uma criação humana, cada indivíduo é um hospedeiro, recriador e transmissor cultural ao mesmo tempo.

Capítulo II – Fotografias

Foto 15: Esse é o que conta as histórias do qual eu me refiro.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 16: Na foto abaixo ele estava contando uma história engraçada para outros foliões.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 17: Altar lugar onde os devotos se curvam para pagar promessas.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 18: Momento de dança do catira em uma casa de pouso da Folia na foto abaixo.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 19: Uma jovem toca o pandeiro no momento da cantoria.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 20: Momento em que a Folia chega na casa de um morador com a presença feminina acompanhando.



Fonte: Eldirene Vieira de O. Leite, 2007.

Foto 21: Residência do festeiro dos últimos dois anos.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 22: Residência do encarregado da Folia.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 23: Os foliões fazem o ritual de despedida para a viagem da bandeira dos Três Reis.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 24: Devota se despede da Bandeira.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 25: Momento em que os foliões se despede agradecendo em frente o altar.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.
Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 26: Ritual em oração que antecede o almoço.



Foto 27: Bendito de mesa ou (agradecimento).



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 28: A moradora assa os bolos para aguardar a chegada dos foliões.



Fonte: Eldirene Vieira de O. Leite, 2007.

Foto 29: Está sendo servido o café da manhã.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 30: Residência que abrigou o segundo pouso da Folia.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 31: A Folia chega à casa do morador para o quarto pouso.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 32: O devoto abre a porta para receber a bandeira dos Três Reis.



Fonte: Eldirene Vieira de O. Leite, 2007.

Foto 33: A devota abre a porta e aproxima para receber a bandeira dos Três Reis.



Fonte: Eldirene Vieira de O. Leite, 2007.

Foto 34: A guia dos foliões momentos antes da saída para o início do giro da Folia.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 35: A bandeira no altar com fotografias e doações Foto 36: Os foliões afinam os instrumentos próximo da casa do devoto.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.
Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.



Foto 37: Preparação da comida.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2006.

Foto 38: Nas redes lugar de descanso e descontração.



Fonte: Douglas Silva, 2008

CAPÍTULO III

MOBILIDADE ESPACIAL NA ÉPOCA DA FOLIA

3.1 - O Deslocamento das Famílias

Durante o período de realização da Folia de Reis em Água Limpa, o deslocamento de pessoas ou até mesmo de famílias inteiras são constantes e de várias partes do Estado. Mas, o maior número de migrantes agualimpenses estão concentrados nas seguintes cidades: Cidade de Goiás, Goiânia e cidades do entorno e Itaberaí entre outras várias cidades que são habitadas por ex-moradores de Água Limpa.

Diante disso, queremos ressaltar que em determinados dias da Folia o número de participantes que não moram na comunidade é superior ao número dos que residem em Água Limpa. Isso demonstra a representatividade que essa realização festiva tem para cada indivíduo que habita ou habitou a comunidade agualimpense.

Retomando uma citação feita por nós anteriormente de (Bonnemaison, 2002, p. 112) e usada por Corrêa (2005, p. 154) para abordar questões relacionadas ao território móvel. Quando ele comenta que “os grupos, as etnias e os povos existem por sua referência a um território, real ou sonhado, habitado ou perdido”. Justificam o retorno de cada ex-morador(a) ou filho(a) dos(as) mesmos(as) que se fazem presentes quase todos os anos.

Mesmo os que não são nascidos em Água Limpa, mas têm ligações com as famílias se sentem honrados por fazer parte da história daquela comunidade. Fazendo da mesma um território de referência do pai, da mãe, de outros membros da família e de si próprio. A identificação que eles(as) têm com o território agualimpense é transparente e manifesta com muita frequência através das conversas dos moradores atuais e dos ex-moradores.

Em contra partida o processo de construção da cultura que observamos é “a forma pela qual as práticas culturais aprofundam suas raízes no espaço, significando-o e transformando em um território” de referência (MELLO CORRÊA, 2005, p. 153). Podendo ser de dimensão coletiva, grupal, familiar ou individual. Mais adiante a autora assim descreveu (p. 153-54):

É por meio das territorialidades que as diversas etnias passam a identificar os integrantes de seu território como herdeiros de uma mesma raiz cultural, orientados pela concepção de uma mesma divindade fundadora.

Quando a autora aborda em seu texto questões que refere-se ao território móvel que é transposto simbolicamente por meio das territorialidades e dos geossímbolos que se reterritorializa. O aprendizado adquirido no decorrer do tempo de vivência e convivência em seu território, habitado, pode no futuro fazer parte dos sonhos e das lembranças que ficam guardados na memória.

Essa idéia de território móvel abordado por Alreanice (2005), baseado no texto de Bonnemaison (2002) faz-se necessário comentar um trecho escrito por Ratts (2000, p. 25). Quando o autor diz que “os lugares são acessados através de viagens, notícias, lembranças, saudades”. Acontece que ele não está trabalhando com a idéia de território móvel, mas sim conceituando território.

A discussão feita por Ratts aproxima das que são feitas pelos dois citados anteriormente, por isso é indispensável o uso de suas escritas neste texto, é importante dizer que a pequena citação feita anteriormente é retirada da sua tese de doutorado, onde trabalha com identidade e mobilidade em territórios negros do Estado do Ceará.

Queremos aqui ressaltar que durante os vários campos feitos por nós na Comunidade Água Limpa e nas casas das famílias que se mudaram, presenciamos muitos momentos marcantes para os moradores e ex-moradores. Vários estão nas entrevistas realizadas tanto fora quanto em Água Limpa.

A quantidade de narrativas referentes a momentos pretéritos das famílias é muito grande. Sempre com destaque para os ensinamentos e participação dos mais velhos nos saberes do cotidiano. Em outros momentos do texto fizemos referências à importância da memória, porque constantemente eles(as) comentam os aprendizados adquiridos pelos mais velhos que em grande parte são falecidos.

Portanto, o território móvel em que está sendo mencionado, caracteriza-se pelo aprendizado em um território de referência, vivência e convivência. Depois por onde quer que esta pessoa ou família, grupo de famílias esteja, esses aprendizados e lembranças estarão consigo. Ou seja, as pessoas mudam, mas levam os saberes adquiridos e construídos em seu território de origem.

Ortiz (1996, p. 27), ao discutir o tema mundialização e cultura, aponta que “uma cultura mundializada implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela coabita e se alimenta delas: As práticas culturais que são desenvolvidas pelas comunidades tradicionais como quilombola, indígena e muitas outras pelo mundo afora, servem de espelho para as indústrias culturais.

Não aprofundando nas discussões em relação às indústrias culturais, porque não é prioritário para o momento. Queremos dizer que, com todas as pessoas que tivemos a oportunidade de diálogo, eles(as) lembram dos bons momentos que as famílias passaram juntas nas festas que eram freqüentes e na vida cotidiana.

Em janeiro de 2008, quando realizávamos uma outra etapa das entrevistas, com aqueles(as) que mudaram de água Limpa para as cidades, perguntamos para uma senhora de 72 anos, Iraní que reside na Cidade de Goiás. Qual recordação que a senhora guarda de Água Limpa? “Ah... lá era bom em todo sentido. A gente tinha um pedacinho de roça da gente. A gente podia trabalhar. Como diz, tinha as cestas boas, tinha os digitório bom né. Como diz, a gente tem muitas recordações boa de lá”.

As palavras desta senhora são um reflexo da saudade que está guardado na memória. Declarações semelhantes foram ouvidas por nós com muita freqüência principalmente entre os mais idosos que viveram grande parte da vida em Água Limpa.

Lembramos que “as culturas entram em contato por meio dos homens, a base referencial de ser um agrupamento, uma coletividade de indivíduos que se desloca espacialmente” (ORTIZ, 1996, p. 75). Portanto, quando falamos principalmente dos mais idosos é por eles(as) terem com freqüência Água Limpa como base referencial de suas construções culturais.

Queremos destacar que nesses contatos com as famílias que habitam Água Limpa e com outros do meio urbano ocorrem desde 2005, quando estávamos construindo o projeto de pesquisa. Durante todo esse tempo, além das entrevistas foram muitos os diálogos que contribuíram para o projeto e têm contribuído para a pesquisa.

O trecho “lá era bom em todo sentido”. Demonstra a alegria de viver em comunidade com os outros grupos familiares. Em outro momento ela disse que uma das coisas mais importantes era a união que reinava entre todos que ali habitavam. Pois tudo que é construído e ensinado com respeito para o aprendizado de todos é gratificante.

Em outro momento da entrevista citada anteriormente, demonstra a saudade do tempo que ela viveu na comunidade. Então lembrar esses períodos da vida é não perder o contato com os que então lhes rodeavam no passado. No que diz respeito às lembranças Halbwachs (2006, p. 39), comenta:

Se esta primeira lembrança foi suprimida, se não nos é mais possível reencontrá-la, é porque há muito tempo não fazemos parte do grupo na memória do qual ela se mantinha. Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias

deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Dizemos que o choque ou a assimilação cultural se faz sempre no seio do território, da cidade, do bairro, nas comunidades camponesas, quilombolas, indígenas etc. As lembranças que foram, estão sendo e serão comentadas fazem parte de uma construção grupal.

Sabemos que o deslocamento das famílias ou de integrante familiar para Água Limpa no período da Folia faz parte de uma construção cultural no seio do território agualimpense. Como forma de manter uma tradição que vem sendo realizada a mais de meio século pelos moradores(as) e ex-moradores(as) de Água Limpa.

Em relação ao deslocamento dos que moram na cidade para ir à Folia em Água Limpa, fizemos a seguinte pergunta à senhora Irani que mora na cidade de Goiás: Quais as principais dificuldades pra ir participar da folia?

Olha. Cê sabe que a gente até num acha. A gente num sente isso não. A gente se sente feliz de ir pra lá, né, pra tá junto com os Três Reis, pra tá junto com os pessoal da gente né. Então a gente num vê essa parte não. Tudo é bão, né. De vim de lá pra cá, tudo é bão, né?

Entendemos através das palavras desta senhora de 72 anos e em outros diálogos que tivemos que as principais dificuldades não são com o transporte ou a ida para a Folia. Mas sim, questões financeiras para a realização de “pouso” da Folia em casas de moradores da própria comunidade. Enfoque também apontado pelo embaixador (Joaquim Corrêa da Silva) que foi abordado com mais detalhe mais adiante. Ele diz: “dificuldade eu acho só enquanto tá longe de começar a Folia de Água Limpa”. Porque, segundo ele, quando está longe é o período de organizar os pousos e se mobilizar para conseguir doações para que os mesmos sejam realizados em um maior número de casas na comunidade Água Limpa.

Por exemplo, na realização da festa, no final de 2007 e princípio de 2008, para que o giro da bandeira dos Três Reis acontecesse normalmente, foram necessárias doações. Através das doações dos familiares agualimpenses e de amigos, devotos e simpatizantes dos Três Reis. Porém, a realização do segundo “pouso” da bandeira só foi possível devido à união exercida por todos.

Notamos que os jovens descendentes que nasceram e vivem no meio urbano não tem o mesmo apego, até porque eles não presenciaram a maior parte da história dos familiares das quais eles(as) são descendentes. Muitos dos momentos marcantes na comunidade são aprendidos através das narrativas, contadas pelos pais, avós e outros.

Voltando às dificuldades para o deslocamento no período da Folia, os adultos que trabalham como empregados são os que encontram as maiores dificuldades para comparecer no período da festa. Existem aqueles e aquelas que conseguem negociar as férias ou parte delas para a época da realização da Folia outros, porém, não conseguem por falta de compreensão dos patrões ou patroas.

Como disse nosso entrevistado, na época da Folia os homens e mulheres que estão empregados, muitos não conseguem ir, porque os patrões ou as patroas são “carrascos e não facilita”. Principalmente quando são de outras religiões aí eles ignoram e não fazem a negociação com o funcionário(a).

Não podemos esquecer daqueles que trabalham de diaristas, ou seja, moram na cidade e trabalham no campo. No período de realização da Folia, todas as diárias são reservadas para acompanhar a bandeira e ajudar para a concretização da festa.

Todos os esforços que são feitos por parte dos devotos é para dar continuidade a uma cultura que aproxima um grande número de famílias em prol de alguns objetivos. O primeiro deles, a nosso ver, seria a realização da festa, pois, é nela que está a concentração da fé, rever os parentes e amigos, pois muitos só se encontram de festa em festa.

Convém dizer que essas famílias ao mudarem para as cidades vão construindo traços culturais podendo ser uma forma de reconhecimento cultural. A criação de alguns animais, cultivo de espécies de plantas medicinais é também de certa forma, uma continuidade do aprendizado adquirido ou parte do processo cultural.

A migração para a cidade exige algumas mudanças do cidadão ou cidadã em relação à sua vida cotidiana que levava. Canclini (1997, p. 104) considera que:

A metrópole cria padrões de uniformidade, remodela os hábitos locais e os subordina a estilos “modernos” de trabalhar, se vestir e se distrair, viver numa grande cidade significa para a maioria dos migrantes, não importa de onde venham, aspirar a ter uma casa própria – com pavimentação, luz e água – próximo a escolas e centros de saúde. Contudo, a homogeneização do consumo e da sociabilidade, propiciada pelo formato comum com que esses serviços se organizam, não anula as particularidades.

Mesmo com as adaptações das quais estão sujeitos, por maior que sejam as mudanças cada indivíduo mantém a particularidade que lhe pertence na relação com o urbano.

Desse modo, “um novo território é redesenhado, no qual a identidade anterior é preservada”, (ORTIZ, 1996, p. 75). O mesmo autor continua dizendo que “para isso é preciso que os grupos construa nichos no seio dos quais a lembrança possa sobreviver”.

Em todo esse tempo que estivemos desenvolvendo esta pesquisa, fazemos das palavras da Ecléa Bossi uma afirmação do que temos observado nos últimos anos. Segundo a autora (1994, p. 39), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Em todas as vezes que fomos a Água Limpa ou nas casas das famílias que moram nas cidades sempre ouvimos alguma história relacionada à vivência do passado.

A maior diversidade de recordações aflora durante os dias de giro da Folia, pois reúne um número significativo de pessoas que contam as mais variadas histórias e experiências vividas, como, por exemplo, algumas exigências e recordações que eram feitas por alguns dos mais velhos que todos respeitavam.

Segundo Costa (1993, p. 5), a reconstrução imaginária do passado exclui conflitos e privações, seleciona atributos que alimentam a saudade da vida. Os constantes comentários relacionados à sua vivência no passado, aqui estamos nos referindo aos que se deslocaram de Água Limpa e hoje vivem no meio urbano o saudosismo está presente constantemente em seus diálogos.

Os aspectos cooperativos e familiares dos momentos em que trabalhavam no campo deixaram vínculos afetivos, solidariedade e autonomia para as famílias desenvolverem suas próprias atividades. Pois, o construído no espaço e tempo e que a memória reconstrói emergem as recordações.

A produção de subsistência, incluídos nas relações tradicionais do “trabalho independente”, da autonomia de “plantar na própria terra”, confrontando com as privações da vida atual, falam de vida saciada (p. 05). Quando a entrevistada diz que “a gente tinha um pedacinho de roça e que as cestas eram boas”.

Ela demonstra a saudade daqueles momentos de vivência e o presente não lhe permite desenvolver práticas parecidas, porque o ritmo na cidade encontra-se em um outro patamar. As cestas boas, na linguagem popular significa muita fartura na economia de subsistência dos moradores. Mais adiante a autora continua (p. 06):

“Vir embora para a cidade” articula-se à busca de soluções para a sobrevivência material e com uma atitude de resistência à fragmentação ética que se manifesta na ruptura unilateral do trato, da reciprocidade permeada das relações sociais e da autonomia que o acesso a terra, o controle do tempo e do processo de trabalho asseguravam.

Podemos dizer que muitas mudanças tiveram “a aspiração pela ascensão social na cidade, enquanto possibilidade de acesso a bens, empregos, recursos e instituições urbanas orientam a decisão e a direção da mudança” (COSTA, 1993, p. 6). Esse processo reflete principalmente entre os mais jovens que migram para as cidades.

Os ex-pequenos proprietários, meeiros, rendeiros de Água Limpa por diferentes motivos foram afastados das terras de trabalhar e viver. Muitos deles não são absorvidos pelas atividades urbanas recorrendo aos trabalhos temporários de diferentes variedades para garantir a estabilidade individual ou familiar.

Alguns não se inseriram no mercado de trabalho urbano “porque não portam saberes e condutas adequadas às exigências da cidade e do mercado de trabalho. Permanecem excluídos das ocupações urbanas valorizadas” (IDEM, p. 06). Há casos de jovens que mudaram de Água Limpa para Goiânia, ficando vários dias procurando emprego.

As observações que temos feito nos últimos três anos dos vários jovens que se deslocaram para o meio urbano, não só jovens, mas também pais e mães adultos(as) que vão com os filhos(as), quase sempre vêm ser comprometida a participação na primeira festa, após a mudança. Pois, às vezes conseguem empregos e o tempo é insuficiente para negociar parte das férias e participar da festa.

A comunidade de Água Limpa têm parte da sua história marcante (conforme vários depoimentos dos moradores e ex-moradores) por muitos momentos de confraternização e festas como: festa junina, Folia de São Sebastião, do Divino Espírito Santo, Folia de Reis entre outras.

No momento, a única que prevalece é a Folia de Reis. Na época da realização da Folia acontece um deslocamento de pessoas de vários lugares diferentes de familiares compromissados com esse realizar cultural que faz parte da sua identidade individual e coletiva.

A mobilidade freqüente que tem causado o deslocamento de muitos jovens ou até mesmo de famílias de Água Limpa têm comprometido a participação de muitos devotos culturais. Mesmo assim, os que moram em cidades mais próximas como Goiás, Itapuranga, Itaberaí, Faina e outras que não conseguem acompanhar o giro da Folia por causa do trabalho, dão uma escapadinha no final de semana para marcar presença na festa.

Queremos retomar o que diz Costa (1993, p. 07), que nestes novos territórios delimitados espacial e socialmente, os que vieram para o meio urbano para ficar recuperam o sentido da festa e da existência. Por isso o compromisso com o retorno e a participação na festa. O autor (IDEM, p. 07) continua:

(...) ritos que introduzem um tempo cíclico e coletivo no tempo da individualização promovida pela cidade e pela vinculação a contrato e salário. Momentos que interrompem a mesmice do cotidiano introduzindo um tempo religioso, que também reafirma afinidades e consagra relações. Ritos que envolvem a partilha de bens escassos e do prazer, a solidariedade estabelecida pela convergência dos vínculos familiares aos grupais. Dias de cimentar laços, no tempo de transição, crise, e de esperança nutrida pela reafirmação do senso comunitário.

Então, “a identidade liminar desses seres transitantes que, entre espaços e tempos diversos, redimensionam passado, presente e futuro, constrói-se como resistência à fragmentação vivenciada” (p. 07). Isso é possível, pois, as afirmações de valores através das condutas e das relações, possibilita ao indivíduo, manter a autonomia e hierarquia da identidade cultural que foram transmitidos para eles(as).

Em relação às dificuldades que eles(as) encontram para ir em Água Limpa no período de realização da festa da Folia, indagamos: Quais são as principais dificuldades que vocês enfrentam na época de ir para a Folia? Tivemos a seguinte resposta do senhor Joaquim:

Uai, Tonho. Dificuldade eu acho só enquanto tá longe. Mas da hora que chega o mês, a semana que é pra ir, aí nesse meio de tempo já vai maneirando tudo. Aquilo que eu achava que era custoso já vai aparecendo. Igual esse ano mesmo, num sei se eu contei pro senhor, ali naquele pouso da Idalina, não tinha ele que precisava dum [folião] em qualquer lugar. Ali precisa dum folião. Eu tinha achado o primeiro, mas num tinha achado o segundo. Isso foi uns dois mês eu pensando nisso, eu ia lá na frente e voltava atrás ia lá e voltava atrás andei falando pruns aí: se num achar esse pouso eu sô obrigado a fechar a bandeira. E lá pro terceiro que num tem como, porque nós num dá conta de fazer esse tanto de morador dentro de uma noite. Se nós num acha eu vou fazer isso, mas eu deitava ali na cama não via meio de dá moda do outro de conformar. Porque além dos outros, tinha o senhor Eugênio. Agora num tem ele mais, né... em pessoa, mas eu tenho ele no pensamento. Além do meu pai, foi ele o primeiro folião que meu pai arrumou. Iniciou de levantar essa bandeira, já iniciou pra ele ser o encarregado porque ele já era o encarregado duma outra folia de São João que meu pai tirava todo ano também. Então tinha paralisado essa folia de São João, passou ele pra ser encarregado dos Três Reis.

Então é o momento que eu tô falando. Eu pensei esse trem uns dois meses. Olhava pra diante e pra traz e achava que num dava certo, aí um dia veio na mente eu deitado na cama pensando, pensando, passei por uma matéria, aí veio na mente minha. Parece que era um sonho, num sei, aí de fazer um papel. Passava, passava, meu pai sempre fazia isso né. Fiquei uns três dias pensando nisso. Aí eu fui na menina e falei com ela, troquei uma idéia com ela e ela falou: uai, o senhor que sabe. Uai, se o senhor achar que da certo eu da minha parte eu judo. Aí, foi. No outro dia eu fui lá no Constâncio, conversei com ele e a mulher, aí eles entrou de acordo também. Aí eu conversei com o meu cunhado Joaquim, não conversei com o João que apareceu aqui, João Fernando, ele falou não uai talvez da certo nós tenta.

Aí, nós pediu ajuda a família e os amigos que trabalha na companhia. Falava cum ele. Falava eu dou isso, o outro eu vou dar num sei o quê. Aí, quando foi na semana de reunir pra ir pra lá, foi aparecendo. Um trazia um pacote de arroz, outro trazia um macarrão, óleo... Sei que foi juntando. Até que eu fiz duas caixa de trem, pôs no caminhão, aí chegou lá na roça, lá também já tinha um pouco de trem que tinha juntado lá no ponto. Inclusive aquele menino do São nós batemos um papo aqui umas duas vezes. Aí ele falou: eu vou falar com o patrão do pai. Eu vou mandar a mãe falar com ele. Ele dá uma ajuda pra nós. Inclusive ele ligou pra mãe e a mãe falou e conversou com o patrão e a patroa. E o patrão deu uma leitoa. Quando foi no dia do primeiro pouso, no Neguinho, pediu ao Ismael. Ele foi lá e pegou a leitoa e acabou que era uma porca capada que deu pra fazer a janta e o almoço e gastou menos óleo que nós tinha levado, voltou mais da metade pra trás. Eu acho que ninguém passou fome lá né, deu almoço mais ou menos nas horas que precisava, né? Deu a janta e acho que todo mundo jantou satisfeito.

Neste depoimento percebemos que em nenhum momento ele menciona dificuldade no deslocar da Cidade de Goiás até Água Limpa. Entende-se que o problema maior é de ordem econômica para a realização de “pouso” da Folia na comunidade, onde foi criada essa companhia.

Os pequenos proprietários ou não que moram na comunidade, são famílias que em sua maior parte dispõem de uma renda insuficiente para cobrir as despesas geradas pela realização de um “pouso” da Folia. Portanto, torna-se necessário conseguir “pousos” para a bandeira dos Três Reis, em casas de moradores que não fazem parte da comunidade. A vontade dos agualimpenses é que a Folia pudesse acontecer em sua maior parte na própria comunidade. Mas devido situações mencionadas na entrevista e no próprio texto torna-se inviável.

Nos últimos dois anos para que pudesse ser realizado um número maior de “pousos” em Água Limpa, os próprios agualimpenses e alguns amigos se reuniram fazendo coleta para arrecadar dinheiro e alimentos. As doações feitas tornaram possível a realização daquilo que foi objetivado, ou seja, o “pouso” da Folia.

Queremos aqui fazer um breve apontamento ao candomblé relacionando-o a dois pontos que aproximam dos realizados na Folia. Segundo Amaral (1993, p. 09) “o candomblé constrói não apenas uma identidade para o filho-de-santo, mas também novas noções de corpo, de espaço e de tempo”. A Folia, em alguns pontos tem essa proximidade com o candomblé. Como seu papel na construção da identidade cultural, mas também noções de tempo e espaço.

O tempo pode ser definido entre outros pelo horário de sair com a bandeira dos Três Reis, o momento da chegada nos “pousos”, hora de servir o café da manhã, almoço,

jantar e o período de rezar, cantar e louvar. A noção de espaço pode-se considerar os diferentes momentos recorrentes durante a festa.

Veja que quando é arrumado e enfeitado o altar, espaço de dançar o catira, servir o almoço, rezar, fazer o giro com a bandeira durante a Folia, tudo é estrategicamente planejado. Pois, segundo eles(as), as coisas têm que ser planejadas com antecedência para sair “nos conformes”.

Entendemos que o sentido da festa de Folia na comunidade, ultrapassa suas fronteiras comunitárias, tornando-se “o elemento que norteia e distingue as escolhas deste grupo em relação aos demais” (AMARAL, p. 9). Determinando assim, a diversidade cultural que cada grupo étnico representa.

3.2 - Cumprimento de Promessas aos Santos Reis

Dizemos que os devotos de Santos Reis são religiosos católicos. “A religião é construída pelos símbolos que os homens usam. E os homens são diferentes, seus mundos sagrados também” (ALVES, 2006, p. 29).

A forma de devoção que cada indivíduo manifesta através de sua fé e de seus anseios, também é diferente, com caráter completamente individual e coletivo. Os problemas que os devotos recorrem aos Santos Reis são diversos, entre eles podemos destacar problemas de saúde, acidentes, questões financeiras, trabalho entre outros.

Cada devoto(a), através da fé, roga a Deus por intermédio dos Três Reis Santos para solucionar o problema pelo qual está passando. Após o recebimento da bênção, os fiéis vão pagar suas promessas em agradecimento aos Três Reis no período de realização da Folia de Reis que se realiza entre o dia de natal e o dia de reis em seis de janeiro.

Segundo Rubem Alves (2006, p. 62) “o sagrado é o criador, a origem da vida, a fonte da força. O homem é a criatura, em busca de vida, carente de força. Vão-se os critérios utilitários”. Conforme o autor, o homem deixa de ser o centro do mundo, não pertencendo a si próprio à origem das decisões.

Para o autor, o homem sente-se dominado e envolvido por algo que dele dispõe e sobre ele impõe normas de compromisso e de comportamento que não podem ser transgredidas. A fé e o compromisso feito por cada participante e devoto de Santos Reis faz com que todos os anos eles e elas compareçam para festejar, ajudar na realização da festa, rever os parentes, amigos e principalmente pagar suas promessas.

Pode ser observado pelos participantes e visitantes a intensidade de relações dos agualimpenses devotos com os Três Reis Magos. Em certo dia, no trabalho de campo na comunidade, durante a entrevista, indagamos: A senhora já fez algum voto para Santos Reis?

Já. Nós já fez voto, já. Fez festa seis anos. Depois nós fez uma féria depois. Fez mais três anos de pouso e seis anos de festa. Nós fez cumprindo voto. Eu fiz pra Santo Reis, né? Eu fiz um voto pro menino meu. Ele era pequeno e a perna dele era molezinha. Ele num caminhava, tava com três anos e num caminhava. Aí, nós fez voto pra Santos Reis. Nós fez a festa, né. A festa também é porque Cacá gostava muito de fazer a festa, né. Ele sempre fazia três ano seguido, depois parava. Outro pegava, depois pegava de novo. Aí, o menino sarou, andou, né? Hoje em dia, tá um homão, né?²⁴

Essa entrevista representa a fé e a forma de retribuir o milagre recebido. Em relação aos moradores da Comunidade Água Limpa, entre outros algumas das formas que eles(as) se mobilizam para pagar as promessas são através de rezas, realizando pouso para a bandeira dos Três Reis e os foliões ou fazendo a festa de encerramento.

Ao conversar com algumas famílias em relação às despesas eles(as) sempre comentavam que Santos Reis abençoa não faz falta e é uma alegria poder estar realizando aquele momento depois de tantas bênçãos recebidas. Portanto, a continuidade da Folia torna-se possível porque as promessas realizadas através da fé e o compromisso de dar continuidade a uma identidade religiosa e cultural é uma responsabilidade que “todos” se comprometem a doar-se.

Em particular, pois, se trata de um estudo de caso onde “o sagrado se apresenta como elemento estruturante e estruturado da sociedade” (GIL FILHO e CORRÊA GIL, 2001, p. 40). Ou seja, dos habitantes de Água Limpa ou mesmo daqueles(as) que mudaram da comunidade.

Como diz Pedroso (2003) para os teólogos toda Folia de Reis surge a partir de votos e a garantia de sua continuidade se dá devido os mesmos. Não podemos afirmar por exemplo, que a Folia de Reis de Água Limpa mantém sua continuidade ou que todos acompanhantes e ajudantes estejam pagando algum voto. Mas um número relativamente grande deles(as) sim.

Podemos dizer que, alguns participantes não vão para pagar promessas referentes a algum voto que tenham feito. Existem aqueles que vão por curiosidade, outros com objetivo de desenvolver pesquisas, participar da festa. Mas os foliões e as foliãs incluindo os

²⁴ Entrevista concedida no dia 21 de julho de 2007, por Dona Julieta Corrêa da Silva de 57 anos.

moradores da Comunidade e ex-moradores, ou seja, são aqueles(as) que seguram e mantêm garantindo a continuidade da Folia de Reis agualimpense.

Essas pessoas religiosas devotas de Santos Reis em muitas situações estão participando não é pagando promessas, mais agradecendo os milagres recebidos em outros momentos de pedidos ou voto. Rosendahl (1996, p. 29-30) reflete:

O homem religioso sente necessidade de viver numa atmosfera impregnada do sagrado; é por essa razão que se elaboram técnicas de construção do sagrado. Esse trabalho humano de consagrar um espaço, essa necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, nos revela que o mundo é, para o homem religioso, um mundo sagrado. Daí uma contínua sacralização do mundo, uma religião cósmica, uma santificação da vida. O pensamento religioso do homem e sua situação num mundo carregado de valores religiosos permitem que o homem identifique espaços qualitativamente diferentes de outros. Espaço sagrado, qualitativamente forte, demarcado e diferenciado. De acordo com a experiência religiosa há uma oposição entre o espaço sagrado e todo o resto que o cerca.

Na Folia de Reis em Água Limpa, o espaço sagrado, qualitativamente forte, demarcado e diferenciado do qual Rosendahl comenta, se restringe ao ambiente onde se localiza o altar. Pois, o símbolo mais sagrado para os foliões de Santos Reis é a bandeira estampada com as imagens dos Três Reis Magos.

O altar caracteriza o lugar de maior respeito para os foliões e devotos. Pois, é diante dele que todos os fiéis se aproximam nos momentos de orações, agradecimentos, pedidos, tanto individualmente quanto coletivamente (fotos 39 e 40).

Durante os dias de Folia é muito freqüente homens e mulheres se emocionarem. As lágrimas rolam em seus rostos representando muitas vezes as lembranças dos momentos de dificuldades e a superação dos mesmos por intercessão dos Três Reis Santos.

Ao realizar uma entrevista em 21 de julho de 2007, sendo o entrevistado o encarregado da Folia. Perguntamos para ele: A Folia é um momento de realização através da fé? Tivemos como resposta. “É. Eu penso que é também, né. Isso é uma fé, uma devoção. Mas também eu penso nisso aí: reunir a família, pessoa que faz tempo que num vê um a outro então arreúne, vê um a outro, cumpre a devoção”.

Percebemos através das palavras deste senhor de 67 anos, que a participação da maioria dos presentes na Folia são devotos, principalmente aqueles(as) que fazem parte das famílias agualimpenses. Entre outros, esse é também um momento para rever os parentes que mudaram. Muitos só se encontram de Folia em Folia, ou seja, de ano em ano. Em outro

momento da entrevista direcionamos outra pergunta para o entrevistado. O senhor fez ou já fez voto alguma vez aos Santos Reis?

Já. É, foi minha esposa aí que machucou o joelho, levava ao médico. Criou água e queria operar. Passou remédio pra ela e da segunda vez, ele passou o remédio pra ela e falou pra ela ir. Se tivesse água, era pra operar. Aí eu pedi aos Três Reis Santos pra sarar aquele joelho dela que não fosse preciso fazer a cirurgia porque ficava ruim aqui em casa. Aí quando ela voltou levei ela lá de novo. Tirou chapa raio X e olhou assim disse que ela num tinha mais nada ela fico sã. Foi esse poso e eu dei. Se ela sarasse, eu ia dar aquele poso. Agasalhar os Três Reis Santos dentro de casa, fazer o acompanhamento alegre e satisfeito.²⁵

A entrevista concedida demonstra tamanha fé e confiança na certeza de receber a cura. No entanto, uma forma de pagar o voto ele fez a promessa de realizar um “poso” para a bandeira dos Três Reis e seus foliões.

Há diferentes formas de pagar promessas. Neste caso ele realizou um poso da Folia, podem ser dois, três ou mais, têm casos de famílias que realizaram seis. Outros fazem doações em dinheiro, alimentos que é chamado pelos foliões de esmolas ou prendas. Assim, de voto em voto, de esmola em esmola, a continuidade desta prática cultural e religiosa vem sendo realizada todos os anos: “É no nível das comunidades locais de base, pelo contato físico dos fiéis reunidos pela prece e pelos gestos rituais, que se exprime melhor a fé dos crentes” (CLAVAL, 2001, p. 116). Ele continua a refletir que a comunidade serve de modelo para englobar um grande número de pessoas ligadas por certos traços fundamentais de cultura.

Todas essas práticas culturais religiosas e não religiosas abordadas neste trabalho é que vão se configurar em uma diversidade cultural. A diversidade cultural por mais variada que seja possibilita a identificação de um indivíduo, uma família ou uma comunidade e assim sucessivamente, de acordo com a sua formação social, política, econômica, e cultural.

As manifestações culturais realizadas através da Folia de Reis em Água Limpa, aproximam-se da descrição feita por Gil Filho e Corrêa Gil (2001, p. 48). Ambos dizem que “a identidade religiosa seria uma construção histórico-cultural socialmente reconhecível do sentimento de pertença religiosa”.

Podemos dizer que todo o processo de deslocamento que é feito pelos participantes da Folia no período de realização da mesma de diferentes lugares do Estado não deixa de ser uma peregrinação: “A peregrinação trata-se de uma demonstração de fé que

²⁵ Entrevista realizada no dia 21 de julho de 2007. Tendo como entrevistado João José dos Santos encarregado da Folia.

adquire uma nítida espacialidade, pois, envolve o deslocamento de um lugar a outro” (ROSENDAHL, p. 54).

A partir do momento em que essas pessoas se deslocam de suas residências para ir até a Folia e acompanhar a trajetória da bandeira levada pelos foliões. Esse deslocamento já faz parte para muitos do processo de devoção e de realização do pagamento das promessas.

Todo esse emaranhado de diversidades representado pelas pessoas de uma comunidade, neste caso Água Limpa. Dizemos que “a cultura é o sistema mais abrangente em que, pelo menos hipoteticamente, todos os outros cabem através de um campo de comunicação comum apoiado na rede de significados base de todas as possíveis variações” (VELHO, 1981, p. 86).

As diferentes formas individuais que cada um dispõe para se manifestar culturalmente requerem cuidados por parte do pesquisador, na opinião de Gilberto Velho, (1981, p. 123-24):

A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada. Insiste-se na idéia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia. No entanto, a idéia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo.

Compreender as manifestações culturais expressas pelos componentes de uma comunidade, exige mais do que pesquisa de campo ou entrevista. Nesta pesquisa foi preciso muitas viagens e uma convivência por alguns dias, direta com as famílias.

Muitos dos devotos de Santos Reis que vão à festa todos os anos para pagar promessas relacionadas a votos feitos no passado por algum problema que venha assolar algum componente das famílias (fotos 41 e 42). Alguns dos penitentes não gostam de comentar sobre suas promessas. No entanto, há também aqueles(as) que contam com alegria a bênção recebida e a satisfação de pagar a promessa. Para esses(as) que são mais reservados em relação aos seus pedidos, exige uma relação maior de convivência e confiança. Porque são momentos ímpares na vida das famílias.

É importante esclarecermos que em alguns casos, os votos não são feitos para serem cumpridos durante toda a vida. Durante o decorrer do texto há algumas abordagens que

demonstram votos feitos pelos fieis. Existem diversos casos em que eles(as) pedem a bênção, quando recebida cumprem a promessa de realizar um “pouso” para a companhia.

Em várias outras situações, por dois, três ou mais anos realizar pousos ou a festa de encerramento da Folia como uma forma de devoção e pagamento da promessa feita a Santos Reis. Há também votos cumpridos de outras maneiras como: durante um ou mais anos carregar a bandeira em todos os dias de Folia e durante todo o percurso.

Acompanhar o giro da bandeira por um determinado período em um espaço de tempo definido pelo devoto. Não podem esquecer que entre muitas outras maneiras de pagar promessa existem os devotos que se comprometem em dar uma esmola todos os anos para a companhia dos Três Reis Magos.

Os votos feitos não são apenas por motivos de doenças, mas por diferentes necessidades. Diante do que temos observado durante todo esse tempo de realização da pesquisa, percebemos entre outros, por motivos de estudo, trabalho, problemas financeiros e diversas outras necessidades.

Para Duvignaud (1983) a festa é um período peculiar, apesar de inteiramente integrado à sociedade, neste caso à Comunidade de Água Limpa. Período no qual a vida coletiva é extremamente intensa. Os fenômenos relativos ao sagrado e à religião correspondem a momentos de efervescência e de unanimidade entre os devotos de Santos Reis: “A festa atinge aquilo que constitui a finalidade última das comunidades, isto é, um mundo reconciliado, uma entidade fraternal” (DUVIGNAUD, 1983, p. 69) que compartilha os diversos momentos de alegrias, mas também de tristezas. Onde cada indivíduo em diferentes momentos se rompe com o mundo material e se volta para a vida espiritual.

Conforme reflete Rosendahl (1996, p. 30) “o espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência”. No caso da Folia de Reis, é por meio dos símbolos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade.

É através da bandeira e das imagens dos Três Reis que compõe-na, que os devotos rogam pelas bênçãos de Deus para interceder nas suas necessidades. A mesma autora volta (p. 29-30) a refletir:

O homem religioso sente necessidade de viver numa atmosfera impregnada do sagrado; é por essa razão que se elaboram técnicas de construção do sagrado. Esse trabalho humano de consagrar um espaço, essa necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, nos revela que o mundo é, para o

homem religioso, um mundo sagrado. Daí uma contínua sacralização do mundo, uma religião cósmica, uma santificação da vida. O pensamento religioso do homem e sua situação num mundo carregado de valores religiosos permitem que o homem identifique espaços qualitativamente diferentes de outros. Espaço sagrado, qualitativamente forte, demarcado e diferenciado. De acordo com a experiência religiosa há uma oposição entre o espaço sagrado e todo o resto que o cerca.

Portanto, para Marcelo Lopes de Souza (2001, p. 149) devemos entender em primeiro lugar, que as culturas não são compartimentos separados, muito menos deve ser vista de forma estática, mas sim, como vasos comunicantes e dinâmicos. Esses vasos comunicantes é que vão dando uma nova visibilidade para as identidades culturais, conseqüentemente incorporando novos elementos culturais.

Claval (2001, p. 158) comenta que os símbolos ajudam a estruturar as identidades coletivas, sendo que o território desempenha um papel central. Pois, o mesmo constitui a base material da existência comum e fornece ao menos uma parte dos recursos indispensáveis a cada cidadão ou cidadã.

Nesse contexto, o território é compartilhado, “formado de lugares carregados de significações acessíveis a todos – peregrinação, santuários, campos de batalha ou monumentos históricos; as gerações passadas aí viveram, seus corpos aí repousaram” (p. 158). O território agualimpense pode ser considerado como um desses lugares carregados de símbolos com diferentes significados culturais construídos e deixados pelos antepassados que lá viveram.

Durante todos os anos, os devotos que peregrinam em direção a Água Limpa e no território agualimpense, pagando suas promessas, ou pelo compromisso de levar adiante uma tradição cultural que vem sendo realizada há várias décadas. Essas pessoas são conscientes da representatividade que essa prática cultural tem para elas.

Como já foi referido em outros momentos desse texto, na realização da Folia de Reis de Água Limpa, a maior representatividade simbólica encontra-se na bandeira. Pois, é diante dela que todos(as) os(as) devotos(as) se curvam para fazer suas orações, pedidos e agradecimentos. No giro da bandeira que acontece à noite de casa em casa, nenhum folião ou acompanhante pode chegar à casa do morador antes da bandeira dos Três Reis.

Sendo que, ela quase sempre é conduzida pelo encarregado ou algum(a) pagador de promessa que fez o voto de conduzi-la durante o giro. Sodré (2005, p. 36-7) ao fazer reflexão sobre símbolos diz que:

O símbolo é, portanto, um operador de estrutura, m agenciador de vazios, de formas sem significados atuais, uma vez que a “significação” é a própria regra de organização, a regra sintática, o valor constituinte de uma linguagem, que introduz o indivíduo na ordem coletiva. Por exemplo, no Ocidente, onde vige a tradição política do patriarcalismo, o pai é um símbolo, isto é, o agente de um sistema de regras, trocas, relacionamentos. Por meio da paternidade (que é sempre simbólica), a criança é introduzida na ordem do grupo, adquirindo assim a consciência de si mesma como indivíduo, e o reconhecimento dos outros de que é “sujeito cultural”, ou seja, aquele que faz sentido segundo as regras simbólicas. O signo pai significa alguma coisa, mas o símbolo pai organiza, estrutura.

Portanto, para o mesmo autor, “a cultura é o modo de relacionamento humano com o real. Esse ‘real’ não deve ser entendido como a estrutura histórica globalmente considerada nem mesmo como um conjunto de elementos identificáveis” (p. 37).

Para Sodré o real é representado por “aquilo que, resistindo a toda caracterização absoluta, se apresenta como estritamente singular, como único” (p. 38). Em relação ao real do qual Sodré define, podemos exemplificar a Folia de Reis. Ou seja, nas diferentes partes do mundo onde acontece essa prática cultural e religiosa, os rituais não são iguais. Porém, a bandeira tem a mesma configuração e significado.

3.3 – Um Momento para Reunir as Famílias

Para refletir sobre um momento para reunir as famílias que acontece anualmente através da Folia de Reis faz-se necessário apontar outros momentos que aconteciam no passado, que deixaram de ser realizados. São aqueles que acontecem de vez em quando segundo depoimentos feitos durante as entrevistas e em diálogos não entrevistados. É a abordagem que será feita a seguir.

Em relação a momentos de confraternização, em que as várias famílias de Água Limpa se reuniam para festejar e realizar suas práticas culturais, sejam elas com caráter religioso ou não. Entre os que podemos destacar o adjutório, também chamado de mutirão.

A prática do mutirão é uma realização cultural muito característica da população campesina. O mesmo é organizado pelo próprio dono do serviço a ser feito. Entre outros, pode ser para roçar um pasto ou roçado para fazer plantio de roças, limpar as plantações, fazer colheitas, etc.

O proprietário do serviço convida toda a vizinhança. Sendo que, os homens para o trabalho braçal na roça e as mulheres para preparar a comida. As crianças não passam

despercebidas além de brincar elas são sempre solicitadas para levar ou buscar alguma coisa para as cozinheiras.

Como indica Oliveira (1996, p.2): “Entre essas características, o partilhar uma cultura comum é frequentemente considerado de central importância”. Pois, esses encontros familiares para a realização de uma determinada prática cultural fazem parte de um fortalecimento cultural que pode ser característico de cada grupo específico.

O mutirão enquanto prática cultural é um processo de fixação do homem rural em Água Limpa. Rosselvet (2003, p. 136) considera que:

Ele se desenvolveu também e principalmente no cotidiano, entre pessoas que por meio de suas necessidades habituais manifestam, nos seus atos práticos, estratégias que contêm sabedorias, que fundam e fortalecem acordos e apresentam, a partir dos modos de vida, elementos materiais e imateriais que se encontram presentes, mesmo que residualmente, na vida e na memória coletiva das comunidades rurais desta região.

Atualmente, a cultura do mutirão é uma prática, que segundo os moradores e ex-moradores, quase não acontece mais. Quando entrevistávamos uma senhora de 72 anos, que atualmente mora na Cidade de Goiás, mas que segundo suas palavras foi nascida e criada em Água Limpa, ela comentava a respeito dos digitórios (mutirões).

Perguntamos para ela se os adjutórios ainda acontecem, ela respondeu: ²⁶ “Não. Num acontece não. Diminuiu e tem vez num têm mais. Tem muita recordação boa dali. Hoje que lá acabou tudo. Cê vê virou sertão quase bem dizer. Morador lá é pouco”.

Neste depoimento há que se destacarem três fundamentos relevantes a ser interpretado. O primeiro, é que as terras que pertenciam aos agualimpenses eram bem maiores e foram invadidas e tomadas por fazendeiros grileiros a maior parte. Ou seja, diminuindo consideravelmente sua área geográfica.

O segundo, refere-se às divisões das propriedades entre os filhos como herança deixada pelos pais. Onde cada pequeno proprietário com ou sem a ajuda dos filhos consegue desempenhar todo o trabalho necessário do qual exige a pequena propriedade. Em contrapartida os moradores praticamente quase não plantam lavouras de milho, arroz e feijão em suas pequenas propriedades.

Em terceiro lugar, a grande mobilidade que tem afetado os moradores que migraram em direção às cidades, diminuindo consideravelmente a densidade demográfica do

²⁶ Entrevista realizada em 26 de janeiro de 2008, com uma ex-habitante da Comunidade Água Limpa que atualmente mora na Cidade de Goiás.

território agualimpense. Quando ela diz que lá “virou sertão quase bem dizer”. Não é porque moram poucas famílias.

Sim, poucas em relação às que lá viviam até as décadas de 1970, 1980 ou princípio dos anos 1990. Mas, são muitas as famílias que ainda residem na Comunidade. Porém, em muitos casos os pais permanecem em suas glebas e residências na comunidade enquanto os filhos e filhas vão embora para as cidades em busca de trabalho ou estudo.

A cultura que é identificada a cada grupo étnico devido às suas relações inter-familiares é refletido por Oliveira (1976, p. 23) da seguinte forma:

A “cultura do contato”, entendida principalmente como um sistema de valores altamente dinâmico, portanto susceptível de fornecer o *rationale* das “flutuações” da identidade étnica (ou, em outros termos, a lógica da manipulação dessa identidade), poderá permitir a elaboração de uma tipologia capaz de conter diferentes “culturas do contato” e de conformidade com a maior ou menor distância e “oposição” das culturas em conjunção, da maior ou menor tensão e conflito entre os grupos étnicos em contato. Nesse sentido, essa “cultura do contato” pode ser mais do que um sistema de valores, sendo o conjunto de representações (em que se incluem também os valores) que um grupo étnico faz da situação de contato em que está inserido e nos termos da qual classifica (identifica) a si próprio e aos outros.

Portanto, “os processos sociais envolvidos na formação e manutenção da identidade são determinados pela estrutura social” (OLIVEIRA, p. 44). Que pode ser desempenhado em cada grupo social independente da sua origem étnica, social, econômica, cultural, de identidade, política ou de gênero. Suas ações grupais são fundamentais para a diferenciação cultural grupal, familiar e individual.

Outros momentos significantes para reunir as famílias na Comunidade de Água Limpa que atualmente deixou de acontecer são algumas traições e a festa junina realizada pelos moradores. A primeira, podendo acontecer algumas vezes durante o ano. A segunda, em todo mês de junho. A traição vem de trair ou surpreender o vizinho ou parente, é uma brincadeira com sentido de ajudar o traído. Uma senhora nos dizia em outro momento da entrevista demonstrando saudade do tempo em que eles(as) realizavam essas confraternizações familiares que deixaram de existir na comunidade: “Era treição. Treição. Cê sabe né de cantar na porta, outra hora num cantava na porta, no outro dia já chegava ali com as ferramentas pra ajudar aquela outra pessoa que tava apurada com roça”. Existiam duas formas de realizar a traição conforme a citação acima. Porém, com uma mesma finalidade.

Uma, onde toda a vizinhança se reunia em um determinado lugar, durante a noite, chegando em silêncio na casa do morador. Os traíçoeiros sempre com alguns instrumentos. Ao chegar à porta da residência todos começavam a cantar e tocar instrumentos. Também uma forma do dono do serviço ficar sabendo e se preparar melhor para o dia seguinte. Preparar os comes e bebes para os trabalhadores e trabalhadoras.

A outra, eles(as) se reuniam de manhã e chegavam na residência do que seria ajudado antes dele sair para o trabalho. Os homens iam com as ferramentas e as mulheres para ajudar no preparo da comida. Sempre no final do dia após terem trabalhado acontecia o baile sendo uma continuação da brincadeira e da confraternização entre as famílias.

Para Sahlins (2003, p. 96) “as relações de parentesco são constituídas por uma consciência reflexiva da composição do grupo então estabelecida. Elas são as expressões articuladas de arranjos residenciais, arranjos residenciais esses que, por sua vez, refletem as ‘condições fundamentais de vida’”.

A festa junina realizada no mês de junho foi durante muitos anos, momentos para reunir as famílias para festejar e realizar suas tradições. Tradições essas que por intermédio da fé e dos símbolos todos os rituais eram feitos, como cantoria, rezas e a construção de uma fogueira de lenha onde acontecia outros rituais.

Há aqueles(as) que quando o fogo diminuía restando apenas as brasas na fogueira de São João, os devotos passavam descalços em cima das brasas e não queimavam os pés. Uma maneira de demonstração de sua fé.

Realizavam também simbolicamente em volta da fogueira, batizados dos filhos ou filhas, sendo que a partir daquele momento ele(a) irá chamar o casal que o batizou de padrinho e madrinha e os pais se chamam de compadre e comadre.

São momentos que deixaram muitas saudades principalmente nos mais idosos porque muitos dos mais jovens não se lembram dessas manifestações, ou não eram nem nascidos. “O ato final para a cultura consiste na sua absorção, de uma maneira ou de outra, dentro da natureza” (SAHLINS, 2003, p. 105).

Podemos dizer que a absorção cultural entre os agualimpenses se dá por intermédio das narrativas e das manifestações culturais. Constantemente nos trabalhos de campo ouvimos histórias de algo que era feito em épocas pretéritas que não são praticadas atualmente. Os jovens ficam sabendo através das narrativas do pai, mãe, tio, tia e outros componentes da família.

É necessário dizermos que, “a cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela a principal base de sua especificidade” (GEERTZ, 1989, p. 58).

Segundo Sodré (1996, p. 85) cultura é o conjunto dos instrumentos de que dispõe a mediação simbólica para permitir ao indivíduo ou ao grupo a abordagem do real. Portanto, os instrumentos ditos culturais são individuais, coletivos ou grupais, postos à disposição de todos. O mesmo autor continua a relatar (p. 84-5):

Lembrança não é, assim, mera repetição, uma vez que nenhuma memória pura e simples poderia fazer reviver o passado. O reencontro com o passado só se dá na reconstrução da memória por um sistema de valores que coincide com o quadro social presente, ele próprio uma lembrança estável e dominante (a exemplo do mito como estrutura dinâmica de revelação do real), mas aberto à indeterminação da realidade.

Vale lembrar que a memória exerce um papel fundamental entre os agualimpenses. É através dela que as narrativas são repassadas para os mais jovens que não presenciaram muitos momentos marcantes na construção cultural das pessoas que compõe a comunidade de Água Limpa.

Não podemos deixar de mencionar os casamentos realizados entre os habitantes da comunidade. Porque além de ser um momento especial para o noivo e a noiva, “todas as famílias” se reúnem para prestigiar o matrimônio. Como diz um entrevistado que todas as reuniões marcadas em Água Limpa, seja de caráter festivo ou não todas as pessoas se reuniam.

Como diz Bauman (2003, p. 21) a “identidade significa ser diferente e uma diferença singular”, seja ela, individual, familiar ou de um grupo. A compreensão e o entendimento que existe entre os agualimpenses, mencionado em todas as entrevistas, não é uma linha de chegada, mas o ponto de partida de toda união comunitária.

Outras manifestações religiosas que eram realizadas em Água Limpa que há algum tempo deixaram de acontecer conforme depoimentos de entrevistados e entrevistadas são duas Folias: uma de São Sebastião e a outra do Divino Espírito Santo.

Um fato curioso, é que a maioria das manifestações aconteciam durante a noite. E como era muito difícil conseguir velas ou lanternas para todos(as) os(as) participantes eles(as) fabricavam artesanalmente velas com cera de abelha introduzindo em seu interior um cordão feito de linha de algodão. Dando possibilidade para cada um(a) ter sua própria vela para iluminar o percurso e usar nos rituais como rezas e procissões.

Nas festas, para ajudar e prestigiar não reuniam apenas os moradores da comunidade. Segundo relatos do atual embaixador da Folia de Reis, quase todos os anos estendiam convites a outras famílias que não faziam parte da comunidade. Mas eram foliões convidados para ajudar nas cantorias, fazendo um revezamento, ou seja, enquanto uns descansavam os outros iam cantar e fazer os agradecimentos.

Atualmente a maioria dessas práticas mencionadas deixou de existir e outras ainda acontecem não com a mesma frequência de antes. Pois, alguns fatores foram decisivos para mudanças tão significativas, entre elas, o desaparecimento de tantas manifestações culturais que eram realizadas em um período pretérito.

Entre outros vamos apontar dois fatores que podem ter sido decisivos para a supressão de tais realizações. O primeiro deles, a perda de várias lideranças por falecimento. Pessoas que sempre estavam à frente para ajudar e fazer com que os planos e as idéias se concretizassem. Inclusive houve o falecimento de dois líderes no final de 2006 os quais tivemos a oportunidade de conhecer.

Em segundo lugar, o deslocamento de várias famílias para diferentes cidades do Estado. Esse deslocamento retirou da Comunidade de Água Limpa, muitas outras lideranças que atualmente vivem nas cidades. De certa forma, a distância acaba interferindo no processo de organização e realização de práticas que são fundamentais para garantir uma identidade cultural que vem dos seus antepassados.

Nos dias atuais a “principal” manifestação cultural que acontece na comunidade, ou pelo menos a mais esperada por todos(as) é a Folia de Reis. Além do compromisso religioso dos devotos dos Três Reis Magos do qual já foi comentado no decorrer do texto, a Folia acaba sendo também um período de reencontro das famílias.

Num certo dia, ou melhor, no dia trinta de dezembro de 2007, em um pouso da bandeira dos Três Reis em Água Limpa conversávamos com um senhor que mora na cidade de Uruana, a pessoa que transporta os foliões durante o giro de casa em casa. Ele nos dizia: “essa Folia é muito importante para nós todos”. Continuando a conversa ele dizia “além da fé, a Folia acaba sendo um momento para a gente encontrar os parentes. Porque muitos aqui a gente só vê de ano em ano ou de Folia em Folia. Se acabar, muitos aqui a gente não vê tão fácil mais porque cada um mora em um lugar diferente”.

O deslocamento significante de tantas famílias de Água Limpa para o espaço urbano, provoca parcialmente “a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais,

das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2003, p. 309). O mesmo autor continua refletindo que:

Com isso refiro-me a dois processos: a perda da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas.

É compreensível que todas as culturas se desenvolvem em relação com outras culturas. Sendo que muitas migram do campo para as cidades, inclusive aconteceu muito com as folias. “Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento” (p. 348).

Percebemos através da abordagem de Canclini quando aponta que as culturas perdem relação exclusiva com seu território de origem, passando a fazer parte de múltiplas manifestações em diferentes partes de um país ou do mundo. Por exemplo, onde foi criada a Folia de Reis? E as Congadas? Assim, sucessivamente. A Folia de Reis de Água Limpa objeto de estudo do qual está sendo pesquisado não foi criação exclusiva dos agualimpenses nem pertence exclusivamente a eles.

Veja através do depoimento concedido na entrevista feita com o embaixador da Folia de Reis agualimpense, como foi o surgimento desse ritual na localidade:

A Folia de Reis foi criada lá assim: igual nós tava conversando lá aquela hora que nós gostava muito de ir lá pro Ribeirão²⁷ pra assistir a folia lá. Que nós era sempre chamado lá com esse povo lá. Depois nós passou pra ir pro São Roque²⁸. Era um ano num lugar, outro ano no outro. Nós se dava muito com aquele povo lá e eles com nós. E ajudava eles muito. Mas o meu pai tinha um negócio. Ele num gostava muito que nós saísse muito pra fora pra ficar muitos dias fora ele num ficava achando muito bão. Ele deixava a gente ir, mas num achava bom. Aí teve um ano que ele falou: olha meu filho, eu falei que queria ir tal e coisa. Eles até mando recado que é procê ir, mas vamos fazer o seguinte. Cê vai, ajuda eles lá mas quando for tal dia ocês vem que nós vamos levantar uma pra nós aqui também. Ocês vai pra lá e eu vou arrumar isso aqui. Ajeitar quem sabe uma noite só mas nós vamos levantar uma aqui.

Aí nós fomos. Parece que era dia de Natal. Eu num tô bem certo se foi dia de Natal ou se foi dia 26. Fomos pra lá. Quando foi no dia 5, já de tarde, depois do meio dia, nós viemos embora. Aí eu falei com a turma. A turma num queria deixar isso. Eu falei: não, eu tenho que ir que meu pai já deixou detalhado pra mim que eu viesse. Mas hoje eu tinha que voltar que nós tinha compromisso lá. Se os outros quisé ficar aí eles fica agora se num quiser nós vamos todo mundo embora. Eu também vou, eu também vou, eu também vou... Aí nós viemos todo mundo embora. Aí nós chegemos de tardinha desarriemos os animal e fomos lá pro ponto que tinha tratado. Já

²⁷ Localidade situada hoje no município de Guaraíta antes pertencente ao território de Itapuranga.

²⁸ Localidade também situada em Itapuranga.

que era pra nós reunir. Aí nós arreunimos. Iniciou meia noite. Iniciou a saída da bandeira. Fizemos uma cantoria no altar, chegemos até cedo, mas ele falou: não. Vamos esperar dar meia noite. A hora que der meia noite... A hora que der onze horas, nós canta e meia noite nós sai. Aí deu onze horas nós fez a cantoria no altar, faltava negócio duns cinco ou dez minutos pra meia noite... Vamos dar um prazinho. A hora que der meia noite, nós retira a bandeira. A hora que deu meia noite nós saiu com a bandeira. Quando foi ali mais ou menos seis horas, cinco e meia a seis horas nós chego no altar de novo.²⁹

Isso aconteceu há mais ou menos uns 60 anos atrás. No entanto, a Folia continua a ser realizada todos os anos na Comunidade de Água Limpa e em moradores da vizinhança. Nas folias sempre há um intercâmbio cultural entre os foliões, ou seja, foliões de uma determinada folia serem convidados para ajudar em outra como acontecia e acontece em Água Limpa.

Para Canclini (2003, p. 350) “as práticas culturais são mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, às vezes operam como uma ação”. Isso serve para todos os grupos culturais agrupados ou não em instituições, empregam a ação simulada, a atuação simbólica.

Voltando a falar da Folia de Água Limpa, dos participantes e devotos. São vários os motivos e promessas que levam à participação na Folia. No primeiro momento “todos” são movidos pela fé. Porém, “com base apenas na razão, não podemos penetrar os mistérios da fé. No entanto, esses mistérios não contradizem, mas completam e aperfeiçoam, a razão” (CASSIRER, 1994, p. 121). Assim sendo, o pensamento religioso, não está de modo algum em oposição, necessariamente, ao pensamento racional.

A realização da Folia de Reis de Água Limpa, além de ser uma manifestação cultural e identitária, onde são diversos os motivos que garantem a presença e a participação dos devotos, é também um período esperado por “todos(as)” para o reencontro entre as famílias que moram na comunidade e as que mudaram dela. As famílias que se deslocaram para espaços urbanos representam um número significativo de pessoas. Entre esses migrantes estão alguns dos principais foliões e líderes.

Dentre outros, existem duas lideranças principais na Folia de Água Limpa que são o embaixador e a rezadeira. Mesmo a fé e o compromisso que ele(a) têm com a continuidade dessa prática cultural, este senhor e esta senhora foram escolhidos para assumir tais funções.

Ao mencionar a palavra escolhido, não se refere a uma escolha feita pela comunidade, mas por um líder comunitário. Pois, ela aconteceu por apontamento daquele que

²⁹ Entrevista feita no dia 26 de janeiro de 2008, tendo como entrevistado Joaquim Corrêa da Silva o atual embaixador e chefe da Folia como eles falam.

era o “principal” líder naquele momento e é considerado por todos os agualimpenses um dos principais que a comunidade já teve em toda sua história.

Podemos observar a seguir através de uma entrevista feita com o principal líder da Folia atualmente, filho desse ex-líder comunitário. Quando perguntamos de que forma a liderança que ele e ela (Joaquim Corrêa da Silva e Cecília) exerciam na comunidade teria acontecido, tivemos a seguinte resposta:

Não. Ela não foi tão escolhida. Quando o meu pai tava hospitalizado já e foi preciso de ir embora. Eu com ele no hospital e sempre ele chorava, chorava, clamava pra mim e eu procurava: o que que é pai? Nada não filho é porque esse ano eu num vou... Porque um ano antes ele já tinha me tocado e falado isso pra mim. Eu até tava trabalhando numa fazenda aculá e mandou recado pra mim vim e ele falou: Eu mandei recado procê vir, procê ir lá pra Água Limpa. Ele num falava Eugênio, ele falava Baiano. Procê ir lá no Baiano iniciar os pouso lá. Vê como que vai ser.

Teve um ano, ele pegou a festa pra fazer lá na casa da Idalina. Quando foi vespano a data pra tirar a bandeira fui e cheguei nele e falei: Olha meu pai, quase que o senhor podia bem ceder essa coroa pra outro que como que nós vai arrumar? O senhor que é o embaixador, o senhor que é o rezador, eu num dou conta, num tem mais nenhum que vai suprir essa falta. Ele falou: Não meu filho, eu num vou entregar a coroa pra ninguém não. Eu peguei ela e talvez seja só esse ano que eu vou ajudar ocês. Falei: não, isso é brincadeira e rezado eu vou nos pouso rezar. Só num vô acompanhar ocê com a bandeira, mas eu vou lá nos pouso rezar. Cantoria se for preciso fazer eu fico esperando pra fazer, mas o giro é ocê que vai fazer. O giro é ocê que faz.

O que ele falava a gente num podia teimar, né? Assim mesmo, sem saber eu tocava. Mas Deus é tão grande, às vezes parece que ajuda a gente demais né, o giro a gente fazia. Aí foi indo, foi indo... Pra chegar no pouso, fui saber se ele tava lá no pouso esperando nós. Não, ta não. Mandei atrás dele. Falou assim: Não ele num vai vir não, ele ta passando mal, disse que é procê se virar aí. Falei: Agora danou né! Num dou conta não. Num sei se o senhor conheceu ele, aquele senhor o Chico de Deus naquele pouso lá de cima da cerra, ele é muito conselheiro ele falou não meu filho tem medo disso não, os Três Reis vai dar força procê e acaba que nós tudo é da família, algum erro que tiver ninguém vai reparar não nós tudo é da família sabe, porque cê num é dessa parte.. Depois ele garro me elogiar e falou não meu filho cê num saiu tão ruim assim não, ta bem feito. Passou, passou nós fez a festa e aí quando em abril aí num teve perdão mesmo não, aí adoeceu e morreu. Lá no hospital ele falava: meu filho, num quero que ce deixa a bandeira se Santos Reis parar não. Num deixa a folia acabar não. Ce vai ter que ficar atento porque essa folia é oce que vai ter que tomar conta enquanto vida oce tiver. É oce, cumpade Chico e Eugênio. Seis três vai tomar conta. Falei mas num tem quem canta, num tem quem reza pra nós. Ele falou: Tudo que eu sabia eu ensinei pra Cila. Ela escreveu tudo que eu sabia, eu mandei ela escrever. E cantoria não. Cantoria ocê tem muito amigo aí. Do jeito que eu aprendi, ocê aprende também. Porque eu também

num sabia nada não, mas com fé na bandeira dos Três Reis, cês acha que eu faço muito. Eu num faço nada.³⁰

No depoimento foi colocado que o senhor Ingrácio Corrêa da Silva escolheu ele(a) e pediu que enquanto vida e força ele(a) tiver não é para deixar a liderança e nem a Folia acabar. Porque, “nossas idéias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais” (GEERTZ, 1989, p. 62).

Diante de tudo que foi escrito em relação à Folia de Reis de Água Limpa e os diferentes motivos que levam seus devotos a comparecerem todos os anos, o reencontro com os familiares também está inserido nesse processo. Para os agualimpenses a união e o bom relacionamento entre as famílias fazem parte da cultura comunitária.

Queremos aqui dizer que, em todas as entrevistas que foram feitas, tanto com aqueles(as) que moram atualmente na comunidade ou com as famílias que se deslocaram para espaços urbanos ambos falaram a mesma coisa: a união existente entre as famílias que compõem a população agualimpense.³¹

O “esvaziamento” familiar que tem ocorrido na Comunidade nos últimos anos deixa saudade para os que permanecem na comunidade e para aqueles(as) que migraram. Portanto, sem dúvida a Folia não deixa de ser um momento para esses encontros e reencontros familiares. O contato pessoal entre os que mudaram e os que permanecem na maioria dos casos ocorre no período de realização da Folia, ou seja, de ano em ano.

Com exceção dos mais idosos e crianças, a maioria trabalha de empregados. Impossibilitando o comparecimento na comunidade em outras épocas do ano. Pois, as férias são negociadas ou parte delas, para o período de realização da Folia. Fazendo várias coisas durante esse intervalo de tempo, entre elas, festejar e rever os parentes: “A família e a comunidade local constituem as matrizes que asseguram a transmissão de uma parte essencial da vida social” (CLAVAL, 2001, p. 119). Que por sua vez define a identidade cultural que as mesmas estão inseridas. Sendo um referencial para cada grupo étnico.

A importância entre homem e cultura pode ser definida da forma, como diz Geertz (1989, p. 61) nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura, não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura. Dessa forma, sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens.

³⁰ O mesmo líder fala como se deu a escolha dele e dela para assumir tais funções. Na continuação da entrevista realizada no dia 26 de janeiro de 2008.

³¹ Como em toda família pode e deve haver divergências pessoais, mas essas não foram indicadas no trabalho de campo.

Capítulo III - Fotografias

Foto 39: Agradecimentos e pedidos de forma coletiva.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 40: Devota faz suas preces.



Fonte: Antonio Ferreira Leite, 2007.

Foto 41: O primeiro da direita é o proprietário da casa onde acontece a festa nos últimos dois anos.



Fonte: Douglas Silva, 2008.

Foto 42: As pessoas se reúnem para a festa final.



Fonte: Douglas Silva, 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho dissertativo entendemos que a identidade cultural no que se refere às comunidades negras quilombolas, indígenas ou qualquer outro agrupamento étnico, a ciência geográfica “deixa a desejar”. Os profissionais da Geografia que estão dispostos a fazer essa discussão em relação às comunidades negras, quilombolas, indígenas etc. não são muitos, mas têm aumentado nos últimos anos. A nosso ver ainda é pouco em relação a outras ciências como a antropologia, sociologia e a história que também discute essa temática.

Através dessa pesquisa, estamos trazendo para debate um assunto inesgotável referente à identidade cultural da Comunidade Quilombola Água Limpa, em sua relação com o território. Inesgotável porque verifica-se tanto na recriação de práticas, tradições culturais, incorporações de valores fatores fundamentais que fazem com que a cultura seja dinâmica.

No estudo das relações entre a identidade cultural e o território, tendo como referência a Comunidade Negra Rural Água Limpa, há que se reconhecer as estratégias que os(as) moradores(as) realizam para a construção e reconstrução de suas atividades diárias, que conseqüentemente resulta na cultura de cada homem e mulher que sem dúvida são os(as) principais atores e atrizes que incorporam determinados saberes e são repassados para os mais jovens garantindo assim, a continuidade de suas manifestações e tradições culturais.

Dizemos que as histórias e geografias locais fazem a diferença. Ou seja, estão registrada no seio do vivido, naquilo que lhe dá substância na cultura, garantindo a sua existência. Esses valores tradicionais dão uma posição central na visão de mundo destes sujeitos. Portanto, cada agregado social territorializado, seja em Água Limpa ou aqueles que deslocaram para o espaço urbano é constituído e reconhecido por sua identificação coletiva e sua cultura.

A pesquisa pode ser uma ferramenta que nos dê condições de representar o que está acontecendo no território, independente de qual seja. Pode também apontar indicadores para o processo de reconhecimento das identidades culturais que diferencia uma comunidade ou grupo de outra(o).

Nossa intenção com essa Dissertação não é de estruturar propriamente uma conclusão, mas deixar algumas “provocações” para debate. Porém, o que este texto dissertativo mostrou é que a própria identidade cultural tem múltiplas faces, sendo que cada

uma têm sua importância na construção identitária, cultural, social, religiosa, econômica e política.

Acreditamos assim, estar contribuindo não apenas para o entendimento das relações dos sujeitos desta comunidade negra. Mas, as construções identitárias e culturais que são o resultado dessas relações familiares e comunitária.

Simultaneamente buscando compreender a realidade dessas pessoas que sem dúvida são as principais precursoras dessas práticas e tradições culturais que lhes dão sentido e significado. Assim, garantindo a continuidade de novos saberes e outros ensinados por seus antecedentes, fazendo com que a riqueza da identidade cultural e sua diversidade tenha conseguido manter-se por tantas décadas de forma tão presente em cada homem ou mulher que compõe a referida Comunidade Negra Rural.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maurício de Almeida. A Apropriação do Território no Brasil Colonial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). *Explorações Geográficas: Percursos no Fim do Século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 197-246.
- ALMEIDA, Orlando Francisco da Rocha. Transformações no Padrão Demográfico de Goiás nas Últimas Décadas. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (org.) *Abordagens Geográficas de Goiás: O Natural e Social na Contemporaneidade*. Goiânia: IESA, 2002, p. 119-146.
- AMARAL, Rita de Cássia. O Tempo de Festas É Sempre. *Travessias: Revista do Migrante. Informando*. Publicação do CEM – Ano VI, Nº 15, janeiro/abril 1993, p. 08-10.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *O Espaço Geográfico dos Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil*. Terra Livre. São Paulo: n. 17. 2º semestre/2001, p. 139-154.
- BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. *Região da Estrada do Boi: Usos e Abusos da Natureza*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual*; Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- BONNEMAISOM, Joel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) *Geografia Cultural: Um Século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-132.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “*A Folia de Reis de Mossâmedes*”. Rio de Janeiro - JR: Funarte. 1977.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- CANESIN, Maria Tereza & SILVA, Telma Camargo da. *A Folia de Reis de Jaraguá*. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular, 1983.
- CORRÊA GIL, Ana Helena; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Identidade Religiosa e Territorialidade do Sagrado: Notas para uma Teoria do Fato Religioso. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 39-56.

- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- _____. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Explorações Geográficas: Percursos no fim do Século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 89-118.
- COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123.
- _____.Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) *Geografia Cultural: Um Século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, p. 33-60.
- COSTA, Benhur Pinos da. As Relações Entre os Conceitos de Território, Identidade e Cultura no Espaço Urbano: Por uma Abordagem Microgeográfica. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) *Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 79-114.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. 4 ed. Revista ampliada. Rio de Janeiro, 1985.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- FEATHERSTONE, Mike. *O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-modernismo e Identidade*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1997.
- FRANCISCO, Dalmir. Comunidade, Identidade Cultural e Racismo. In: FONSECA, Maria Nazareth (Org.). *Brasil Afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 117-152.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- _____. *O Saber Local: Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do eu na Vida Cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOMES, Paulo César da Costa. Cultura ou Civilização: A Renovação de um Importante Debate. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 99-122.
- GORZ, André. *Metamorfoses do Trabalho: Crítica da Razão Econômica*. Tradução de Ana Montoia. São Paulo: Annablume, 2003.

- HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBSBAWN, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 09-24.
- IANNI, Octavio. Nação: Província da Sociedade Global?. In: SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. e SOUZA, Maria Adélia A. de. (Org.) *Território: Globalização e Fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 1994, p. 77-84.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico* 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- LOPES DE SOUZA, Marcelo José. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 77-116.
- LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (Re)Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 09-28.
- LUIZ DOS SANTOS, José. *O Que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- MAGALHÃES, Nancy Alessio. Terra: Memória, Imagem e Raízes da Vida. Dossiê: História Atlântica. *Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB*. Brasília: UnB, vol. 12 n. 1/2, 2004.
- MAIA, Carlos Eduardo Santos. O Retorno para a Festa e a Transformação Mágica do Mundo: Nos Caminhos da Emoção. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 177-199.
- MARTINS, Pedro. Deslocamentos e Itinerários: Uma Caracterização da Comunidade Cafuza. In: MARTINS, Pedro. (org.) *Sertão de Azulá!: A Comunidade Cafuza em Perspectiva*. Florianópolis: NUER, 2001, p. 19-38.
- MELLO CORRÊA, Aureanice de. “Não Acredito em Deuses que não Saibam Dançar”: A Festa do Candomblé, Território Encarnador da Cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato &

- ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) *Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 141-172.
- OLIVEIRA, Irene Dias. Tradição Africana: Espaço Crítico e Libertador. In: SILVA, Marilene da. & GOMES, Uene José. (orgs.) *África, Afrodescendência e Educação*. Goiânia: Ed. da UCG, 2006, p. 45-58.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- PALACIN, Luiz. *História de Goiás*. 6. ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1994.
- PEDROSO, Carlos. *Folia de Reis: Folclore Encantado*. Uberaba: C. Pedroso, 2003.
- PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em Festa: Gestos de Ensinar e Aprender na Cultura Popular*. Goiânia: Ed. da UCG; Ed. Kelps, 2005.
- Prefeitura Municipal de Crixás. *A Imprensa Fala* (on line). Maio 2008. Disponível: <http://www.ferias.tur.br/informacoes/2145/crixas-go.html>. (acessado em 5 de maio de 2008).
- QUEIROS, Maria Isaura de. *O Campesinato Brasileiro: Ensaio Sobre Civilização e Grupos Rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- RATTS, Alecsandro J.P. (Re)Conhecer Quilombos no Território Brasileiro Estudos e Mobilizações In: FONSECA, Maria Nazareth. (org.). *Brasil Afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 307-326.
- _____. A Geografia Entre as Aldeias e os Quilombos: Territórios Etnicamente Diferenciados In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro J.P. (orgs.). *Geografia: Leituras Culturais*. Goiânia: Ed. Alternativa. 2003, p. 29-48.
- _____. *O Mundo é Grande e a Nação Também: Identidade e Mobilidade em Territórios Negros*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.
- RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel. *A Festa do Povo: Pedagogia de Resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Política e Religião. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 09-38.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamento Teórico e Metodológico da Geografia*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____, *O Espaço do Cidadão*. 5. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

_____, Milton. O Retorno do Território. In: SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. e SOUZA, Maria Adélia A. de. (orgs.) *Território: Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 15-20.

SCHMITT, Alessandra. Reflexões Sobre o Relacionamento da Comunidade Cafuza com a Sociedade “Branca” Abrangente. In: MARTINS, Pedro. (org.) *Sertão de Azulá!: A Comunidade Cafuza em Perspectiva*. Florianópolis: NUER, 2001, p. 39-54.

SILVA, Sidney A. da. Tradições Religiosas e Cultura no Brasil. *Travessias: Revista do Migrante. Informando*. Publicação do CEM – Ano XVI, Nº 46, Maio/Agosto 2003, p. 27-30.

SILVA COSTA, Maria Cristina. Entre o Rural e o Urbano. *Travessias: Revista do Migrante. Informando*. Publicação do CEM – Ano VI, Nº 15, janeiro/abril 1993, p. 05-07.

SODRÉ, Muniz. *A Verdade Seduzida*. Rio de Janeiro: DP&A, 3. ed. 2005.

_____, Reinventando a Cultura: A Comunicação e Seus Produtos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Território do Outro, Problemática do Mesmo? O Princípio da Autonomia e a Superação da Dicotomia Universalismo Ético Versus Relativismo Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato. e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 145-176.

SOUZA MARTINS, José de. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

_____, *Os Camponeses e a Política no Brasil*. As Lutas Sociais no Campo e seu Lugar no Processo Político. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): S. NETO, Agenor Crescencio de. ARRAIS, Cândida Arlete Santana & CAMARGO, Marlízia da Silva R. “*Família Corrêa da Silva*” – *Descendentes de Escravos da Província de Goiás – Um Estudo de Caso*. 2001. 31 f. TCC apresentado ao Curso de História da Unidade Universitária Cora Coralina para obtenção do grau de Licenciado(a) em História-Magistério.

WALTER, Tânia. As Relações /de Gênero na Comunidade Cafuza. In: MARTINS, Pedro. (org.) *Sertão de Azulá!: A Comunidade Cafuza em Perspectiva*. Florianópolis: NUER, 2001, p. 75-90.

ANEXOS

ANEXO A - Lista de Entrevistados

- Joaquim Corrêa da Silva
- Julieta Corrêa da Silva
- Nonila de Deus Passos
- João José dos Santos
- Manoel Pinto Barroso
- Iraní [S.I.], 2008.
- Cecília [S.I.], 2007.
- José (Zezão) [S.I.], 2006.

ANEXO B - Roteiro das Entrevistas para os(as) Moradores(as) da Comunidade

Entrevista concedida no dia ----- do mês de ----- de 2007, por ----- idade -----

1. Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora em Água Limpa?
2. O(a) senhor(a) gosta de morar em Água Limpa? Por quê?
3. O(a) senhor(a) sabe a quanto tempo existe a comunidade Água Limpa?
4. O número de famílias que moram hoje em Água Limpa tem aumentado ou diminuído?
5. Quais os animais criados pelas famílias de Água Limpa?
6. Como é a produção agrícola aqui em Água limpa? O que se produz? Qual o destino desses produtos?
7. Hoje em dia, para viver na zona rural, quais são as maiores dificuldades encontradas?
8. Qual aprendizado que você teve com seus pais ou outro(a) pessoa da família que você gostaria de destacar?
9. Após concluir os estudos na escola de Água Limpa onde os filhos de vocês continuam os estudos? De que forma eles vão?
10. Por quem foi criada a folia de reis em Água Limpa?
11. Há quanto tempo foi criada a Folia de Reis em Água Limpa?
12. Como foi a criação da Folia?
13. Quais as principais dificuldades para acompanhar a folia?
14. A folia é um momento de realização através da fé, mas também é um momento para reunir as famílias?
15. Os rituais usados na folia são repassados para os mais jovens mantendo a tradição dos mais velhos ou de uma folia para outra há mudanças?
16. Os que mudaram conseguem comparecer todos os anos na folia?
17. A mudança de tantas pessoas de Água Limpa prejudicou ou prejudica na realização da folia?
18. Durante os últimos dois anos eu participei da folia e percebi uma grande participação das mulheres ajudando na Folia sempre foi assim? Elas sempre participaram?
19. O que significa a folia de reis para quem mora em Água Limpa?
20. O(a) senhor(a) faz ou já fez voto alguma vez aos Santos Reis?
21. Na folia, percebe-se que tem algumas lideranças alguns encargos de que forma o(a) senhor(a) assumiu sua função na folia?
22. O que a folia significa para o/a senhor/a?

ANEXO C - Roteiro das Entrevistas para os(as) Moradores(as) que Mudaram da Comunidade para Cidades

Entrevista concedida no dia --- do mês de ---- de 2007, por ----- idade -----

1. O(a) senhor(a) sabe (quanto tempo existe) a comunidade Água Limpa?
2. Qual aprendizado que você teve com seus pais ou outro(a) pessoa da família que você gostaria de destacar?
3. Os rituais usados na folia são repassados para os mais jovens mantendo a tradição dos mais velhos ou de uma folia para outra há mudanças?
4. O que a folia significa para o/a senhor/a?
5. O(a) senhor(a) faz ou já fez voto alguma vez aos Santos Reis?
6. A folia é um momento de realização através da fé, mas também é um momento para reunir as famílias?
7. O(a) senhor(a) morou em Água Limpa? Quantos anos?
8. Há quanto tempo que o(a) senhor(a) mudou de Água Limpa?
9. O que levou vocês a mudar de Água Limpa?
10. Você acha melhor onde atualmente reside ou em Água Limpa?
11. (que recordações o/a senhor/a guarda de Água Limpa?
12. Quais as principais dificuldades encontradas para ir à folia?
13. A mudança de tantas pessoas de Água Limpa prejudicou ou prejudica na realização da folia?
14. Os que mudaram conseguem comparecer todos os anos na folia?
15. É necessário fazer uma conciliação no trabalho na época da folia? Quais?
16. Por quem foi criada a folia de reis em Água Limpa?
17. Durante os últimos dois anos eu participei da folia e percebi uma grande participação das mulheres ajudando na folia sempre foi assim? Elas sempre participaram?
18. Na folia, percebe-se que tem algumas lideranças (alguns encargos) de que forma o(a) senhor(a) assumiu sua função na folia?